

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Denise Mairesse

Condição de Morbidez:
uma vacilação ao trágico?

Porto Alegre
2009

Denise Mairesse

Condição de Morbidez:
uma vacilação ao do trágico?

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Margareth Schäffer

Porto Alegre

2009

Denise Mairesse

Condição de Morbidez:
uma vacilação ao trágico?

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 27 de abril de 2009.

Profa. Dra. Margareth Schäffer - Orientador

Profa. Dra. Simone Moschen Rickes - UFRGS

Profa. Dra. Liliâne Seide Froemming - UFRGS

Profa. Dra. Cláudia Maria Perrone - UFSM

*Ao meu sobrinho e afilhado Henrique Vitor Mairesse
que com sua chegada e alegria inspira a todos para
o enfrentamento dos mais diversos desafios.*

HOMENAGENS E AGRADECIMENTOS

HOMENAGEM 1

Agradeço em especial à realização desta pesquisa a FAGED e ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS por ter me recebido entre seus alunos, pesquisadores e ao mesmo tempo a reconhecer-me enquanto professora da Graduação desta mesma faculdade no mesmo período em que foi cursado o Doutorado. Agradeço a oportunidade de ter me tornado, além de psicóloga e psicanalista, também, educadora. Nesse sentido, minha homenagem é a todos os professores e diretores destes programas, àqueles com quem dialoguei, troquei e aprendi, sobretudo, a minha orientadora Profa. Dra. Margareth Schäffer que, além de co-responsável por esta pesquisa, fez-se presente como uma querida amiga. Agradeço também, de modo especial, à Profa. Dra. Simone M. Rickes por sua brilhante participação na leitura, compreensão e direcionamento desta pesquisa desde quando ainda era apenas um projeto e à Profa. Dra. Kathrin H. Rosenfield que me acolheu em sua disciplina sobre o trágico com o mesmo cuidado e interesse que tem por seus orientandos, enriquecendo com seu conhecimento esta pesquisa. Ainda, cabe lembrar o Prof. Dr. Fernando Becker e a Profa. Dra. Denise Maria Comerlato pelas companhias valorosas e momentos de grande aprendizagem na hora do cafezinho, o que fez possível Piaget se atravessar no meu desejo, mesmo que esse apareça somente indiretamente em algumas idéias dentro deste tema, mas intensamente nas aulas ministradas por mim nos cursos de Pedagogia e de Licenciatura .

HOMENAGEM 2

Agradeço a Srta. H – sujeito do estudo de caso desta tese – pela sua disponibilidade e interesse por esta pesquisa, as quais foram preciosas para a realização das entrevistas e construção das idéias aqui trabalhadas.

HOMENAGEM 3

Agradeço ao Prof. Jefferson Pereira de Almeida por sua dedicação, disponibilidade e colaboração com as traduções do Alemão para o Português de alguns trechos da obra de Freud. Ao Prof. Dr. Johannes Doll e seu grupo de estudo da língua Alemã e a Hans-Ulrich Kaup, bibliotecário do Instituto Goethe de Porto Alegre, também, por sua dedicação, disponibilidade e colaboração com as traduções do Alemão para o Português de alguns trechos da obra de Freud e Goethe.

HOMENAGEM 4

Agradeço a minha família, amigos e ao colega Ilvo Fernando Port pela compreensão e apoio na realização de mais um sonho em busca do conhecimento. Em especial à Dóris Fialcoff, querida amiga que, com sua competência e arte na relação com o texto, fizeram diferença na escrita deste trabalho, ao grande amigo Prof. Dr. Maurício Scheinman da PUCSP que com sua sabedoria na área do Direito enriqueceu e contribui com esta pesquisa e, ainda, à querida e sempre presente amiga Profa. Dra. Patrícia Alexandra Behar que, além do carinho e da força nos momentos de trabalho, facilitou a formatação desse disponibilizando sua equipe da qual destaco Ariane Nichele Cesar Longaray e Larissa Ebeling pela dedicação e competência.

Os demais agradecimentos vão para minha analista Lúcia Serrano Pereira, pacientes e alunos que muito me ensinaram sobre a escuta do trágico, sobre o desejo e a perceber o belo neste desafio.

“Embaixo de um velho indestrutível, ainda crescente Carvalho eles estão [...] um ao lado do outro, os graciosos jovens. O menino, de pernas cruzadas está em pé, não sabe dizer nada, não consegue pensar sobre a perda. Sobre perdas não se pensa, perdas somente se sente. Mas a esbelta, bonita, bem torneada pastora se encostou inconformada nos seus ombros, ela se sente melhor, ela pode chorar, ela paga no presente, o que no futuro se pagaria com altos juros.”
(Goethe, 1910, p. 190) (tradução nossa)¹

¹ Este trecho foi traduzido informalmente por Kaup, bibliotecário do Instituto Goethe de Porto Alegre em 2006.

RESUMO*

Esta pesquisa de Doutorado trabalha e apresenta uma idéia em torno dos sintomas contemporâneos que vem se constituindo desde a modernidade e se consolidando em novos modos de subjetivar. A partir do olhar da autora, observou-se uma posição do sujeito frente ao seu fantasma desde uma cultura que demonstra uma fragilidade da função paterna e que, assim, o convoca a outras formas de gozo. Percebe-se uma vacilação do sujeito a lidar com o mal-estar e com a falta característica da condição humana, buscando, então, refugiar-se aquém de uma posição desejante, excluindo-se de fazer um confronto com o trágico característico dessa posição. A esse modo de subjetivar a autora denomina *Morbidez*. Assim, a presente pesquisa trabalha sobre a idéia de *Morbidez*, designando a este termo um outro significado, que não o usual pela Língua Portuguesa, contextualizado nos processos de subjetivação característicos da contemporaneidade. Buscou-se realizar esta tese a partir da argumentação teórica conceitual desde, principalmente, a psicanálise de Freud e Lacan que visa dar estilo e forma a essa idéia. Trata-se, então, de pensar a *Morbidez* como uma vacilação a transpor a linha que inscreve o sujeito no trágico da existência humana, uma posição fantasmática frente ao Outro primordial que coloca o sujeito no lugar de objeto e determina o seu desejo. Para tanto, os conceitos de trágico, Outro, gozo e pulsão foram fundamentais para essa formulação. A *Morbidez* por si não existe, ela se apresenta e se constitui de um modo singular em cada sujeito. Realiza-se articulada sempre aos sintomas que o sujeito produz. Portanto, para analisar essas questões, o trabalho se desenvolveu junto ao estudo de um caso de *Morbidez* na Obesidade e Obesidade Mórbida. Assim, no segundo momento desta pesquisa se analisou o trabalho da pulsão e do gozo desde o caso mencionado e, para finalizar, realizou-se um diálogo entre o trágico e a psicanálise, já discutido na primeira parte, percorrendo, principalmente, a tragédia de Antígona e de Hamlet pelo olhar de Lacan para efetuar o trabalho de análise. O que interessa à problematização da idéia de *Morbidez* é a lógica que a constitui e sua relação com o trágico no que diz respeito à ética do desejo. É a ética da psicanálise pautada pelo desejo que mais interessa a essa discussão.

Palavras chaves: **Psicanálise. Morbidez. Trágico. Lacan, Jacques. Freud, Sigmund.**

* MAIRESSE, Denise. **Condição de Morbidez: uma vacilação ao trágico?** Porto Alegre: UFRGS, 2009. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RÉSUMÉ*

Cette recherche de doctorat se propose d'analyser et de présenter une réflexion sur les symptômes contemporains qui se constituent depuis la modernité et se consolident en de nouveaux modes de subjectivation. Dans une culture où la fonction paternelle est fragilisée, la position du sujet devant son fantasme entraîne d'autres formes de jouissance. Il a du mal à faire face au malaise, et le manque caractéristique de la condition humaine l'amène à tenter de se réfugier en deçà d'une position désirante et à s'exclure de la confrontation avec le tragique spécifique de cette position. C'est ce mode de subjectivation que l'auteur nomme Morbidité. Ainsi, la recherche travaille sur l'idée de Morbidité en lui donnant un autre sens que celui habituellement rencontré, contextualisé dans les processus de subjectivation caractéristiques de la contemporanéité. L'argumentation théorique conceptuelle se base principalement sur la psychanalyse de Freud et de Lacan, qui vise à donner style et forme à cette idée. Il s'agit de penser la Morbidité comme une difficulté à transposer la ligne qui inscrit le sujet dans le tragique de l'existence humaine, une position fantasmatique en face de l'Autre primordial qui met le sujet à la place de l'objet et détermine son désir. Pour ce faire, les concepts de tragique, Autre, jouissance et pulsion se sont avérés fondamentaux. La Morbidité en soi n'existe pas, elle se présente et se constitue d'une manière singulière pour chacun, en plus d'être toujours articulée aux symptômes produits par le sujet. Pour analyser ces questions, le travail s'est développé à partir de l'étude d'un cas de Morbidité dans l'obésité et d'obésité morbide. Dans un second temps, l'auteur se penche sur le travail de la pulsion et de la jouissance du cas en question, avant de reprendre le dialogue déjà évoqué dans la première partie entre le tragique et la psychanalyse. Ce dialogue se fonde sur la tragédie d'Antigone et d'Hamlet telle qu'elle est perçue par Lacan. La problématisation de l'idée de Morbidité est motivée par l'étude de la logique qui la constitue et son rapport au tragique en ce qui concerne l'éthique du désir. C'est l'éthique de la psychanalyse fondée sur le désir qui intéresse le plus cette discussion.

Mots-clés: Psychanalyse. Morbidité. Lacan, Jacques. Freud, Sigmund.

* MAIRESSE, Denise. **Condição de Morbidez: uma vacilação ao trágico?** Porto Alegre: UFRGS, 2009. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

De – Denise

Dr. - doutor

Dra. – doutora

IMC – índice de massa corporal

Kg - quilograma

Profa. - professora

Prof. - professor

Srta. - senhorita

LISTA DE SÍMBOLOS

H - Pseudônimo do sujeito entrevistado.

a - Objeto causa do desejo, a falta.

\$ - Sujeito barrado.

K - Empresa que a Srta. H trabalhou como promotora.

W - Empresa de telemarketing, primeiro emprego da Srta. H.

P - Primeiro namorado da Srta. H.

J - Chefe de H na K e segunda relação amorosa.

S - Marido da amiga Moni e chefe de J e da Srta. H.

Z - Atual empresa em que trabalha.

C – sobrinha da Srta. H

V- Amiga e colega de trabalho da Srta. H.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA.....	14
1.2 DE UM TEMA A UMA TESE: construções e configuração.....	18
I PARTE – MORBIDEZ: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDÉIA	
2 MORBIDEZ, SUBJETIVAÇÃO E LAÇO SOCIAL: novas formas de gozar na contemporaneidade	25
2.1 SUBJETIVAÇÃO, MODERNIDADE, POLÍTICA E O CAPITALISMO.....	28
2.1.1 Subjetivação, Modernidade, Política, Capitalismo e o Nome-do-Pai	32
2.1.1.1 Subjetivação, Modernidade, Política, Capitalismo, Temporalidade e o Gozo na Contemporaneidade.....	37
3 MORBIDEZ, PULSÃO E GOZO: um recorte	46
3.1 O TRABALHO DA PULSÃO NA MORBIDEZ.....	51
3.1.1 A Morbidez e o Seu Gozo.....	58
4 MORBIDEZ: uma condição de vacilação ao trágico?	62
4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRÁGICO: entre a Filosofia e a psicanálise	64
4.1.1 O Recorte Lacaniano: entre a psicanálise, as tragédias e o trágico.....	74
II PARTE - MORBIDEZ NA OBESIDADE – UM ESTUDO DE CASO	
5 MORBIDEZ NA OBESIDADE: constituição de um lugar sem escolha?	85
5.1 O TRABALHO DA PULSÃO E O GOZO NA CONDIÇÃO DE MORBIDEZ NA OBESIDADE.....	91
5.1.1 Pulsões Parciais: entre a boca e olho	92
5.1.1.1 Pulsão Oral.....	92
5.1.1.2 Pulsão Escópica.....	101
5.1.1.2.1 <i>Srta H: entre o olhar e o ver</i>	103
5.1.1.3 Entre o Ver, o Olhar e o Comer.....	113
6 MORBIDEZ NA OBESIDADE: uma condição de vacilação ao trágico	115
7 MORBIDEZ: escritos finais sobre uma idéia?	135
REFERÊNCIAS	139

APÊNDICES	146
APÊNDICE A - PRIMEIRA ENTREVISTA.....	146
APÊNDICE B - TERCEIRA ENTREVISTA.....	157
ANEXO	168

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a trabalhar sobre a idéia de *Morbidez*², designando a este termo um outro significado contextualizado nos processos de subjetivação característicos da contemporaneidade. É resultado de diversos momentos percorridos durante os primeiros anos do curso de Doutorado da autora em questão, da desconstrução de um antigo objeto de interesse para a pesquisa e da construção de um novo objeto. Percurso esse acompanhado pela interlocução com a Profa. Dra. Margareth Schäffer em sessões formais e informais de orientação e fruto também da construção coletiva realizada na disciplina de Pesquisa em Educação, Subjetividade e Linguagem I, onde a escuta e as falas dos colegas auxiliaram a tecer uma nova perspectiva para o objeto de estudo, disciplina essa coordenada pela mesma orientadora. Nesse processo cabe salientar, ainda, a busca pela escuta e pela palavra de outros colegas psicanalistas, entre esses a Profa. Dra. Simone Rickes, cujas contribuições, desde a banca de qualificação do projeto de pesquisa, foram relevantes para tratar da temática em questão. Assim, este trabalho pretende se constituir como uma tese de Doutorado com o objetivo de introduzir na discussão acadêmica e psicanalítica mais um olhar sobre formas de produção do social que se realizam como modos de subjetivar. Mais especificamente trazer à luz da reflexão um modo de subjetivar contornado por uma argumentação teórica conceitual que visa dar estilo e forma ao que se percebe como uma posição fantasmática frente ao Outro onde o sujeito vacila ao se confrontar com a castração, excluindo-se de fazer um confronto com o trágico característico dessa posição e ascender a uma condição desejante.

1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA

Este trabalho de tese se realiza ainda desde uma construção sobre um desejo de fazer pesquisa. Após o Mestrado, o Doutorado já se constituía no discurso da autora, bem como a idéia de temas em torno do atual, idéias que circulavam em torno da morte. Porém, tratar da morte propriamente dita seria insustentável desde que a vida só é possível a partir do recalçamento daquilo que põe fim à existência. O limite que a morte impõe ao sujeito dá

² A palavra *Morbidez* será escrita com a primeira letra em formato maiúsculo no sentido de diferenciar do termo *morbidez* cujo significado já está dado na cultura desde sua relação com a idéia de um ser em vias de morrer, seja no campo da filosofia ou da Medicina, mas cujo sentido não é metafórico.

sentido à vida. Entretanto, o real da morte precisa ser denegado e aparecer para o sujeito como indeterminado, como um mistério. Exceto pela Filosofia, mas, principalmente, pela Estética, que vem para falar dessa, pelo menos desde o início da modernidade, a partir de uma visão romântica, do lugar do belo através da literatura. E, contemporaneamente³, da ciência que está sempre ousando ao redor da morte como para enfrentá-la ou despistá-la, adiando sua chegada inevitável.

Nesse sentido, a morte, nos tempos atuais – na “sociedade da alegria”, onde toda felicidade está à “mão”, parecendo poder serem compradas a beleza, a juventude e o controle dos afetos que a asseguram – apresenta-se como um assunto a ser escamoteado. A morte passa a ser interdita, o seu tom a ser o da vergonha e do fracasso. O sujeito que morre ou se encontra a beira da morte fracassa na conquista da juventude, da eternidade, se torna feio ou velho, traz no corpo a marca do limite, do tragicamente humano. Tudo que não é vida significa tristeza, infelicidade. A idéia de vida na cultura está associada à felicidade, alegria, harmonia. O parâmetro usado, muitas vezes, para medir o quanto uma pessoa vive está associado ao quanto ela é feliz, e isso significa o quanto ela é bela, rica e viaja para lugares considerados incríveis ou o quanto ela tem o poder de “fazer o que quer”, ou ainda se tem uma família com filhos lindos e saudáveis como a mídia nos apresenta nos comerciais de margarina ou produtos de limpeza domésticos. Observa-se, como os meios virtuais nos demonstram em *sites* como o do *Orkut*, que a maioria dos membros representam suas vidas como alegres e perfeitas para assim se sentirem parte dessa sociedade e/ou em sites de realidades simuladas como o *Second Life*, onde as pessoas se projetam em personagens, imagens ideais, mas vivem suas vidas em frente a uma tela de computador.

Portanto, não é preciso morrer para estar morto, em uma sociedade onde o laço social predominante é o que se realiza através dos objetos, o homem que não “consume” a vida a partir dos objetos-feitiches (KEHL)⁴ pode vir a se excluir e a ser excluído desse tipo de laço social atual. A pessoa triste, que se apresenta infeliz ou que não “aproveita a vida”, é considerada mórbida, vive em estado de morbidez, está relegada a um lugar mórbido.

³A idéia de contemporaneidade nesta tese se refere aos dias atuais, não tem o estatuto de uma era.

⁴<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/5208/4836>

Assim, ao redor desse tema vem a se produzir outro, relativo a um outro lugar de “morte” em vida, um lugar também de exclusão, de vacilação, onde o próprio sujeito no enredamento que o captura no discurso do Outro se impõe como possibilidade de vida. Vem-se aqui, então, a partir dessa pesquisa criar um olhar para esse lugar de vida que pretende imitar a morte. Apresenta-se essa idéia na “pele” de um termo emprestado da ciência que parece à autora já trazer incluso em seu significado algo do que se vem elaborar, o termo morbidez. Porém, não é o sentido de morbidez como oposto ao de felicidade que se vem a trabalhar, apesar da necessidade de alusão a esse para se poder delinear essa idéia. Nem mesmo é o do sentido relativo ao da melancolia. Não se trata de pensar a melancolia com um sintoma que “joga” o sujeito para Morbidez, o que pode vir a ser discutido em outro momento. Trata-se de pensar a Morbidez como uma vacilação a transpor a linha que inscreve o sujeito no trágico da existência humana, uma posição fantasmática frente ao Outro primordial que o coloca em lugar de objeto e determina o seu desejo.

Sempre será singular o desejo, bem como a posição fantasmática na qual cada sujeito se organiza diante do Outro. O desejo, a partir de Lacan (2002, p. 27), é uma “experiência que, é primeiramente apreendida como sendo aquela do desejo do Outro e no interior da qual o sujeito tem que situar o seu próprio desejo.” Lacan introduz o conceito de *Autre* com A maiúsculo para diferenciar de *autre*, do outro como semelhante, "temos a noção de que, além do outro com *a* minúsculo do imaginário, devemos admitir a existência de um outro *Outro*" (LACAN, 1985, p. 170) como determinação do inconsciente. É a partir da relação com o Outro materno que o sujeito elabora o seu fantasma. O primeiro Outro para o bebê está apoiado na figura da mãe. “En lo que dice una madre siempre hay algo incomprensible. ‘Me dice esto, ¿pero qué quiere?’ En los intervalos de su discurso entre palabra y palabra se desliza [...] el enigma de su deseo.”⁵ (MIRAT, 2004) O fantasma vem a se constituir como um saber frente a esta falta no Outro, uma certeza que fixa o sujeito a uma posição subjetiva.

Elabora-se, aqui, a noção de Morbidez, ainda, como lugar de predomínio da pulsão de morte, segundo as formulações de Freud e Lacan. Nesse sentido, considera-se pensar a pulsão de morte como um operador da Morbidez no sujeito. Uma aliança entre *ananke* e *eros*, que realiza um recorte no corpo do sujeito. Uma tentativa do corpo de retorno à estabilidade

⁵ “No que diz uma mãe sempre há algo incompreensível. ‘Me disse isto?, mas o que quer?’ Nos intervalos de seu discurso entre palavra e palavra se desliza [...] o enigma de seu desejo.” (tradução nossa)

de um estado zero de tensão. Lugar de gozo⁶, sem interdito e de uma ilusão de proteção. Lugar de uma tentativa de refúgio do mal-estar próprio da civilização.

Portanto, não se trata de julgar a felicidade mais ou menos inerente ao lugar de Morbidez. O que não significa, também, fazer uma apologia a esse como saída para a tragicidade própria da condição humana, pois associada a esta posição se percebe, a partir desta pesquisa e da escuta de pacientes da autora em questão, a presença da angústia nas suas vidas como um afeto importante a ser considerado.

Neste trabalho de tese, o tema da Morbidez surgiu na escritura do projeto, inicialmente como um pano de fundo entre outras questões mais prementes. Porém, toma sua forma e vem a ocupar um lugar preponderante após a discussão em banca de qualificação onde esse parece destacar-se do texto evocando um olhar mais atento e uma escuta particular acerca do que lá mesmo se construiu na escritura de uma outra idéia.

Da intenção de se trabalhar a Obesidade Mórbida como uma construção social se deu lugar a pensar a construção de uma Morbidez na Obesidade que vem a se diferenciar da noção de mórbido da Medicina, dos critérios estatísticos relacionados a medidas que enquadram o sujeito em uma categoria padrão de maior ou menor qualidade de vida baseada nesses critérios. Desde aí, surge dessa discussão a idéia de uma “Morbidez”, um lugar que o sujeito constrói na sua relação com o Outro primordial e que lhe exclui de um enfrentamento com a vida desde sua perspectiva trágica, da perspectiva da falta, da não garantia de um gozo sem falhas, ideal.

Assim, na medida em que os estudos vão se desenvolvendo, observa-se que essa discussão se amplia para além da questão da Obesidade; ela toma forma na posição que se constrói junto ao Outro, e dessa surgem inúmeras possibilidades de diagnósticos nos quais o sujeito pode estar incluído. No entanto, por uma razão de interesse e implicação da autora, o caso tratado como material empírico para discutir esta temática será relativo a um sujeito com o diagnóstico médico de Obesidade Mórbida⁷. Nessa perspectiva de Morbidez qualquer

⁶ Conceito a ser discutido no seguimento do texto.

⁷ Nesse trabalho será utilizado o termo Obesidade Mórbida conforme já incorporado pela cultura a partir do saber médico. Porém, ao se referir ao sujeito que pode estar em uma posição de recusa do trágico, será distinguido do sujeito com diagnóstico de Obesidade Mórbida pelo de sujeito na condição de Morbidez, pois, não necessariamente, o sujeito que recebe o diagnóstico médico efetivamente ocupa esse lugar.

diagnóstico médico pode ou não incluir esse estado, o que significa que sempre, qualquer sujeito, mesmo aqueles que não apresentem quadro clínico que acuse um diagnóstico médico, somente escutado em sua singularidade pode ou não se incluir em um processo de Morbidez.

Essa diferença também pode ser bem observada nos casos em que sujeitos, mesmo portando uma doença que teoricamente os imobilize, conseguem construir modos de se incluir socialmente, assumir uma posição de responsabilização pelas suas escolhas, direcionando-se pelo desejo. Bem como naqueles casos em que os sujeitos não têm doenças diagnosticadas desde a nosografia médica, mas se sentem disformes na relação com seus corpos. Por exemplo, meninas magras que se sentem gordas, meninas bonitas que, por não perceberem suas imagens tais quais ideais de beleza, excluem-se das relações sociais.

1.2 DE UM TEMA A UMA TESE: construções e configuração

A configuração desta pesquisa segue uma ordem composta por duas partes principais. A primeira tratará de iniciar por uma análise sobre a Morbidez, contextualizando-a nos processos de subjetivação contemporâneos que dão origem ao sujeito tal como a perspectiva psicanalítica o compreende, juntamente com outros autores da Sociologia, Antropologia e Ciência Política que vêm contribuir para a construção desta temática.

Desde essa mesma perspectiva teórica e da idéia de um sujeito produzido pela cultura, coloca-se uma questão: pensar o que faz marca, uma diferença no sujeito que se constitui na contemporaneidade. Ou a questão a se interrogar seria: o que está deixando de fazer marca nesse sujeito? Subjetivamente e no que concerne a estes escritos e interesse da autora, observa-se uma produção sintomática, entre essas, uma gama de síndromes que ganham visibilidade neste tempo. Transtornos alimentares, neuroses de angústia, fobias, alergias, muitas associadas ao diagnóstico de Síndrome do Pânico. São patologias associadas a sintomas que demonstram um sujeito desestabilizado frente a uma inflação do imaginário em detrimento do simbólico. A função que fazia metáfora para o sujeito e o garantia em uma identidade estável na era pré-moderna começa a se desconstruir. Com o progresso da ciência e

os novos lugares da mulher e da criança na família, a função paterna⁸ se fragiliza. Na contemporaneidade, além disso, as mudanças ocasionadas, entre outras razões, pela globalização e avanços tecnológicos, tornam a dimensão da paternidade, enquanto metáfora coletiva de um Outro que visa garantir uma ordem e uma estabilidade, ainda mais desvalida. “Há uma inflação do pai real e uma produção em série de pais imaginários. E tudo às custas do pai simbólico, que parece sempre valer menos.” (LANG, 2005, p. 4)⁹ As grandes narrativas que organizavam o imaginário social são substituídas agora por imagens ideais.

Traz-se para essa discussão, ainda, outro autor que faz uma análise sociológica da modernidade e dos dias atuais sob outro referencial. Segundo Zygmunt Bauman (2007), as mudanças ocorridas na passagem à modernidade fazem o tempo e as relações se tornarem líquidas. Essa liquefação da vida coloca o sujeito em constante confronto com seu movimento, com seu corpo. Pensa-se importante esse autor como um interlocutor na construção da idéia de Morbidez pela pontualidade de sua teoria na compreensão dos modos de subjetivar relativos a uma nova temporalidade frente aos avanços da telemática, robótica, entre outros.

A demanda social de um corpo sempre atualizado para que o sujeito não se deixe escorregar em uma “esteira” que nunca pára e assim acompanhe o novo tempo, muitas vezes faz com que o sujeito queira descer da “esteira” ou tente pará-la através do seu corpo. Porém, o que também está em questão na idéia de Morbidez é um comportamento onde o sujeito se torna parasita e consumidor de programas, sejam televisivos ou softwares cujo corpo, que em outros momentos ficava parado em posição de expectador, atualmente interage, mas somente de forma virtual e protegida em sua relação com o outro. Desta forma, pode, a qualquer momento, se “desplugar”, não fazendo diferença na massa de indivíduos que co-participam destes novos modos de vida. Assim, ele constrói o que aqui se está nomeando de Morbidez, que o paralisa e o “exclui”¹⁰ das relações sociais, interagindo somente de um modo que não o implique além do limite que possa frustrá-lo.

Ainda nesta primeira parte, pensando no contexto da proposta da idéia de Morbidez como uma posição fantasmática frente ao Outro primordial, elabora-se alguns dos

⁸ Conceito a ser trabalhado no próximo capítulo.

⁹ <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158349466.22word.doc>

¹⁰ Exclui entre aspas, pois este sujeito parece ao mesmo tempo estar incluído dentro de uma nova proposta de laço social que o demanda estar nessa posição.

fundamentos teóricos eleitos como operantes dessa idéia que fornecem os subsídios para esta reflexão. Para tanto, trabalha-se, principalmente, conceitos da psicanálise de Freud e Lacan, como os de pulsão e gozo e seus interlocutores próximos, pensando a posição em que o sujeito está implicado no desejo do Outro desde a cultura a qual pertence.

Interroga-se: que corpo está em cena na produção de um laço com o social do sujeito na condição de Morbidez? Corpo esse que se faz evidenciar pela marca de um discurso que o atravessa nesse tempo. Um discurso que lhe imprime um ritmo, uma cadência, enfim, que o recorta de tal modo lhe conferindo um desenho, possibilidades de movimento e corte. Trata-se aqui de destacar o corpo como pulsional.

Desde Freud, em torno de 1895, com seu trabalho clínico com as “histéricas”, pode-se testemunhar um outro modo de pensar o corpo. O que Lacan (1998) traduz como um corpo atravessado pelo significante, um corpo-texto, cujas inscrições lhe dão seu contorno, sua forma, seu movimento. O corpo como obra do simbólico se realiza pela pulsão. A pulsão, conceito fundamental da psicanálise, situa o limite entre o biológico e o psíquico, faz do corpo palco do pulsional. Regida pelo significante a pulsão delimita o corpo. Habitado pela libido, o corpo pulsional é um corpo de demanda e desejo, portanto de gozo.

Há que se gozar. A fórmula para a felicidade é vendida desde o lugar de quem goza mais e melhor. Assim, esse corpo se realiza como um corpo convocado a gozar desde a sua inscrição no social.

Freud se utiliza do termo *genuss* em vários momentos de sua obra¹¹ indicando “um *continuum* de algo que brota na forma de *Luts* (disposição, tesão) e que flui continuamente, propiciando um deleite.” (HANNIS, 2004, p. 169) Em Lacan, ao longo de sua obra, encontram-se diversas definições do conceito de gozo. Tratar-se-á nesta tese de tomar o conceito de gozo desde onde Lacan o situa no discurso frente ao Outro, definindo as diversas formas que esse busca a satisfação da pulsão. (LACAN, 1997) Isto é, onde Lacan define as diferentes relações com a satisfação que um *parlêtre*¹² pode experimentar no uso de um objeto

¹¹ As obras principais onde se encontra o termo *genuss* são: “Os Três Ensaios Sobre Sexualidade” de 1905, “Chistes e sua Relação com o Inconsciente” de 1905 e “Além do Princípio do Prazer” de 1920.

¹² Lacan inventa o termo *parlêtre* no lugar de sujeito, se referindo ao sujeito na relação sexual como aquele que goza através do Outro. O *parlêtre* realiza a sua parceria sexual, não no nível de um significante puro, porém, no nível do gozo. Lacan cria este termo “a partir da junção de *parler* (“falar”) e *être* (ser).” (LACAN, 2007, p.14)

desejado. Assim, definindo que a questão da satisfação se inscreve na rede de sistemas simbólicos que dependem da linguagem.

Neste sentido, interessa à idéia da autora a formulação do conceito de gozo do Outro, no que esse pode operar sobre a formulação do que aqui se traz como *Morbidez*. O gozo do Outro, idéia essa desenvolvida por Lacan, além de, em outros textos, nos Seminários de “A Ética na Psicanálise”, onde trabalha a idéia de gozo e pulsão de morte como sendo esse gozo absoluto caso fosse possível uma satisfação total da pulsão, sem necessariamente mencionar o termo gozo do Outro e, no Seminário “Mais, Ainda”, onde desenvolve, além da noção de gozo Outro, a noção e o termo gozo do Outro. “Gozar tem essa propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro. Mas esta parte também goza – aquilo que agrada ao Outro”. (LACAN, 1985, p. 35). Sendo esta fala também uma certa referência a Sade, conforme articula suas idéias nos Escritos (1998) no texto “Kant com Sade”, bem como nas lições do Seminário da Ética onde cita Freud em “O Mal-Estar na Civilização” lembrando da tendência do homem à satisfazer no próximo sua agressividade, explorando-o e utilizando-o sexualmente. Diz, então: “Se não lhes tivesse dito primeiro qual a obra de onde estou extraindo este texto, eu poderia tê-lo feito passar por um texto de Sade...” (LACAN, 1997, p. 226)

Nessa direção, interroga-se, se a *Morbidez* na contemporaneidade seria a expressão de um gozo articulado a esse que é o gozo do Outro no seu sentido em que há uma diferença na forma como incide sobre o sujeito a lei paterna. Isto é, situando o sujeito numa posição de objeto, dispondo seu corpo ao Outro. Mesmo, já introduzindo aqui, a idéia de que a *Morbidez* não se restringiria a uma estrutura perversa ou psicótica, nem mesmo neurótica, mas que pode circular por diversas posições. Estar-se-ia inaugurando nesse modo de subjetivar um novo tipo de gozo, inscrito também a partir da linguagem e, portanto produzindo subjetivação? A concepção de gozo que se almeja será desenvolvida e interrogada ao longo da tese na sua articulação com a idéia de *Morbidez*.

Assim, no recorte do corpo pela pulsão, se constitui a *Morbidez*. A pulsão de morte, conforme elabora Freud e depois Lacan, serve de norte para se pensar esta produção a partir do Outro. Questão a qual será melhor elaborada nos capítulos 3 e 5.

Por fim, outra questão ganha contorno a partir dessa discussão: a *Morbidez*, tal qual formulada aqui, seria uma das formas de estabelecer um laço com social? Uma possibilidade de vida que se realiza para suportar o mal-estar nessa civilização? Excluída do campo da patologia? Isto é, se fazer valer pelo gozo do Outro ou por um gozo semelhante. Não abdicar de gozo algum, porém, em nome desse gozo, vacilar diante de uma posição desejante?

Estas questões apontam para pensar qual o lugar da *Morbidez* na condição humana, na vida dos sujeitos. Isto é, o que entra em discussão a partir dessa idéia, é se a *Morbidez* seria uma condição de vacilação ao trágico. Estaria o sujeito fazendo uma tentativa de se refugiar do mal-estar próprio da condição humana na busca de um gozo ideal e ainda se proteger de um “tempo líquido”?

Para tratar desse tema, esta primeira parte da tese finalizar-se-á com um estudo sobre o trágico e sua relação com a *Morbidez*. Será realizada uma breve apresentação sobre o conceito de trágico. Apesar de a autora ter claro sobre a pluralidade de linhas e autores que tratam deste tema, seja no campo da Literatura como no da Filosofia, o estudo será pautado, principalmente, pela ótica de Peter Szondi e alguns de seus interlocutores desde a Filosofia. E, sob a perspectiva da psicanálise, a partir de Lacan, desde o Seminário 7, sobre “A Ética da Psicanálise”, o Seminário 8, sobre “A Transferência” e o Seminário 6 sobre “O Desejo e Sua Interpretação”, entre outros Seminários. O que interessa à problematização desta idéia de *Morbidez* é a lógica que a constitui e sua relação com o trágico no que diz respeito à ética do desejo. É a ética da psicanálise pautada pelo desejo que mais interessa a essa discussão. Para Lacan, no Seminário 7, trata-se de que o ato ético possível é sermos responsáveis pela nossa posição de sujeitos. Não há negociações.

Para analisar essas questões, o trabalho segue articulado em uma segunda parte a um caso estudado desde o início do curso de Doutorado. Um caso de *Morbidez* na Obesidade e Obesidade Mórbida que trouxe à tona a elaboração destes estudos teóricos. Pois, não há como aprofundar esta discussão sobre a *Morbidez* sem essa estar inserida em um caso. A *Morbidez* por si não existe, ela se apresenta e se constitui de um modo singular em cada sujeito, sempre se realizando articulada aos sintomas desse.

Sob a ótica de uma nova ordem psíquica que vem se instalando na contemporaneidade, onde o parecer e a instrumentalização do outro valem mais do que o ter e

o ser, a forma e a imagem corporal também se tornam objetos privilegiados dos sintomas sociais atuais. Adquirem valor primordial entre as trocas econômicas e afetivas que nesse tempo se caracterizam relevantemente por trocas imaginárias. Por esta razão, enquanto estudo de caso para trabalhar empiricamente sobre a Morbidez, um caso de Obesidade Mórbida parece interessante como um dos grandes sintomas que ganham maior visibilidade nesse tempo que demanda uma felicidade prescrita e um gozo sem furos.

Retorna-se, ainda, a esse caso, pois se acredita que seja rico de falas que possibilitam a análise sobre a idéia construída. Em realidade, foi, principalmente, a partir desse que a idéia da Morbidez, tal qual apresentada aqui, tem sua origem.

Assim, num primeiro momento da segunda parte desta pesquisa, desde essa perspectiva, busca-se compreender e formular sobre a operação psíquica que se realiza no corpo constituindo a Morbidez na Obesidade desde uma cultura¹³ cuja economia psíquica se funda no imperativo do gozo e que privilegia a imagem e a forma como objeto de consumo. Aprofunda-se, nesta etapa da pesquisa, o trabalho da pulsão oral e escópica e o gozo na Morbidez na Obesidade. Bem como, aponta-se a presença da angústia participando deste processo de vacilação do sujeito a confrontar-se com o trágico desde o caso a apresentar. Assim, num segundo e último momento trabalhar-se-á o caso a partir da perspectiva trágica.

Convida-se, então, aos leitores desses primeiros escritos a uma aventura por esta pesquisa. Aventura, pois se trata de uma obra aberta, repleta de interrogações e, portanto, cujo destino é incerto. Destino esse que se pretende realizar, conjuntamente, ao longo de seu percurso por leitores-escritores. É, na criação conjunta desses pares, que se espera que surja a elaboração de uma pequena obra que faça alguma diferença no pensamento corrente deste tempo, principalmente nos campos da psicanálise e da Educação.

¹³ Pensa-se o conceito de cultura aqui tal qual a Psicanálise tomou a partir de Lévi-Strauss, ou seja, por cultura compreender-se-á os valores, hábitos, crenças, comportamentos de um grupo como efeito de uma estrutura inconsciente de pensamento. Estrutura essa organizada e efeito da submissão do humano a uma regra, a uma lei, o interdito ao incesto. “Notemos [...] que se a regulamentação das relações entre os sexos constitui uma invasão da cultura no interior da natureza, por outro lado a vida social é, no íntimo da natureza, um prenúncio da vida social, porque dentre todos os instintos, o instinto sexual é o único que para se definir tem necessidade do estímulo de outrem. [...] A proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido [...] é a própria cultura.” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p.50)

I PARTE

MORBIDEZ: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDÉIA

2 MORBIDEZ, SUBJETIVAÇÃO E LAÇO SOCIAL: novas formas de gozar na contemporaneidade

Produzir sobre o que vem a ser a Morbidez conforme pretende esta tese remete necessariamente a se pensar sobre a constituição subjetiva a partir de alguns marcos do discurso que sustenta a cultura, a noção de sintoma em Freud e o aforismo de Lacan: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Não há, sob a noção lacaniana de discurso e constituição do eu, uma possibilidade de singularização do sujeito fora do laço social. Desde os seus escritos sobre o estágio do espelho (1998), quando Lacan situa o outro como mediador entre o bebê e a realidade através dos significantes linguísticos pelos quais ele vai se reconhecendo, observa-se um jogo de enlace que produz esse sujeito e seus sintomas a partir dos signos dados pela cultura em que se insere.

Trata-se do sujeito segundo a compreensão de Lacan. De um sujeito dividido na ordem de um saber, é o sujeito do inconsciente, “*wo Es war, soll Ich werden*”, ou traduzindo, devo tornar-me eu, onde o isso se encontrava, dito freudiano que conduz Lacan por seus escritos (1998, p. 856) e por onde esse vai situar o sujeito como atravessado pela linguagem. Assim, Lacan (1998, p. 142) afirma: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. “O inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala.”

Fleig, desde esta mesma perspectiva sobre o sujeito, retoma o projeto freudiano, interroga-se e discute sobre os contornos de uma metapsicologia em nossa cultura.

O sintoma, sendo um efeito de estrutura, poderia levar a supor formas e possibilidades quase invariantes para o sujeito. Entretanto hoje sabemos que esse não pode ser considerado sem as torções e alterações que ocorrem em cada cultura. A tese lacaniana de que o inconsciente é transubjetivo e social, ou seja, que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, possibilita que todo sintoma seja tomado também como social, isto é, uma solução substitutiva que enlaça recalçamento e gozo nos conflitos próprios de cada cultura e de cada sujeito constituído na mesma. (1999, p. 3)

Assim, compreendendo-se a subjetivação como tramada pelo tecido social, interroga-se sob qual discurso a Morbidez, conforme construída nesta pesquisa, realiza-se como uma

das possibilidades de subjetivação. Sob qual ordenamento social e histórico o corpo do sujeito com Morbidez vem a se constituir.

Parte-se da idéia de um ser em situação, profundamente engajado numa historicidade. Essa historicidade faz com que se analise a idéia de Morbidez, tal qual pensada aqui, como produzida desde a modernidade na sua relação com a alienação do mundo como propõe Arendt (2007), com o surgimento do capitalismo e, com os ideais propostos por uma sociedade de igualdade e liberdade que dão ao sujeito um estatuto de indivíduo. Enfatizando, nesse sentido, como resultante desse processo de individualização a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Neste texto se observa uma outra relação com o Estado e com a lei. Os ideais da Revolução Francesa se traduzem por uma inversão do dever ao direito e, conseqüentemente, esta posição promove novos modos de gozo. Além disso, uma diferença na temporalidade é estabelecida, principalmente, desde o surgimento do sistema de produção em série até a desconstrução quase que total dos parâmetros temporais de referência do sujeito para os acontecimentos na atual sociedade com bases tecnológicas que visam à instantaneidade e a relativização do espaço.

Nesse sentido, e desde a concepção freudiana da condição humana e do processo de civilização (FREUD, 1980), pensa-se poder articular a Morbidez como mais uma construção sintomática de uma cultura produzida a partir de um resto que escapa a racionalidade e se deposita como modos de ser, modos de subjetivar e gozar dos sujeitos que reagem defensivamente a ideais baseados em um delírio de autonomia, mas que, paradoxalmente, acabam por construir uma outra forma de também se posicionar como objeto do desejo do Outro. Sua especificidade nessa construção é o que se pretende discutir no decorrer deste capítulo e desta tese.

A Morbidez, enquanto essa produção do social, além de uma posição fantasmática singular assumida ou não por cada sujeito, na tentativa de reagir defensivamente a esse delírio pode se tornar, assim, um meio de exclusão de um modo de subjetivar que demande ao sujeito uma posição identificada a um modelo ideal de ser e parecer. Isto é, situando o sujeito entre “aqueles que ficam à margem do espelho proposto pelo laço social.” (POLI, 2005, p. 12) Porém, paradoxalmente, também, em muitos casos, vê-se na condição de Morbidez uma

forma de inclusão¹⁴ sendo mais um a ocupar o lugar de um novo estilo de consumidor almejado pelo mercado quando se pensa em um formato social que não escapa a esse delírio, pois nessa posição o sujeito se acredita auto-suficiente e busca se articular na vida entre os objetos de gozo mais imediatos, muitos oferecidos pela mídia, um mercado publicitário que o convence de que os objetos são muito mais prazerosos e acalentadores como companhia do que as próprias pessoas que vem com seus limites e impõe dificuldades a um gozo irrestrito. Objetos de prazer que se colam ao sujeito tornando-os sua melhor companhia conforme o sintoma de cada sujeito, como por exemplo, a comida para aquele com diagnóstico médico de Obesidade ou mesmo, no campo dos bens, um novo computador com todas as ferramentas de comunicação que ao mesmo tempo em que pode ser usado como vitrine, também serve de esconderijo. Ou, até mesmo, para alguns sujeitos, um carro, um iate, o vestido da moda que poderão fazer esses provavelmente mais solitários conforme o seu uso, mas que por alguns instantes os remetem a uma ilusão de total satisfação pela identificação àquele objeto. Diz uma paciente da autora dessa tese intencionando se convencer do quanto é feliz sozinha: “Para viver só, preciso de pessoas...”, porém, poderia-se também fazer uma outra escuta aí: “para viver, só preciso de pessoas...”. A ambiguidade destas frases denuncia uma contradição. Esse sujeito, no enredamento que o captura no discurso do Outro, tenta buscar individualmente uma possibilidade de vida, construindo uma realidade onde se cerca de objetos pulsionais, buscando excluir-se da relação sujeito a sujeito com os outros. Isto é, inclui-se ao preço de excluir-se de uma posição de sujeito para ocupar o lugar de objeto do desejo do Outro. Ou, segundo Charles Melman (2003), incluído em um gozo solitário, efeito de uma nova forma de transgressão, quando transgredir, diante da falta de uma autoridade (segundo o pensamento desse autor sobre a função paterna na sociedade atual) representada pela função do “pai”, não mais é um efeito, mas uma prescrição.

Isto é, pensar a Morbidez no sujeito desde uma vacilação ao trágico e como busca do gozo do Outro, só é possível no contexto social em que as condições são dadas para que essa construção se realize, pois o fantasma é social. E, nesse sentido, pensa-se na exclusão e/ou vacilação desse sujeito a uma posição desejante, mas, em muitos casos, há uma forma de inclusão imaginária nesse modo de subjetivar através do consumo proposto pelo social.

¹⁴ Inclusão em uma cultura de consumo, não em uma posição desejante.

2.1 SUBJETIVAÇÃO, MODERNIDADE, POLÍTICA E O CAPITALISMO

A era moderna (não a idade moderna) segundo Arendt (2007) surge como um fenômeno de alienação do mundo. Três grandes acontecimentos marcam o início dessa era. O descobrimento da América, a Reforma Protestante e a invenção do telescópio. Acontecimentos que situam o homem além de um plano terrestre, que ampliam a sua visão e as suas perspectivas de conquista e liberdade. Paradoxalmente, esses acontecimentos também se colocam na base de transformações sociais onde os homens estabelecem uma outra forma de prisão pela alienação. A idade moderna propriamente dita é o cenário da construção dessa alienação.

O primeiro estágio desta alienação foi caracterizado por sua crueldade, pela miséria e pela pobreza material que significou para um número cada vez maior de “trabalhadores pobres”, que haviam sido despojados, através da expropriação, da dupla proteção da família e da propriedade, isto é, de um pedaço do mundo pertencentes a eles e à sua família e que, até o advento da era moderna, abrigara em seu interior o processo vital individual e a atividade do labor sujeita às necessidades desse processo. O estágio seguinte veio quando a sociedade se tornou o sujeito do novo processo vital, como antes a família fora o seu sujeito. A participação numa classe social substituiu a proteção que antes era oferecida pela participação numa família e a solidariedade social passou a ser substituída muito eficaz da solidariedade que antes reinava na unidade familiar. (ARENDR, 2007, p. 268)

Para essa autora, a expropriação de um lugar do mundo dos quais certos grupos foram despojados de “mãos vazias”, deu lugar a um novo tipo de acúmulo de riqueza (a força do trabalho) que através do trabalho transformou essa riqueza em capital. “Juntos esses dois últimos (expropriação e acúmulo de riqueza) constituíram as condições para o surgimento de uma economia capitalista.” (2007, p. 267)

Modernidade e capitalismo formam um par indissociável, que apesar da resistência que dá origem ao socialismo, produz uma ideologia de exploração do outro e apropriação do seu gozo que se atravessa em todos os modos de economia e política propostos. É a lógica do capital que começa a imperar e dominar os modos de subjetivar.

O lema da Revolução Francesa “*Libertè, Igualitè et Fraternitè*”, bem como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão resultante das transformações que marcaram a passagem do holismo ao individualismo e consagrada em 1793¹⁵, também, legaram a humanidade uma herança simbólica marcada por novos referentes linguísticos, isto é, reforçaram o sujeito neste lugar de alienação desde um novo discurso que organiza uma sociedade em ebulição.

A modernidade, compreendida desde o modelo antropológico do individualismo proposto por Dumont (1992), opera pela oposição entre a sociedade moderna e tradicional demarcando acontecimentos que marcam a passagem de uma a outra. Entre outras oposições, as grandes revoluções da humanidade como a Revolução Francesa, principalmente, geraram acontecimentos que marcaram a passagem de uma era. Nessa, o valor da pessoa se situava no grupo de pertença representado através da tradição, onde cada nome, cada título representava a pessoa para a comunidade, isto é, para outros modos de subjetivar no qual o valor é dado desde o próprio sujeito através do deslocamento desse para o que se passou a chamar de indivíduo.

Seguindo a leitura de Fleig (1999) sobre o enunciado central da Revolução Francesa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” todos os indivíduos são iguais e tem os mesmos direitos perante a lei. Essa suposta igualdade atribui a cada um a responsabilidade por fazer valer seus direitos bem como lhes situam numa posição paradoxalmente escrava em relação às contingências materiais que o determinam, relativizando o conceito de liberdade que segue no enunciado. Isto é, na introdução da idéia de liberdade cada indivíduo se torna responsável por suas escolhas, o homem está “livre” do destino previamente traçado desde o lugar da família,

¹⁵ “Inspirada na Revolução Americana (1776) e nas idéias filosóficas do Iluminismo, a Assembléia Nacional Constituinte da França revolucionária aprovou em 26 de agosto de 1789 e votou definitivamente a 2 de outubro a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, sintetizando em dezessete artigos e um preâmbulo os ideais libertários e liberais da primeira fase da Revolução Francesa. Pela primeira vez são proclamados as liberdades e os direitos fundamentais do Homem (ou do homem moderno, o homem segundo a burguesia) de forma ecumênica, visando abarcar toda a humanidade. Ela foi reformulada no contexto do processo revolucionário numa segunda versão, de 1793. Serviu de inspiração para as constituições francesas de 1848 (Segunda República Francesa) e para a atual. Também foi a base da Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgada pela ONU.” Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_dos_Direitos_do_Homem_e_do_Cidad%C3%A3o Último acesso em 20 nov., 2006. Conforme Scheinman (2006), “a Declaração Universal dos Direitos Humanos é um enunciado proclamado pela ONU e possui vários países subscritores. Ela foi adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Portanto ela tem força de lei, chamando-se tecnicamente de “invenção internacional”, uma das fontes primárias do Direito. (Mauricio Scheinman é Presidente da Comissão de Fiscalização e Defesa do Exercício de Advocacia da OAB/SP, coordenador da editora na OAB/SP, Docente da Faculdade de Direito da PUCSP.)

da tradição que o sustentava subjetivamente, está livre de perpetuar esse valor deixando de ameaçar assim a existência e a moral de todo um grupo. Porém, ao mesmo tempo em que reinventa o tipo de laço com a tradição e se torna (ilusoriamente) capaz de inventar novas formas de ser, pensar e fazer independente da casta ou grupo ao qual pertence, torna-se também o único responsável por seu fracasso. Os ideais a perseguir que antes estavam determinados e assegurados pelo lugar que se ocupava no grupo e na sociedade, agora estão dados não só para alguns, mas, em tese, para todos com os mesmos direitos e deveres. Os bens, teoricamente, estão disponíveis para que todos tenham acesso. Assim, na criação cultural de modelos de sucesso e fracasso estão também construídas as possibilidades de inclusão e exclusão de cada um na sociedade.

A concepção de fraternidade que segue no enunciado, além de reforçar o ideal de igualdade, afinal, como irmãos se é igual perante o olhar do Pai – Deus – Estado, ainda, parece se tratar de um conceito de fechamento. Isto é, depois dos enunciados de igualdade e liberdade, a fraternidade vem como resguardar um lugar ao “irmão” que fracassou na conquista desses ideais, um consolo àquele que não foi capaz de se “auto-fundar”, restando-lhe a humanidade enquanto grupo de irmãos para acolhê-lo. Assim, produzem-se, paralelamente aos sistemas de industrialização e exploração de mão-de-obra, instituições de caridade muitas vezes financiadas pelos mesmos órgãos empresariais, bem como pelo Estado que, apesar de atribuir a responsabilidade ao próprio sujeito pelo seu fracasso, situa-se fraternalmente em relação a esse buscando uma saída para o resto que se deposita como resultado deste sistema. A função que antes cabia à igreja, nesse momento se estende a órgãos públicos e privados. Um resto que em muitas sociedades, atualmente, formam uma maioria, a massa dos excluídos, dos “sem”, sem-terra, sem-teto, sem “boa forma”¹⁶, entre outros.

Freud (1980) em “O Mal-Estar na Civilização” lembra o preço que se paga por viver em uma cultura civilizada, isto é, se abdica da satisfação direta de suas pulsões¹⁷ por uma parcela de ilusão de segurança. Porém, nem todos gozam dessa ilusão, constroem-se como resíduos, sobras desse modo de organização social. E que outras soluções são arranjadas para tentar dar conta de um viver na sociedade? O que se recalca na modernidade que é da ordem do indizível?

¹⁶ O termo "boa forma" é utilizado aqui segundo o significado atribuído por Sant'Anna (2001, p.108). "É que a boa forma, [...] baseia-se numa noção de estética caricatural: ser belo é aproximar-se de um modo universal, distinto do que é cada corpo, [...]."

¹⁷ Conceito que irá ser retomado e trabalhado no capítulo seguinte.

Freud (1980) escreve sobre um medo do desamparo no bebê que permanece sustentado pelo medo do destino enquanto adulto que leva o sujeito a uma intensa necessidade de um pai que lhe restaure o narcisismo, a “unidade com o universo” segundo o discurso religioso que cita. “A vida tal como a encontramos, é árdua demais para nós: proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la não podemos dispensar as medidas paliativas.” (p. 93)

Nesse sentido indica, além da religião, mais duas medidas “que nos fazem extrair luz de nossa desgraça.” (FREUD, 1980, p. 93) As substâncias tóxicas, que produzem total insensibilidade aos acontecimentos trágicos. E as satisfações substitutivas que, segundo ele, funcionam como ilusões eficazes a partir da função da fantasia no psiquismo. Levanta-se aqui a idéia de que o sujeito na Morbidez, tal qual formulada aqui, não se satisfaz com essas substituições. Pois no jogo das satisfações substitutivas há sempre uma perda em questão. Aquilo que se busca através do objeto se encontra sempre alhures. Esse, então, se vale das satisfações substitutivas de um outro jeito, imaginariamente, como tentativa de escantear o trágico, mantendo-se colado ao objeto e não admitindo nenhuma perda. O que o mundo virtual produzido pela *web* sabe explorar muito bem, oferecendo meios de tentar suprimir a falta que dá a condição humana o caráter trágico tornando inerente a essa o sofrimento, através da criação de realidades paralelas livres (ou aparentemente livres) das fontes de sofrimento e desgraça humana cujos homens se esforçam para evitar. Torna a mais dolorosa das fontes de sofrimento humano, a que provém das relações com outros homens, ilusoriamente controlada através do mundo de fantasia e imaginação onde cada um é o que deseja e consegue o que almeja desde os seus ideais. Porém, segundo Freud, a constância do prazer pode se tornar tédio o que confirma uma situação sem saída da condição do homem naquilo que o limita em um gozo absoluto.

Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. (1980, p. 94)

Porém,

Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, (...) Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja o mais penoso. (1980, p. 95)

Freud (1980, p. 106), nesse mesmo texto, salienta que uma pessoa “se torna neurótica” porque não consegue “tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais”. Estaria aí a Morbidez servindo como uma resposta aos ideais extremados da sociedade atual? Refúgio e defesa para o sujeito como servia para o eremita a rejeição ao mundo?

No que consiste a produção sintomática dos dias atuais? Quais outros impasses ou ideais que surgem na modernidade que produzem nesses dias modos de subjetivar como o da Morbidez na Obesidade ou propriamente a Morbidez como vem sendo proposta aqui?

2.1.1 Subjetivação, Modernidade, Política, Capitalismo e o Nome-do-Pai

Para que se construam mais idéias em torno dessas questões é preciso ainda analisar outros elementos que se produzem na modernidade que também se impõem como dispositivos de subjetivação na contemporaneidade: as relações entre modernidade, capitalismo e a constituição da função paterna.

Segundo Melman “entramos em um período que é marcado pela prevalência de um diálogo horizontal com o semelhante, [...] sem ter maior interesse pelas mensagens que poderia vir do Outro.” (2003, p. 54) Isto é, para este autor há uma forclusão do Outro. O autor atribui esse acontecimento a cinco grandes razões.

Entre essas, a queda das grandes ideologias, propostas de transformação da sociedade que fracassaram diante do capital, como o sistema comunista, o que sugere ao Outro uma posição de fracasso diante do saber atribuído. O desenvolvimento de uma economia liberal, “cuja ideologia é evidentemente convidar os parceiros sociais a transpor todas as restrições de gozo que poderiam vir-lhes da mensagem recebida do Outro” (MELMAN, 2005, p. 55) O advento da internet que assegura a cada um a possibilidade de manifestar suas idéias e o diálogo entre diferentes sujeitos independente da cultura que habitam, sexo, classe social, pulverizando as diferenças e, segundo Melman, excluindo o sujeito das particularidades referentes aos grandes textos que funcionam como Outro orientando seus modos de ser e desejar.

De acordo com Melman, um dos maiores fenômenos do nosso tempo é a queda dos grandes textos. Segundo Lacan, este é o lugar do Outro. As escrituras sagradas, entre outras ideologias, que afirmam o lugar de Deus como Outro, fundam a partir dessa versão uma cultura. Cada escritura estabelece desde esse lugar uma relação com o Outro que é uma relação de lei. Não há equivalência entre o Outro e o outro. Na queda desses textos há uma desautorização de sua função como sustentáculo da lei e a por conseqüência uma forclusão do Outro.

Para esta função, Lacan, inspirado em como as religiões situavam os homens e um homem em especial, perante Deus, elabora o conceito de Nome-do-Pai¹⁸, “isto é, o pai simbólico” (1999, p. 152). O Nome-do-Pai é relativo a um significante privilegiado que instaura no psiquismo do sujeito o pai simbólico, uma dívida que se paga com a castração e à obediência à lei.

Aqui chamamos de lei àquilo que se articula propriamente no nível do significante, ou seja, o texto da lei.

Não é a mesma coisa dizer que uma pessoa deve estar presente para sustentar a autenticidade da fala e dizer que há alguma coisa que autoriza o

¹⁸ Não é o objetivo desta pesquisa, porém é interessante lembrar aqui que, em elaborações posteriores, Lacan apresenta uma reformulação do conceito de Nome-do-Pai por Nomes-do-Pai, aludindo à idéia de que há outras maneiras do sujeito suprir a função do Nome-do-Pai. Isto é, sujeitos que mesmo sem este recuso organizador mantêm entrelaçados o imaginário, o simbólico e o real. O que remete a uma discussão sobre a clínica das suplências e borromeana. Para os leitores interessados indica-se PORGE, Erik. Os Nomes do Pai. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998 e LACAN, Jacques. Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

texto da lei. Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, [...]. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio a lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1999, p. 54)

Nesse sentido que Lacan apresenta a mensagem do mito de Édipo para representar o pensamento de Freud. É na sua forma e força mítica que se configura a lei desde o assassinato do pai. O pai somente enquanto morto se torna a lei. Na apropriação de um saber sobre o assassinato do pai, instaura-se a castração. Édipo traça o seu destino segundo a lei do Outro.

Assim, a função do mito coletivo exerce uma função de limitar o gozo do sujeito através da lei que instaura. Essa poderosa desde que inscrita e não somente prescrita. O mito da horda primitiva trabalhado por Freud (1980) em “Totem e Tabu” trata disso. Lacan, em seus escritos sobre o “Mito Individual do Neurótico” já anunciava a falência do Nome-do-Pai enquanto função paterna desde uma sociedade que ignora as suas tradições. Apresenta, de certa forma, a passagem de mito coletivo da sociedade tradicional para a prevalência do mito individual, o que observa advir daí diversas conseqüências e efeitos na subjetivação. Em sua análise sobre a obra de Claudel, Lacan (1992) apresenta o pai humilhado, versão contemporânea, segundo esse autor, dos novos modos de subjetivar. Esse pai surge, então, na modernidade desde a perda de uma autoridade que se constituía baseada na palavra do lugar do pai, bastava ocupar esse lugar.

Com o progresso da ciência a autoridade se desloca para quem detém o saber. A figura paterna é substituída por enunciados científicos muitas vezes provindos de qualquer instância que se auto-atribua um saber, o saber que cai é o do pai, também, enquanto função paterna. Nas famílias a mãe também passa a deter o saber. A invenção da pílula e o controle da maternidade, resituam as relações no núcleo familiar, permitindo a mulher se deslocar da função única de cuidadora. Essa toma o poder sobre o seu corpo e conseqüentemente sobre o seu prazer. O saber-poder circula e é constantemente desafiado, há uma desautorização da imagem paterna ao mesmo tempo em que circula a função paterna.

É nessa via que Melmam refere que há um apagamento da dívida e, que, sem a dívida com o Outro, esse é forcluído. Isto é, se na relação ternária “onde um e outro fazem a referência a um terceiro que está na posição de Outro, implica sempre no pagamento de uma

dívida para esse Outro. [...] esse Outro exerce sempre uma demanda, que há sempre algo a ser pago, como por exemplo, a libra de carne, [...] e que é a causa da limitação do gozo.” (2003, p. 56)

Assim, percebemos, nesse contexto, o quanto a ideologia liberal, enquanto política do Estado, em suas transações comerciais rege uma nova lei a partir de um contrato entre dois semelhantes. Uma experiência cotidiana e local se observa no uso do “cheque pré-datado”¹⁹. Há um corte no “diálogo interno com o Outro” (MELMAN, 2003). Onde observávamos um sujeito falando “sozinho” na sua referência a um Outro, enquanto caminhava, por exemplo, hoje observamos o mesmo sujeito falando ao celular com o outro.

O que proponho como sendo “a progressiva substituição da função paterna pelos modos de operar do discurso da ciência e seus corolários, como a exclusão do sujeito da enunciação” significa a entrada da racionalidade da ciência moderna, que se organiza na autoridade de um conjunto de enunciados acéfalos, isto é, que dispensa quem o enuncia na vida cotidiana. Isso já havia sido descrito por Max Weber²⁰ como sendo o predomínio da racionalidade instrumental e também por E. Husserl²¹ com sua noção de “mundo vivido” (*Lebenswelt*) como uma tentativa de resgatar um fundamento para enfrentar a crise das ciências européias. Em outras palavras, a autoridade tende a se deslocar da pessoa que enuncia e que banca algo, no próprio ato de fala, para o funcionamento sem sujeito de um conjunto de enunciados justificados. Na vida cotidiana, significa dizer que algo afirmado como científico é tomado por verdadeiro e bom. Ou, quando um pai ou uma mãe querem exercer sua benéfica autoridade sobre o filho, este pede as razões do que é dito, ou os próprios pais o remetem para outro lugar, para a justificação do que dizem, ou para outra instância, a autoridade que poderia autenticar o enunciado. Trata-se, na prática, de uma crescente desautorização da função paterna. São pais que se demitem do exercício de sua função, e essa demissão é veiculada no modo de se endereçar a seu filho.

¹⁹ O uso do cheque pré-datado é uma transação que exclui o Estado do negócio, isto é, não passa por um Outro, mas se dá na relação entre outro-outro.

²⁰ **Maximillion Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título **Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU Em Formação** nº 3, 2005, chamado **Max Weber – o espírito do capitalismo**. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrará a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

²¹ **Edmund Husserl** (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da **IHU On-Line**)

É interessante ver se esta hipótese permite uma leitura dos sintomas que emergem na contemporaneidade. A progressiva impessoalização do discurso, a crescente instrumentalização das relações, aliada à velocidade da substituição dos artefatos (o instantâneo, a obsolescência programada, o descartável), e outros fenômenos oriundos da entrada do virtual, que efeitos produzem no sujeito e no laço social? Qual a consistência do outro nas relações? Será que a alteridade não estaria entrando também em colapso, na medida em que parece haver uma progressiva equiparação entre o objeto de consumo, rapidamente descartável, e a pessoa de meu semelhante? (FLEIG, 2005, p. 2-3)²²

Essas questões trazidas por Fleig e Melman remetem a autora a refletir sobre a Morbidez como efeito dessa diferença na posição do Outro na cultura e, portanto, na constituição do sujeito. Porém, desde estas afirmações, principalmente sobre a que diz respeito a tomar essa diferença de posição do Outro como forclusão, surge uma interrogação. Seria esta uma sociedade psicótica, onde não há mais nenhuma lei que se estabeleça possibilitando um processo civilizatório? Na visão da autora, há sim, de acordo com esses argumentos levantados, uma fragilização e um deslocamento para outras instâncias²³, uma cumplicidade silenciosa do Outro que tem como resposta outros modos de subjetivar e que incluem novas formas de gozo. Entre esses o gozo do Outro. Gozo até esse momento atribuído à condição de Morbidez.

Outra autora que se debruça sobre o social e traz outros elementos a se pensar o laço que se constitui no social e de que tipo de sociedade se trata neste tempo, como já citada em sessão anterior, é Maria Rita Kehl. Essa autora interroga que tipo de laço social se estabelece nesta sociedade com bases semelhantes à posição de Fleig e Melman quanto à queda dos grandes discursos religiosos²⁴.

Kehl, então, parte do pressuposto de que no sistema capitalista se funda um Outro imaginário às custas do simbólico que sustentava os grandes discursos religiosos, como o Deus judaico-cristão. Em nome da queda deste Deus, outros deuses se instalam, tomando a forma de instâncias como o capital, representada pelo Mercado. Para Kehl essa versão produz uma sociedade organizada pelo fetiche.

²² <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158349466.22word.doc>

²³ Conforme, por exemplo, trabalha Kehl sobre a função fraterna. Entre outros textos, ver KEHL, Maria Rita (org.). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

²⁴ Ainda, sobre esta temática da queda dos ideais religiosos ver FERRY, Luc e GAUCHET, Marcel. *Depois da Religião*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

Não parece que para essa autora haja necessariamente uma forclusão do Outro, mas uma outra versão desse que trás conseqüências para a subjetivação. É a posse do outro como objeto que interessa ao sujeito como via de acesso ao gozo. O gozo através do objeto dispensa a diferença e assim a castração. “Se o Outro é uma instância simbólica para a qual cada sociedade inventa uma versão imaginária, hoje o laço social é organizado com referência a um Outro emissor de imagens que se oferecem à identificação e apelam ao gozo sem limites.” (KEHL)²⁵

Na sociedade contemporânea, em que, de maneira muito mais radical do que quando Marx escreveu *O capital*, todas as relações humanas são mediadas pela mercadoria – hoje, sob a forma predominante da mercadoria-*imagem* –, o laço social pode ser considerado perverso. Nesse caso, seríamos todos perversos? Muito pelo contrário: somos todos neuróticos submetidos, instrumentalizados para manter a condição fetichista da ordem social. (KEHL)

Assim, conforme a argumentação de Kehl, pensa-se constituir nesse tempo uma sociedade em que predomina a perversão nos laços sociais, uma produção de sujeitos que aprisionam-se ao se fazerem instrumentos para o gozo do Outro. É, nesse contexto e sentido, que se busca construir a idéia de uma condição de *Morbidez*. Uma tentativa de dar conta teoricamente de um modo de subjetivar característico dessa sociedade.

2.1.1.1 Subjetivação, Modernidade, Política, Capitalismo, Temporalidade e o Gozo na Contemporaneidade

Já em 1958, Arendt escreve sobre uma nova temporalidade que vem sendo produzida pelo capitalismo e seus efeitos, o que Bauman (2001) vai chamar posteriormente de “tempo líquido”²⁶.

²⁵ <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/5208/4836>

²⁶ Neste momento da tese decidiu-se por trabalhar também com Bauman, pois para a autora os conceitos de tempo líquido e a metáfora de uma fluidez advinda deste conceito parecem pontuais para se pensar os fenômenos virtuais, uma nova temporalidade decorrente desses e suas conseqüências na subjetivação. Mesmo, que a teoria de base e a idéia de sujeito que fundamentam o pensamento da autora sejam primordialmente da Psicanálise, acredita-se também que o objeto de estudo demanda e justifica algumas outras teorias utilizadas. Por isso, ainda, a presença de algum diálogo com outros autores que se atravessam no discurso da autora, a partir de outras linhas teóricas de sua formação.

Com a Revolução Industrial, o advento das máquinas e da produção em série altera-se mais contundentemente a experiência sobre o tempo e se impõe uma nova velocidade às mudanças ao mesmo tempo em que a expropriação das terras dá lugar a uma expropriação do corpo. O trabalhador depara-se com o seu corpo à disposição do patrão, recebe pelo tempo do uso de seu corpo como uma máquina, não pela sua capacidade criativa ou de pensar sobre sua ação. Nesse momento da modernidade o corpo ainda está preso ao tempo e ao espaço, conforme é possível observar claramente no modelo de controle do Panóptico, segundo foi analisado por Foucault.

Desse modo, a serialização e o processo de industrialização aceleram a produção e exigem um mercado de consumo também mais rápido.

Nas condições modernas a bancarrota decorre não da destruição, mas da conservação porque a própria durabilidade dos objetos conservados é o maior obstáculo ao processo de reposição, cuja velocidade em constante crescimento é a única coisa constante que resta onde se estabelece esse processo. (ARENDDT, 2007, p. 265)

Arendt já vivia a experiência da pulverização do tempo e dos objetos, mesmo antes dos sujeitos experimentarem a volatilidade, a “liquefação de estruturas sólidas” (BAUMAN, 2001) como as das instituições família, emprego e outras que garantiam uma identidade estável para o sujeito, ruírem diante da velocidade dos avanços das novas tecnologias de informação, telecomunicação, entre outras. A experiência e a lógica do capital já acenavam essa realidade.

Bauman (2001) torna clara essa realidade a partir de seus conceitos de tempo líquido e modernidade líquida. Demonstra como os processos sócio-históricos da modernidade se traduzem por uma fluidez, qualidade dos líquidos e dos gases que sofrem uma constante mudança de forma quando sob tensão. “...os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca a ocupar; espaço que, afinal preenchem apenas por um momento”. (2001, p. 8)

Assim, a fluidez está associada à mobilidade e à leveza, pois quanto mais leve se está mais veloz se tornam os movimentos. A velocidade é imposta como medida de sobrevivência

por esse tempo fluido. O fluxo infinito de mudanças surge como uma demanda vinda de todos os lados, a incessante mudança exige uma constante readaptação. Identidades fluidas surgem junto com novas demandas de subjetivação. Corpos demandam ser leves e rápidos. O prazer demanda ser vivido na mesma intensidade das transformações dos gostos e desejos, uma total satisfação é exigida nessa aceleração desenfreada pelo consumo da vida. O discurso é de que tudo pode ser comprado e adquirido se você é “in”, se você pertence a essa ecologia cognitiva²⁷ de indivíduos plugados, informatizados, informados, equipados e de corpos leves e livres. Os esportes radicais proliferam na busca da experiência de prazer pela leveza e liberdade. Ao mesmo tempo em que se experimenta o limite, aproxima-se da morte. O gozo tem que ser absoluto e está sempre rondando a morte, a falta de garantia para esse gozo faz com que se desenvolva uma obsessão em torno da busca dessas atividades e por iguais que supram essa falta, afinal o gozo é um direito do indivíduo livre e moderno, a vida só faz sentido mediante o uso desse direito.

Fleig (1999), no texto onde ele trabalha as origens desse ideal de gozo na modernidade, retoma um dos grandes projetos político da modernidade, os direitos do Homem e do Cidadão. “O impasse do sujeito na modernidade fica mais claro a partir do texto da ‘Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão’ no qual os ideais da revolução aparecem na figura do direito do cidadão como uma nova posição a respeito do usufruto.” (p.8) E, trazendo à cena Lacan: “Esclarecerei com uma palavra a relação do direito com o gozo. O usufruto [...]” (LACAN, 1985, p. 11)

Na versão da ‘Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão’, constituída pela Convenção de 23 de junho de 1793, encontram-se confirmados os artigos que enunciam um outro lugar ao sujeito perante o social e ao Estado, bem como redefine, segundo os ideais revolucionários, o dever do Estado para com o cidadão. Há uma inversão de valores da sociedade tradicional para a moderna que, então, desloca a existência do governo para garantir a existência do homem e de seus direitos enquanto cidadão, o Estado existe para o homem e não o homem para o Estado. Nessa inversão o homem não só assume a responsabilidade por si, mas também conta com a lei para garantir-lhe seus direitos. Há uma suposição sobre direitos os quais nascem com cada indivíduo. Segundo o “Art.1 - *Le but de la société est le*

²⁷ O termo Ecologia Cognitiva foi usado a partir do pensamento de Pierre Lévy (1993, p. 168) que defende a idéia de um “coletivo pensante homens coisas... e um mundo cognitivo matizado, misturado” no qual os efeitos de subjetivação emergem de processos locais e transitórios.

bonheur commun. Le gouvernement est institué pour garantir à l'homme la jouissance de ses droits naturels et imprescriptibles.”^{28 29} A idéia deste Art 1 é ainda reforçada no “Art 23 - *La garantie social consiste dans l'action de tous pour assurer à chacun la jouissance et la conservacion de ses droits; cette garantie repose sur la souveraineté nationale.*”^{30 31}

Esses enunciados resultam de todo um processo de mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo da história da humanidade, principalmente com os ideais advindos do pensamento iluminista, onde a razão prepondera-se à religião, culminando com a Revolução Francesa e seu ideais de *Libertè, Igualitè e Fraternitè*.

É nesta paisagem sócio-cultural e política que o corpo se organiza enquanto lugar privilegiado de uma subjetivação que almeja uma individuação do sujeito.

Um modo indivíduo de ser é o que a sociedade moderna produz, como já referido, desvalida o Nome-do-Pai, a tradição que “a-funda”, para compor um novo sistema de valores onde o valor está no sujeito autônomo, no sujeito epistêmico, o Eu torna-se a sede da razão. Nesse processo de fragilização da tradição, da lei, daquilo que simbolicamente dá conta do furo do real para o sujeito, há uma tentativa do sujeito de apagamento da falta, da diferença sexual, preenchendo imaginariamente este espaço. Este delírio de autonomia do sujeito moderno que o coloca em uma posição de alienação frente à existência de um saber Outro que lhe escapa da razão sobre a verdade do desejo e da falta, produz a ilusão de que tudo pode, de que tudo só depende de sua “força de vontade”. A crença social de que tudo é possível e de que há um dever de gozo a serviço de satisfazer compulsivamente as pulsões, produz uma gama de sintomas em cuja atualidade os sujeitos se deparam com um modo perverso de relação com o Outro/outro, sempre em posição de desafio ao saber do Outro/outro: “eu sei o que me/te faz gozar”.

A inclusão de um artigo na Declaração dos Direitos Humanos onde o Estado deve assegurar para cada homem o gozo de seus direitos naturais e garantir-lhe a felicidade é um dos fatores importantes de institucionalização de uma nova ordem na direção do desejo. Na

²⁸ <http://fr.wikisource.org/wiki/D%C3%A9claration_des_Droits_de_l'Homme_et_du_citoyen_de_1723>

²⁹ Art.1 – O objetivo da sociedade é o bem comum. O governo é instituído para garantir ao homem o gozo de seus direitos naturais e imprescritíveis.”(tradução nossa)

³⁰ (Id., Ibid)

³¹ “Art.23 – A garantia social consiste na ação de todos por assegurar a cada um o gozo e a conservação de seus direitos, essa garantia repousa sobre a soberania nacional.”(tradução nossa)

busca de um “mais-de-gozar” (LACAN, 1985), um gozo sem restrições, o outro ainda se torna um objeto, bem como cada um se torna objeto do Outro.

O mal-estar é representado nos discursos por um elemento heterogêneo, o "objeto a", que expressa a parte excluída da linguagem e aquilo que a civilização exige que o homem renuncie, ou seja, os objetos de suas pulsões. Esse objeto recebe o nome de objeto "mais-de-gozar", extraído do conceito marxista de mais-valia. (QUINET)³²

Parece haver uma produção de gozos na contemporaneidade relativa à posição que o sujeito conseguirá ocupar frente ao Outro. Submete-se ao Outro materno se tornando objeto desse e promovendo o gozo do Outro ou situa-se indo além da lei, que por si mesma, como vem sendo produzida nesta cultura, já parece de pouco valor, buscando o gozo Outro, um gozo absoluto, além do gozo sexual, do gozo fálico marcado pela falta, pelo limite.

Em nome desses gozos absolutos, não se abdica de nada em prol dos demais. Para evitar essa demanda alheia o sujeito não assume compromissos, promessas ou contratos rígidos. Os laços têm que ser flexíveis. “Ligações frouxas e compromissos revogáveis são os preceitos que orientam tudo aquilo em que se engajam e a que se apegam”. (BAUMAN, 2007, p.11) “...nada pode reivindicar isenção à regra universal do descartar, ...” (BAUMAN, 2007, p. 9) A vida também se torna líquida.

Segundo o autor então citado, a vida líquida é uma vida “vivida em condições de incerteza”, uma vida frágil, passível de quebras e desmoronamentos frente às constantes transformações. O sujeito é assolado por preocupações intensas referentes ao temor de que em um momento de distração seja pego de surpresa e ele próprio descartado de seu emprego, trabalho, família ou qualquer outro lugar que tenha construído como modo supostamente seguro de viver.

A velocidade impressionante com que hoje se descobre e inventa artefatos e equipamentos que produzem outros modos de fazer as coisas, seja assistir a um filme na televisão ou lavar uma roupa, torna a vida dos sujeitos uma incessante sequência de aprendizagens, mas que nem sempre é possível ser acompanhada. Antigos objetos e, muitas

³² <http://br.geocities.com/jacqueslacan19011981/sobrelacan/desejocomopoder.htm>

vezes, nem tão antigos assim, são substituídos por outros de maior complexidade e eficácia. Modos de fazer são destruídos cotidianamente para dar vez às práticas que se anunciam como as “*in*”.

“‘Destruição criativa` é a forma como caminha a vida líquida, mas o que esse termo atenua e, silenciosamente, ignora é que aquilo que essa criação destrói são outros modos de vida e, portanto, de forma indireta, os seres humanos que a praticam”. (BAUMAN, 2007, p. 10)

Os valores de uma sociedade líquida são os valores do dia atualizados pela Bolsa de Nova York e outros grandes centros econômicos. Esses ditam a durabilidade do sono do sujeito, do amor pela empresa que lhe ofereceu a primeira oportunidade, do eletrodoméstico que se pretende comprar amanhã. O bem e o mal são definidos desde o que vai garantir uma vantagem. A lealdade, a fidelidade são tidas como valores de uma mentalidade provinciana, de sujeitos considerados retrógrados, fracos, que não lutam por seus ideais. Isto é, valores econômicos e morais se tornam indistinguíveis.

O lema é viver o dia de hoje, ter confiança em você mesmo, amar você acima de tudo e de todos e obter o maior gozo possível e agora! Pois o amanhã é tido como completamente imprevisível. Nesta sociedade todos são objetos uns dos outros, o outro passa a ter valor de mercadoria. Os efeitos de uma fragilização do discurso do Outro na “modernidade líquida” “coisifica” e torna o sujeito refém dos ideais de consumo. Dita no próprio sujeito um mandato e um olhar para si extremamente crítico e constante, alimentando uma eterna insatisfação.

O almejado fim das estruturas pesadas veio com a promessa de “derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir” (BAUMAN, 2001, p. 11) Porém, paradoxalmente, se repete uma nova alienação e aprisionamento na tentativa de alcançar finalmente a liberdade, agora recheada de uma completa satisfação.

Como uma forma de resistência a esse discurso, a esses processos que reforçam a instabilidade, a essa ditadura e mandato de leveza e perfeição, produz-se novos sintomas ou, na linguagem de Bauman, novas formas de “sólidos”. Os sólidos resistem à liquefação, funcionam como uma armadura protetora a desestabilização que causam as mudanças

aceleradas. Corpos pesados que têm dificuldade de se movimentarem como se percebe na Obesidade Mórbida. Corpos leves demais como na Anorexia que não tem peso nem força de se erguerem, o que os impede que também mudem de posição e ocupem novos espaços. A violência contra si e contra o outro prende os corpos em seus espaços sentidos como seguros. Pessoas presas em suas casas e em suas cadeiras, vivem o mundo em frente a uma janela virtual que lhes dá uma pseudo-garantia de segurança e uma sensação de estar participando, satisfazendo um gozo cuja modalidade é o que aqui se pretende compreender e elaborar. Ainda, a violência produzida gera angústia, generaliza o sentimento de insegurança, provoca o pânico e reforça o sujeito nessa reatualização da ocupação dos espaços. Nesse sentido, inclusive, observa-se um retorno aos rituais de casamento, uma sociedade de casamentos, separações e novos casamentos. Pessoas são consumidas para formar parcerias, para montar um cenário na vida, seja no casamento, no grupo de amigos ou nas atividades de trabalho e lazer. Essa “vida líquida” que torna cada sujeito um indivíduo-mercadoria está fundamentada pelas imagens que vão se compondo ao redor. As pessoas, bem como os cenários valem pelo que parecem, esta é a sociedade que vive de imagens tão ou mais fluidas que os próprios líquidos ou gases.

Conforme Debord (1997), a sociedade atual produz através do valor no indivíduo o que se conhece por “Sociedade do Espetáculo”, uma cultura narcísica (LASCH, 1987) que produz subjetividades dependentes do olhar do Outro. Subjetividades frágeis que buscam na imagem, na correspondência ao que o Outro do social determina como ideal, um porto seguro, uma unidade. Observa-se quase um dilaceramento do Eu pelo sentimento constante de desamparo frente à velocidade e a corrida imposta pelos modos de ser atuais. “[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. [...] negação invisível da vida, uma negação da vida que se tornou visível. (DEBORD, 2003, p. 12)

Na sociedade do espetáculo, onde “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas mediatizadas por imagens” (DEBORD, 2003, p. 10), o sujeito vale pelo que parece, sofrendo um processo de “assujeitamento”³³.

³³ Assujeitamento, termo utilizado aqui no sentido de estar submetido à rede social, tendo o seu desejo capturado por este modo de subjetivação.

A ilusão da realização através da imagem ideal possibilita uma sensação de que tudo é possível, um gozo sem limites, porém alcançar essa imagem e sustentá-la é o impossível da condição humana pela falta que é constitutiva a esse. Noção essa de sujeito, desde uma falta que o constitui, que vai produzir a idéia do trágico para a psicanálise e que será trabalhada ainda na primeira parte deste trabalho.

Um corpo que só quer gozar é isso que se introduz na modernidade, um corpo que visa o infinito, ultrapassar todos os limites, não ter impedimentos. Assim, se constrói a Morbidez. Nessa montagem discursiva de que tudo é possível, o próprio corpo dá o limite, responde através da própria queda, faz um movimento que pode começar silenciosamente e que ainda persiste na recusa do limite para o gozar, posicionando-se desde uma relação de submissão ao Outro primordial. Encontrando nessa posição um modo de proteção e resguardo de seu gozo, contorna os limites se excluindo da vida desde um lugar desejante com as frustrações inerentes a essa ou de parte dela, evitando viver qualquer experiência que o faça se deparar com a falta constitutiva de sua condição de sujeito. Uma posição de vacilação ao trágico que não acontece necessariamente por uma escolha do sujeito, mas pela possibilidade, pelo modo que conseguiu se arranjar nesse discurso. Seria a condição de Morbidez uma saída para o sofrimento trágico? Ou uma impossibilidade de confrontar-se com ele? E, será o trágico a condição de maior sofrimento? Assim, quais são os efeitos do colocar-se à margem de viver essa condição?

Outra questão que se coloca para autora desses escritos de tese é se a idéia de Morbidez poderia ser pensada como uma psicopatologia? Parece que a Morbidez pode assumir diferentes faces desde o modo com o qual o sujeito se arranja para lidar com sua posição frente ao Outro. Mesmo casos, que em uma sociedade mais tradicional pudessem ser tomados como da ordem do psicopatológico, no tipo de laço atual, cada vez mais a sociedade produz meios de incluir esse sujeito em uma forma de consumo e, conseqüentemente, atribuir um sentido ao seu modo de estar na vida. Como por exemplo, a proliferação de programas e negócios que exploram tanto a Anorexia como a Obesidade atribuindo-lhes um lugar social e, como já foi discutido, softwares e programas de interação virtual que de algum modo tratam de arranjar um meio de facilitar o acesso ao gozo sem a necessidade de sair do próprio quarto, buscando tornar esta prática cotidiana e aceita. Mas, o fato de haver um lugar no social, não necessariamente significa que todos os sujeitos na posição de vacilação ao trágico, serão capazes de ocupar estes espaços sem pagar um preço. Observa-se, desde os casos atendidos na

clínica da autora e sua inclusão no social, bem como através do caso estudado para esta tese, que os sujeitos nessa condição desenham subjetivamente um caminho em torno da morte, muitas vezes como a única possibilidade de vida encontrada, uma tentativa de viver na vida tal como ela se coloca para o sujeito. É o ser para a morte, constituído pelo trabalho da pulsão, que só pode ser pulsão de morte (LACAN, 1998). Lê-se com Freud, “o objetivo de toda vida é a morte”. (1999, p. 40) (tradução nossa)³⁴

Diante do que se está elaborando, a pulsão de morte, bem como o conceito de gozo, tornam-se operadores fundamentais para se construir a idéia de Morbidez. A pulsão de morte, um conceito freudiano retomado por Lacan, e as formulações sobre o gozo desde esse autor serão trabalhadas no seguimento dessa pesquisa como uma das bases que a alicerçam.

³⁴ Este entre outros trechos da obra em Alemão de Freud, presentes neste estudo, foram traduzidos também por Jefferson Pereira de Almeida, professor de Filosofia do IBGEN – Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios, em 2006, especialmente para este trabalho.

3 MORBIDEZ , PULSÃO E GOZO: um recorte

A Morbidez no sujeito se realiza principalmente a partir do trabalho da pulsão. Pulsão e gozo estão aqui articulados de modo a recortar o corpo do sujeito produzindo um modo de estar no mundo desde sua inscrição no campo do Outro. A partir do olhar da autora sobre a posição de Morbidez que, hipoteticamente, parecem se encontrar muitos sujeitos nos dias atuais e, sob uma dimensão de vacilação ao trágico que possa constituir esse lugar, levanta-se algumas questões. O que leva o sujeito a essa posição? De que ordem é o desejo que o desloca para essa condição? Que força é essa que o impulsiona para uma ação compulsiva de repetir em ato um modo de ser que destina o corpo a se exaurir, muitas vezes, num gozo de horror e mal-estar? Sabe-se que em psicanálise estas respostas variam a cada sujeito. O que não varia, e é supostamente da condição humana, é a existência de um mal-estar e um trabalho pulsional envolvido nesses processos. Como a pulsão está aqui implicada?

Assim, situar o sujeito no lugar de Morbidez demanda uma análise sobre o que significa estar nessa posição e sua relação com o Outro, com o desejo, o gozo e a pulsão. Responder a essas questões só é possível, a partir da análise de cada sujeito bem como com a associação do próprio sujeito. Na segunda parte desta tese, essas questões serão articuladas junto ao estudo de caso, já mencionado, de modo a buscar uma compreensão aproximada de algumas formas possíveis do sujeito lidar com o seu sintoma e com o seu fantasma. Neste momento, esses conceitos são introduzidos buscando uma aproximação teórica ao tema.

A Morbidez, conforme a autora vem formulando essa idéia, está relacionada a uma posição fantasmática construída pelo sujeito frente ao Outro primordial. Essa posição o implica em uma oscilação sobre ocupar completamente um lugar de objeto para esse Outro, que o faz vacilar frente ao campo do desejo e no confronto com o trágico desde a perspectiva de Lacan. Supõe-se que, o que o determina nessa posição seja a sua relação com a metáfora paterna, isto é, de que forma incide no sujeito a lei que o possibilitaria aceder a uma condição desejante. De que forma esse se depara com a falta, com a diferença sexual e se inclui na castração? Não se supõe aqui uma forclusão do Nome do Pai, porém que o sujeito na condição de Morbidez faz um movimento de vacilação ao se deparar com um Outro que se mostra frágil, que falha na sua intervenção.

É como produção do desejo do Outro que a criança se inclui em uma genealogia. O sujeito inicia seu processo de constituição subjetiva onde ainda não há consciência de si mesmo. É no encontro com o olhar do Outro que este faz a sua inserção no mundo das imagens e da linguagem. Segundo Quinet (1997), o Outro é o lugar do significante, é prévio ao nascimento do bebê e está dado como uma totalidade, um código universal que insere o ser humano no registro da lei, na ordem simbólica. No caso da estrutura neurótica, a mãe ao gestar se encontra sob a lei do Outro, o que permite a ela falar e a demandar algo a seu bebê, como por exemplo, imaginar como este será fisicamente, seu nome, sua profissão... O lactante ainda não tem noção do seu corpo, não se reconhece enquanto uma unidade, isto é, experiencia sensações desde o seu corpo como fome, sede, frio, calor e estranhamento, porém não as discrimina e nem as percebe claramente, reagindo principalmente com o choro. É a mãe (ou a pessoa que faz esta função) que passa a interpretar o choro do seu bebê e nomeá-lo a cada vez, conforme o que lhe pareça significar, atribuindo um sentido as suas sensações. Essa operação pode se constituir como marca significante, traço que vai sustentar o fantasma do sujeito desde o que foi interpretado a partir da demanda desse Outro. Assim, é com palavras, gestos e objetos que a imagem do corpo vai se construindo. O bebê, em processo de subjetivação, está à espera de simbolização (DOLTO, 1984). Portanto, é a mãe que detém nesse momento o poder de satisfazer ou não as necessidades da criança, impondo-se para essa como um Outro absoluto cuja lei o bebê esta subordinado.

Na interpretação dos sinais dados, a mãe coloca em questão o seu desejo e a sua própria imagem corporal desde onde essa foi constituída e desde onde ela apreendeu o seu desejo. É no poder desejar e demandar ao seu bebê, bem como colocar esse no lugar de objeto de seu desejo ou falo, aquele que em seu imaginário lhe veio para suprir uma falta (nos primeiros 18 meses aproximadamente), é que a mãe lhe reveste o corpo biológico o alienando a uma imagem de si. Neste contexto de comunicação, entre duas imagens corporais, vão acontecendo as vivências em relação, isto é, na relação entre os dois, o que fala atribui sentido e com isso antecipa uma unidade funcional para o outro, formulando o esquema corporal. Trata-se aqui, da constituição do Eu como imagem antecipada antes mesmo do esquema sensorio motor já estar pronto para dar sustentação ao corpo.

Lacan introduz esta temática quando elabora o estágio do espelho.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo empuxe interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante [...]. (1998, p. 100)

A criança, então, passa a se ver desde o olhar da mãe, que ocupa aí o lugar do Outro primordial, daquele que demanda ao bebê desde o seu desejo. O olhar da mãe funciona como um espelho onde o bebê pode se perceber e formular o seu próprio desejo desde o desejo do desejo do Outro, desde aquilo que lhe pede para vir a ser, idealizando para este um Eu, o Eu-ideal. De acordo com Quinet (1997), este Outro funciona como seu duplo especular, conferindo ao Eu sua característica bipolar e essencialmente paranóide, pois um eu nunca está só, está sempre acompanhado de seu Eu-ideal. Imagem pela qual o Eu se apreende como ser humano. Esta fase inaugura o que Freud (2004) chamou de Narcisismo Primário, designando o investimento libidinal voltado ao Eu no momento de sua constituição.

Alienado no desejo do Outro, nunca é com os seus próprios olhos que se vê e é neste encontro que a mãe vai reconhecer seu bebê como sujeito, fazendo com que esse se identifique. “‘Sim, és tu Pedro, meu filho’, que, com um ‘és tu’, dará um ‘sou eu’.” (LACAN apud CHEMAMA, 1995, p. 58)³⁵

Esse "sou eu" ou "eu sou", funda desde a formação da imagem corporal uma outra posição, a de sujeito enquanto implicado numa posição desejante. Desde essa posição e com a interdição de uma instância terceira que põem limite no desejo da mãe e no desejo da criança em identificar-se com este falo que pode realizar o gozo da mãe, essa passa a se identificar com quem ela pressupõe que tenha o falo que a mãe deseja. Momento esse que, segundo Freud, se inicia o complexo de Édipo. Ao deparar-se com uma realidade onde quem detém o falo é o "pai" (no sentido de uma função paterna), instala-se na criança a falta, falta de ser ou ter aquilo que a mãe deseja. Na instalação dessa falta se inicia o processo de diferenciação sexual, determinando o gênero e as escolhas objetais desse sujeito. Quais as conseqüências,

³⁵ Esta citação foi primeiramente encontrada na Dissertação de Ramalho (2001), onde esta cita o ano de 1992 como referência, indicando o Seminário 8 de Lacan, A Transferência e, em Chemama (1995, p. 58), onde ele sugere o Seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, porém, como não foi encontrado nestes Seminários esta forma de citação, talvez pelo uso de uma edição não oficial por parte desses autores, nesse momento, para não confundir o leitor e na intenção de ser fidedigno a fonte, preferiu-se usar o *apud*.

então, quando essa instância terceira faz metáfora de modo precário? Inúmeras são as possibilidades, aqui se constrói uma hipótese: a *Morbidez*.

É necessário considerar o quanto este drama vivido pela criança fornece as condições para o sujeito se constituir como tal, tornando possível a sua inserção na cultura através da linguagem. Pois é na linguagem que o sujeito se constitui. Os significantes maternos, ou seja, os gestos, as palavras pronunciadas e posteriormente compreendidas, possibilitam a construção de uma imagem corporal e a condição para o sujeito advir desde onde ele é alienado, desde onde não tem consciência, porém de onde ele é, do lugar de que fala.

[...] se Lacan propõe o inconsciente estruturado como uma linguagem, a primeira coisa que isso quer dizer é que o inconsciente fala, [...]. Que o inconsciente é a moradia, a casa do sujeito, do sujeito que fala: em outras palavras, o inconsciente é o lugar de uma enunciação. (CALLIGARIS, 1991, p. 174)

Assim, com a elaboração freudiana do inconsciente, Lacan (1998, p. 521), em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, resitua a máxima cartesiana do “penso, logo existo” para “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. Isto é, é desde o sujeito da enunciação que o enunciado e/ou melhor, o sujeito é produzido. Somente falando desse lugar de onde não impera a lógica da razão é que o sujeito se torna sujeito e é capaz de produzir uma imagem que o torna reconhecível.

O sujeito se reconhecendo desde esta imagem que o aliena de si mesmo tem as condições de uma interlocução com o outro com quem partilha os mesmo códigos. Assim, também se pode entender a cultura como o Outro, uma lei que captura o sujeito em uma rede discursiva e determina o que é possível advir na ordem do desejo, humanizando as relações. Segundo Schäffer (1999, p. 27), “Sujeito e Outro são referenciais interligados determinados pela sustentação do campo cultural, que só se mantém pela transmissão da linguagem”.

Didaticamente, pode-se pensar, então, o corpo inicialmente produzido a partir de uma alienação da própria imagem do sujeito, assumindo “uma identidade alienante que vai marcar com sua estrutura rígida todo seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1988, p. 90), efeito de uma relação do sujeito com o Outro, produto da cultura, que lhe fornece uma demanda que pode vir a capturá-lo desde a produção e imposição do que deve desejar ou somente fazer as

marcas necessárias que possibilitem ao sujeito falar com outros desde uma via singular, mas dentro dos mesmos códigos de acesso. Nesse momento o sujeito está alienado a uma posição frente ao seu fantasma.

É na construção do seu fantasma que está dada para o sujeito a direção do seu gozo. “a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo”. (LACAN, 1998, p. 785) O desejo, é desejo de nada, não há objeto do desejo. É somente em função da falta, que se instala através da lei, a qual impede o sujeito de se tornar definitivamente o falo para o Outro, que o campo do desejo se constrói. É desse espaço que surge a possibilidade de uma escolha objetual, nunca um único e definitivo objeto que possa dar conta do desejo, mas algo se constitui para imaginariamente ocupar o lugar do objeto *a*, objeto para sempre perdido, causa do desejo. Nesse sentido que a constituição do fantasma para o sujeito é a única via possível de sustentação de seu desejo, ele lhe fornece uma realidade empírica que torna possível a delimitação de um campo de desejo, isto é, de uma possibilidade de situar-se frente ao desejo do Outro. É a ação do fantasma que possibilita o sujeito desejar e estabelecer uma relação de objeto.

Na *Morbidez*, o que se desenvolve aqui, é a idéia de uma vacilação ao campo do desejo, à formulação do seu próprio desejo desde sua posição frente ao seu fantasma. O sujeito oscila em sair ou permanecer na própria posição de objeto/falo para o Outro. Portanto, acredita-se, que mesmo supondo uma posição na *Morbidez*, muitas vezes, aquém do lugar desejante, não se poderia afirmar que não há a constituição de um desejo. Mas que aí há um vaivém desde seu vacilo a entrar nesse campo. De outro modo não se desenvolveria uma capacidade de simbolização. E não é de uma estrutura psicótica necessariamente que se julga tratar a *Morbidez*. Porém, de analisar que condição é essa que mantém o sujeito agarrado aos objetos na busca desenfreada de evitar a frustração e que frequentemente o exclui de uma vida composta por novos vínculos, além de sua família de origem, podendo até o levar a uma morte prematura como nos casos de *Obesidade Mórbida*, *Anorexia* e outras síndromes.

As representações imaginárias do fantasma, representadas pelo matema $\$ \Delta a$, fornecem as condições de escolha para o sujeito. Assim, também na *Morbidez*, o fantasma direciona a busca de objetos relativos ao desejo que se constituiu, mesmo que “capenga”. Ele atualiza relações ligadas às primeiras experiências de satisfação. Experiências essas que se realizam no seio da família desde um enlace entre discurso e pulsão.

É na “família”, no sentido psicanalítico do termo, isto é, lugar onde se conjugam duas narrativas acerca das origens do sujeito: a da fantasia individual e do mito coletivo, que se funda o sujeito.

Em outras palavras, isso significa dizer que a passagem individual pelo complexo de Édipo pressupõe que o mito da horda primitiva esteja inscrito no discurso que dirige o laço social. Em termos freudianos, podemos considerar que o Édipo é a atualização ontogenética de uma herança filogenética, a horda primitiva. Ambas são estruturas que organizam discursivamente o jogo de posições do enlace pulsional. Elas são construções (...) que situam o ponto de enlace, de alienação, entre discurso e pulsão. (POLI, 2005, p. 220-221)

A pulsão se articula nesse enlace. Enquanto histórica ela se constitui através do desejo do desejo do Outro marcando o corpo como pulsional e determinando o circuito que aí se realiza. (LACAN, 1998)

3.1 O TRABALHO DA PULSÃO NA MORBIDEZ

Para Lacan (Ibid), a pulsão é uma montagem surrealista, sua principal característica é a sua trajetória em circuito, um vaivém determinado pela própria incompletude de sua estrutura, isto é, pelo impossível de se satisfazer, de atingir seu alvo.

A pulsão, neste circuito repetitivo, busca, então, incessantemente, a sua satisfação pela diminuição da tensão, sendo pela pulsão parcial que ela se consoma. É através da cadeia significante, na qual se constitui o sujeito enquanto sujeito do desejo, que lhe foi traçado o caminho para sua satisfação.

Parte-se do princípio, nesta tese, de que a Morbidez em um sujeito tem como condição uma relação com a pulsão de morte. Mas de qual morte trata-se aqui? E, nesse sentido, continua-se interrogando: qual o trabalho pulsional que haveria aí? Como esse sujeito está situado no circuito da pulsão? Como está inscrito na ordem significante que vai marcá-lo subjetivamente determinando o trabalho pulsional em seu corpo? E, de qual significado de pulsão de morte se está referindo?

O conceito freudiano de pulsão torna-se escorregadio frente às demandas teóricas que lhe impõem uma delimitação precisa. Lacan rediscute esse conceito fundamental da psicanálise engendrando um outro olhar. É a partir desses dois autores, principalmente, que se pretende construir algumas hipóteses e reflexões sobre essa temática.

Freud inventa este conceito a fim de dar uma consistência teórica à psicanálise na compreensão dos fenômenos clínicos. Em seu artigo “Três Ensaio Sobre a Sexualidade”, trata de pensar a pulsão sexual, seu fim e objetos, e o deslocamento da satisfação dessa pulsão a partir dos objetos e fins considerados normais em relação a outros que, em determinados níveis, se tornariam patológicos, mais especificamente formas de perversão. Naquele momento de sua obra a perversão estaria relacionada àquela psicopatologia relativa a um desvio na forma da pulsão sexual se satisfazer, na troca do alvo e do objeto sexual que vise a reprodução, isto é, o modelo genital pela satisfação a partir de qualquer outro objeto ou alvo. Parece que, ao longo desse texto, o que Freud propõe é uma perversão do instinto pelo conceito de pulsão. Freud desnaturaliza a idéia de uma sexualidade que vise à reprodução e a manutenção da vida biológica, revolucionando os padrões morais de sua sociedade. Ele afirma com esta proposição um corpo que não se reduz ao biológico. Dissocia a idéia de perversão e desvio do patológico. Ao pensar as pulsões parciais desde a diversidade das fontes erógenas no corpo, bem como os objetos de satisfação dessas pulsões, opera uma transformação radical na concepção sobre o corpo. O corpo adquire significado através da linguagem. É do corpo submetido ao simbólico e recortado pela pulsão que Freud nos fala.

Ainda, nesse artigo, Freud se refere à função das pulsões sexuais na neurose.

[...] toda minha experiência mostra que estas psiconeuroses baseiam-se em forças pulsionais sexuais. Com isto não quero dizer simplesmente que a energia das pulsões sexuais faz uma contribuição às forças que mantêm as manifestações patológicas (os sintomas). Pretendo expressamente afirmar que essa contribuição é a mais importante e a única fonte constante de energia da neurose e que, em consequência, a vida sexual das pessoas em questão é expressa – seja exclusiva ou principalmente, seja apenas parcialmente – nesses sintomas.[...], os sintomas constituem a atividade sexual da pessoa. (1999, p. 62-63) (tradução nossa)

Ainda, percorrendo historicamente esse conceito, essa introdução não caracteriza toda a teoria freudiana sobre o conceito de pulsão. Pelo contrário, mais tarde, em 1915, Freud em seu artigo “Pulsões e Destinos da Pulsão” (2004) vai inaugurar o primeiro dualismo pulsional em sua obra.

As forças pulsionais são classificadas conforme o princípio de constância, o princípio do prazer e o princípio da realidade que regulam a vida psíquica. Assim, num primeiro momento, as chamadas pulsões de autopreservação ou pulsões do Eu estão a serviço do princípio da realidade, “princípio que exige e efetua o adiamento da satisfação” (1999, p.66) (tradução nossa) enquanto que as pulsões sexuais estão a serviço das reivindicações da sexualidade e subordinadas ao princípio do prazer.

Freud retoma e modifica esse primeiro dualismo, que ele mesmo coloca como uma “simples construção auxiliar que apenas será mantida enquanto se mostrar útil...” (Op. cit., 2004, p. 150). Ele formula, então, em 1920, o segundo dualismo pulsional: pulsão de morte e pulsão de vida. A pulsão de vida englobaria as pulsões anteriormente designadas como pulsões do Eu e pulsões sexuais,

dedicamo-nos mais de perto à análise do Eu e reconhecemos que uma parte das pulsões do Eu também é de caráter libidinal e tomou o próprio Eu do sujeito como seu objeto. Daí por diante, essas pulsões narcisistas e autoconservadoras tiveram de ser incluídas entre as pulsões sexuais libidinais. (1999, p. 66) (tradução nossa)

Convicto de que as pulsões não poderiam ser todas da mesma espécie, Freud, a partir da observação da compulsão à repetição e do caráter conservador das pulsões, conclui, em o Mal-Estar na Civilização, que

ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrária àquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico. Isso equivaleria a dizer que, assim como *Eros*, existia também uma pulsão de morte. (1999, p. 477- 478) (tradução nossa)

Observa-se que a pulsão de vida, nesse segundo dualismo, está formulada teoricamente em “oposição” à pulsão de morte que serviria ao princípio de constância ou *Nirvana*³⁶. Porém, como já citado, lê-se ainda com Freud: “O objetivo de toda vida é a Morte.” (1999, p. 40) (tradução nossa) Mas, se o objetivo de toda a vida é a morte, como haveria aí uma oposição?

Acompanhando Freud, também, depara-se com a idéia de que o princípio do prazer ao qual as pulsões sexuais estão subordinadas, bem como o princípio de constância, buscam diminuir o estado de tensão no organismo. O princípio do prazer regula a busca pela satisfação da pulsão de vida naquilo que lhe dá prazer ou evitando o desprazer tendo como efeito a diminuição de um estado de tensão, ao mesmo tempo em que o princípio de constância ou *Nirvana* exige esta baixa de tensão. “O princípio do prazer decorre do princípio de constância; na realidade esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio do prazer.” (1980, p. 19)

E, conforme, Volich:

Freud incorpora o conceito de Barbara Low de princípio de Nirvana, descrevendo-o como a tendência a reduzir a excitação no aparelho psíquico a zero, ou aos níveis mais baixos possíveis. Para ele, o princípio do Nirvana, a serviço da pulsão de morte, é um funcionamento primário que no ser humano *sofre uma modificação* que o transforma em princípio do prazer. Essa modificação é provocada pela pulsão de vida "*que obtém*, ao lado da pulsão de morte, *o direito de participar à regulação dos processos vitais*". Percebemos assim que a dinâmica entre esses grupos pulsionais - Vida e Morte, amor e ódio - é marcada não apenas pela oposição, mas sobretudo pela *intrincação pulsional*, pela possibilidade de investimentos recíprocos que determinam uma mudança nas próprias características dessas pulsões e em seus destinos. (VOLICH)³⁷

Assim, será que se poderia pensar que, em um trabalho conjunto, a pulsão de morte e a pulsão de vida as quais subordinadas ao princípio de constância, enodam-se mais do que Freud nos demonstra inicialmente? E, a partir desta hipótese, concordar com Lacan (1998) que toda pulsão é pulsão de morte?

³⁶ Termo tomado por Freud (1980) da inglesa Barbara Low.

³⁷ <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/archives/texte97.htm>, conforme citado nas referências bibliográficas e publicado em Berlinck M. (org.), *Dor*, São Paulo, Escuta, 1999, p. 35-60. Versões condensadas deste trabalho foram apresentadas no IV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, realizado de 23-25/IV/1999, em São Paulo e na II Jornada de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro - SPCRJ sobre "Os casos limites" realizada de 24 a 25/IX/1999 no Rio de Janeiro.

Freud apresenta a compulsão à repetição como propriedade da pulsão de morte. E é nesse sentido que interessa a pulsão de morte para a idéia de Morbidez, desde aquilo que não cessa de não se inscrever; insiste em sua impossibilidade de se ligar ao representante pulsional, que se repete e retorna como significante fixando o sujeito em uma posição.

O conceito de compulsão à repetição aparece formalmente com Freud (1980) em seu texto de 1914: "Recordar, Repetir e Elaborar". Nesse mesmo texto Freud trabalha a relação entre esses termos. Na identificação da repetição na dinâmica da transferência, ele observa que a compulsão repete padrões, modos arcaicos estereotipados no lugar de uma recordação. A repetição surge na transferência não como uma lembrança, mas como ação. Esta ação faz com que Freud perceba a repetição como resistência. A repetição se realiza desde uma compulsão para que algo que ali insiste ocupe um lugar. Segundo esta lógica, no "Além do Princípio do Prazer", Freud formula a idéia de que outra força, uma "força demoníaca" (1980, p. 52), busca uma satisfação, indicando nesse momento "que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica a restaurar um estado anterior de coisas..." (1980, p. 53-54). Aponta nesse instante para a teoria de Lacan do real e do gozo, na qual a compulsão à repetição também seria a insistência na satisfação total da pulsão, no retorno a um estado zero de tensão.

Se o objetivo da pulsão é a sua satisfação, o que busca essa para satisfazer-se? Freud, ao contrário de Lacan, afirma que é repetir a satisfação que já foi obtida um dia, satisfazendo o prazer do órgão. Para Lacan (1998) essa satisfação é "paradoxal". É naquilo que busca que não se satisfaz. "...é desta forma que aparece o real, a saber, o obstáculo ao princípio do prazer. O real é o choque, é o fato de que isso não se arranja imediatamente, como quer a mão que se estende para os objetos exteriores." (LACAN, 1998, p. 158) Assim, na clínica psicanalítica, como observa Lacan, os pacientes não se satisfazem com o que são, eles não se contentam com o seu estado, "e, no entanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo o que eles vivem, mesmo seus sintomas, depende da satisfação. Eles satisfazem algo que vai sem dúvida ao encontro daquilo com o que eles poderiam satisfazer-se, ou talvez melhor, eles dão satisfação a alguma coisa." (LACAN, 1998, p. 158)

Na Morbidez essa busca parece estar ligada a obter e manter o gozo do Outro. Esse ato é observado, por exemplo, na busca compulsiva do sujeito com Obesidade pelo objeto-comestível que lhe satisfaça a excitação provinda da fonte (desde Freud, 1980) ou (desde

Lacan, 1998), do orifício (não significando a mesma coisa), que no corpo lhe produz essa excitação: entre outras destaco aqui, a boca.

Nesse sentido, supõe-se que a pulsão na busca por sua satisfação pela pulsão parcial, não apresentaria necessariamente uma oposição entre pulsão de vida e de morte, essas se encontrariam de algum modo ligadas. Afinal, a sexualidade, diz Lacan, só se realiza pela operação das pulsões no que elas são parciais. Parcial, pois “pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito.” (1998, p. 170)

O que parece ser confirmado pelo próprio Freud (1999, p. 478), quando em “Mal-Estar na Civilização” escreve: “Ao mesmo tempo, pode-se suspeitar [...] que os dois tipos de pulsão raramente – talvez nunca apareçam isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados [...], tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento.” Um pouco adiante diz ainda: “O *Destruktion ssucht*³⁸, quando dirigido para dentro, de fato foge grandemente a nossa percepção, a menos que esteja revestido de erotismo.” (Ibid, p. 479) Neste mesmo capítulo, Freud cita os casos de sadismo e masoquismo, manifestações da sexualidade, como exemplo dessa fusão entre uma pulsão agressiva e uma pulsão de vida.

Lacan observa uma operação conjunta da pulsão neste retorno em circuito, que contorna o objeto *a*: “... a pulsão, a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado.” (1998, p. 195)

Estaria a busca pela satisfação da pulsão se alternando entre sua face de vida e de morte, talvez como “figura-fundo”, conforme o modelo de Garcia-Rosa (2003) para explicar o trabalho da pulsão, perseguindo uma satisfação além do que, através do objeto parcial, apresenta enquanto sexual? Isto é, essa busca estaria relacionada a um além do princípio do prazer? Momento em que essa força pulsional se desligaria da representação, apresentando-se como pura pulsão de morte?

³⁸ Traduzido por “desejo de destruição” nas Obras Completas de Freud (1980) da coleção da Editora Imago em português e traduzido por “vício ou mania de destruição” a partir da leitura e tradução informal de Almeida (op. cit.), a partir do Dicionário Português- Alemão, Alemão- Português *Langenscreidt*,(2003).

O que busca a pulsão nesse “além do princípio de prazer?”

Lacan, no Seminário 11, quando trata da repetição faz uma diferença com relação a teoria freudiana aludindo ao termos gregos *Tiquê* e *autômaton* retirados da obra de Aristóteles, mais especificamente de sua teoria dos princípios. “[...] o que está em questão aqui é a sua noção de causa accidental (*symbebekos*) nas duas formas em que é concebida por Aristóteles: *tiche* e *automaton*.” (GARCIA-ROSA, 2003, p. 39) A *Tique*, segundo Lacan, funciona como motor do *autômaton*, ou seja, ele demonstra que “não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida.” (1998, p. 56) A repetição diz respeito ao real, ao que é velado. O que se repete, e sempre de encontro a uma diferença, não é o que se produz como efeito do recalcado. Isso guarda uma semelhança no discurso que surge como *autômaton*, mas o que insiste é de outra ordem, da ordem do além do princípio do prazer, do real. É nesse sentido, que a pulsão de morte, enquanto energia desligada da representação, coloca em movimento uma busca pela satisfação de algo que não está dado pelos objetos parciais ao alcance do sujeito.

O conceito de pulsão como pulsão de morte e seu desdobramento enquanto parcial, sexual, servirá como base para se pensar a montagem da pulsão na Morbidez na Obesidade, questão da qual se tratará na sessão 5. Para tanto, introduzir-se-á a pulsão oral e a pulsão escópica como parte fundamental desta montagem. O que significa a oralidade na Obesidade e que força é essa que não cessa de se atualizar inscrevendo um sintoma tal que leva o sujeito a uma “morte antecipada” como no caso de Obesidade Mórbida e da Morbidez na Obesidade. Ainda, a pulsão escópica, desde Freud (2004), será compreendida como um impulso a ver e ser visto. E, a partir de Lacan (1998), pensar-se-á o olho como fonte de libido, o qual tomaria o olhar como objeto, manifestação da vida sexual ao conferir ao olho uma função de “tocar através do olhar, despir e acariciar através dos olhos” (QUINET, 2002, p. 11). Observou-se já, a partir das entrevistas realizadas para a tese, elementos que apontam um lugar importante do olhar do Outro sobre o sujeito e que faz com que se interrogue sobre uma produção sintomática, não somente, a fim de escapar desse olhar que consome o sujeito, mas, também, de esse próprio não se permitir tocar pelo olhar naquilo que lhe marca no corpo como diferença. Porém, na Obesidade Mórbida, ao mesmo tempo em que o sujeito se coloca encoberto pela gordura, descaracterizando sexualmente o corpo, faz-se objeto do olhar pela forma que o corpo se presentifica. Observa-se, que não se permite tocar com o olhar no lugar de sujeito, onde este

olhar marca uma diferença, uma sexualidade, expõe a castração. Mas permite o olhar do Outro desde que o reafirme no lugar de objeto. Seria esse o trabalho da pulsão de morte? Nesse momento, somente se encaminha essa questão.

3.1.1 A Morbidez e o Seu Gozo

Nos casos de Obesidade Mórbida, observa-se um gozo que chega ao seu extremo, de um modo semelhante, em alguns casos, ao do drogadito que diz: “quero aumentar a dose até o extremo da morte, levar a vida até onde ela culmina.” (VEGH, 2001, p. 26) Pela busca de uma satisfação absoluta o sujeito pode se tornar “alvo” de uma repetição compulsiva que o defronte com o real da morte. Morre-se em nome desse gozo.

Trata-se aí do gozo da pulsão pelo sintoma. Do que goza esse corpo na condição de Morbidez? Supõe-se que se refere, também, de gozar da posição de fazer o Outro gozar. Nesse sentido, é enquanto se oferecendo como objeto ao desejo do Outro que há uma possibilidade de seguir atribuindo um sentido ao seu próprio ser. Não se trataria de um “desejo puro”, mas sim um desejo de satisfazer o desejo do Outro preenchendo imaginariamente com um objeto real (objetos com os quais se identifica e por isso os consome) a falha no Outro. Evita-se confrontar com a falta no Outro e, por conseguinte, em si próprio. O desejo, então, do sujeito na condição de Morbidez, poderia se supor, que passaria aí por fazer o Outro gozar. Tratar-se-ia, assim, do gozo do Outro.

Na medida em que a pulsão organiza-se a partir da entrada do campo do Outro, aquilo que o sujeito faz com seu corpo vai entrar na dependência significativa ao lugar do Outro: vai colocar-se a partir da suposição de uma demanda. [...] um oferecimento do corpo à demanda do Outro. (COSTA, 1987)

O gozo do Outro, conceito laciano para esse modo de gozo, é um gozo que não cessa de se inscrever, é marcado pelo significante inscrito desde o campo do Outro. “O significante é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo? [...] Por mais desmanchado por mais confuso que isso seja, é uma parte que, do corpo,

é significada nesse depósito.” (LACAN, 1985, p. 36) Isto é, para Lacan trata-se no gozo do Outro de “ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do gozo do Outro.” (Ibid, p. 35)

Segundo a leitura de Jaime Betts

“O Gozo do Outro é aquele do Outro primordial não castrado que goza de forma absoluta de seu objeto impossível. Diante do Outro não barrado, a posição do sujeito é de puro objeto, de pura perda sacrificial do corpo que satisfaria completamente ao Outro. Trata-se de um gozo ilimitado, onde o nome do Pai falha na interdição do desejo incestuoso do Outro materno.” (1999, p. 32)

Para evitar a fúria e a perda do amor e da proteção do Outro primordial, o sujeito responde à sua demanda não deixando que nada lhe marque uma falta. Sucumbe ao próprio gozo na tentativa de preenchimento do seu corpo. O sujeito oferece o próprio corpo produzindo o gozo do Outro, consome-se a vida para o Outro gozar. Um gozo infinito porque não fálico, um lugar anterior ao que se constitui o gozo fálico.

O gozo fálico é o gozo da fala, supõe um sujeito submetido à lei da castração, regido por um ordenamento simbólico. “O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal.” (Lacan, 1985, p. 17-18) O gozo fálico, nesse sentido, implica o significante de um modo diferente do que o gozo do Outro enquanto submetido de uma forma mais severa à castração, porém alguma inscrição significativa sempre ocorre em qualquer gozo.

A satisfação sexual-fálica e mesmo a escolha de um parceiro podem ser substituídas por atos de incorporação que visem à fusão, à igualdade entre os sexos, no gozo do Outro, nega-se a castração. O sujeito nega a castração visando preservar sua imagem narcísica, não deixando que algo falte ao Outro. Assim, busca se defender dessa demanda, pois se ao Outro nada falta o sujeito também está seguro e protegido da morte simbólica no registro da completude. Se não se depara com a falta no Outro, não se depara com a própria falta. Logo, a fim de evitar a castração no Outro, o sujeito oferece o próprio corpo para tamponar a falta.

É a morte simbólica que aterroriza o sujeito na condição de Morbidez, a única morte que poderia fazer um corte na sua condição de objeto. Possibilitar uma saída dessa condição. É dessa morte que o sujeito foge desesperadamente, buscando abrigo através dos objetos.

Lacan, no Seminário da Ética vem tratar dessa ao interrogar a função do analista e o desejo a partir das tragédias. É, principalmente, desde Antígona que Lacan interroga a posição do sujeito frente ao seu desejo e sua entrada no campo do trágico. Portanto, é desde o discurso significante sob o qual o sujeito está submetido que está dada a sua posição frente ao seu fantasma e a direção de seu desejo pelo qual se orienta o trabalho da pulsão recortando o corpo de tal modo que vai direcionar suas escolhas.

Seria, então, o gozo do Outro o do qual goza o sujeito com Morbidez? Quais as nuances que engendram essa posição fantasmática que direciona o sujeito para esse e que, talvez, façam alguma diferença nesse modo de gozo do sujeito com Morbidez que o torna diferente do gozo na psicose. Uma das nuances não seria justamente a condição de vacilo ao campo do desejo, ao confronto com o trágico (como será tratado no próximo capítulo) e a tentativa, mesmo que na maior parte das vezes fracassada, de se buscar o Nome-do-Pai, construir essa metáfora a fim de entrar positivamente na ordem do desejo e assim obter o gozo fálico? Desse modo, provocando um gozo talvez não necessariamente sempre relacionado ao do Outro, mas um outro tipo de gozo específico dessa posição? Poder-se-ia, em sua leve diferença com o gozo do Outro, denominá-lo gozo Mórvido? Um gozo que procura na condição de Morbidez, além do apagamento da falta e da satisfação absoluta, fazer da busca de um estado próximo ao zero de tensão um lugar no qual não permite ao sujeito outras escolhas que não as que o aliene de construir o seu próprio desejo? Um gozo que se pretenda uma “saída”, mas que também o remete a uma posição que lhe cause desconforto e angústia? Porém, onde, por diversos momentos, como se observará na discussão do caso escolhido para análise, surgem tentativas do sujeito, mesmo que resistentes, de construir uma metáfora que faça valer o seu ser além da posição de falo para o Outro.

Por exemplo, nos casos de Obesidade Mórvida com Morbidez, observa-se uma negação dos sujeitos a qualquer tipo de tratamento de ordem subjetiva que os impliquem em um lugar desejante, que possibilite uma saída dessa condição, que os confrontem com o trágico do humano que é, também, a própria necessidade de fazer escolhas. O que parece haver como busca pelo Nome-do-Pai, muitas vezes se restringe ao lugar de queixa por esse lhe faltar. Assim, a “escolha” é a da comida como objeto de apaziguamento e a alienação nesse gozo e nessa condição. Tratar-se-ia nesta tese, então, de investir ao gozo em questão um caráter Mórvido? Poder-se-ia denominá-lo gozo Mórvido?

Essa é uma proposição que aguardará um estudo mais largo para sua sustentação em uma próxima pesquisa. Surge, neste momento, como uma nova idéia, uma derivação da tese sobre o gozo na condição de Morbidez.

4 MORBIDEZ: UMA CONDIÇÃO DE VACILAÇÃO AO TRÁGICO?

A idéia de Morbidez, em sua dimensão de vacilação ao campo do trágico, como já escrito, se constituiu para a autora dessa tese a partir de discussão na banca de defesa do projeto de pesquisa. Nesse sentido, trabalhar-se-á a idéia de trágico, tal qual a psicanálise vai tratar este tema, principalmente através de Lacan na relação de construção com este conceito nas tragédias de Édipo, Antígona e Hamlet em seus Seminários sobre o “Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise”, “A Ética da Psicanálise” e “O Desejo e sua Interpretação”.³⁹

É, principalmente, a ética, no modo como é trabalhada no Seminário “A Ética da Psicanálise”, que mais interessa a esta tese, na medida em que essa propõe uma reflexão sobre o agir humano e se relaciona com a psicanálise desde os impasses e conflitos que vigoram na relação do homem com sua ação balizada pelo desejo. (MELLO, 2001)⁴⁰ Nesse Seminário, ainda, encontram-se os conceitos de “segunda morte”⁴¹ e “entre-duas-mortes”⁴², importantes para pensar a idéia de Morbidez, o trágico e o caso a ser discutido.

Portanto, trabalhar-se-ão as tragédias de Édipo Rei, Antígona e Hamlet a partir do olhar de Lacan e, também, pela análise destas obras desde as formulações de Kathrin Holzermayr Rosenfield sobre a atualidade de Édipo e, de Denise Maurano Mello na relação entre a tragédia e a construção do conceito de trágico na psicanálise.

³⁹ Observa-se que Lacan toma o trágico sob diferentes perspectivas no decorrer dos tempos e que, em sua obra, destacam-se como relativas às idades antiga, moderna e à contemporaneidade. Ele aponta como a perspectiva trágica se desloca em cada um destes momentos da humanidade. Mesmo que o caso que será trabalhado na segunda parte dessa pesquisa se situe na contemporaneidade, o que, talvez remetesse a outros autores fazer uma análise desse desde o Seminário da transferência, onde Lacan trabalha o trágico na contemporaneidade a partir dos contos de Claudel, a idéia da autora é pensar o conceito de trágico tal como foi elaborado, principalmente nos Seminários acima citados.

⁴⁰ As tragédias referidas aqui servem ao objeto de estudo conforme esse vem as demandando, portanto as obras trabalhadas por Lacan para pensar a contemporaneidade não serão diretamente trabalhadas, não excluindo a possibilidade de, em um próximo trabalho, o foco se deslocar para pensá-las conjuntamente a este tema.

⁴¹ Lacan (1997), no Seminário sobre a Ética vai trabalhar a idéia de “segunda morte” a partir da tragédia de “Antígona” se referindo inicialmente à morte de Polinices. Neste contexto, segunda morte vem a significar a morte simbólica, quando há a morte do sujeito havendo ou não a morte real.

⁴² Conceito apresentado por Lacan (1997) no Seminário “A Ética da Psicanálise”, referindo-se a um lugar subjetivo que o sujeito constrói entre a morte simbólica e a morte real, conforme será discutido no seguimento do trabalho.

Neste capítulo, ainda, percorrer-se-á a idéia de trágico a partir da perspectiva de algumas formulações de teóricos do pensamento alemão sobre este conceito, traduzidos aqui na ótica da autora pelos estudos sobre o trágico de Peter Szondi. Porém, mesmo iniciando com esta perspectiva, ocupa-se principalmente de um olhar psicanalítico, somente com considerações ao problema desde o campo filosófico.

A dimensão do trágico desde a perspectiva psicanalítica passa pela identificação na arte trágica de uma ética. Essa diz respeito a uma posição do sujeito frente ao Outro e à lei que o orienta no campo do desejo. É na medida em que essa dimensão, desde o olhar lacaniano, aponta para uma *hybris*, uma desmedida, um desconhecimento inerente à condição de humano, que a tragédia, enquanto arte que imita a vida (ARISTÓTELES, 1997) apresenta em sua ação duas posições que se tornam fundamentais para se pensar a clínica e, portanto, a Morbidez. Posições essas que se referem à função do belo, “sendo precisamente a de nos indicar o lugar da relação do homem com sua própria morte” (LACAN, 1997, p. 354), e à função do bem, campo das garantias onde o saber está pré-concebido, lugar de certeza onde se supõe um bem maior, absoluto que visaria estabelecer a ordem e proteger o sujeito do mal-estar causado por sua própria humanidade. Isto é, uma função na qual são oferecidos objetos para tamponar a falta e satisfazer a pulsão desde um gozo absoluto. Porém, o que Lacan, através, principalmente, da tragédia de Antígona, demonstra é que se paga um preço alto por esse apego ao campo dos bens, pelo não querer saber de si e se fixar no universo das identificações. E, entre esses preços, estão as consequências do que aqui se apresenta como o estado de Morbidez. O sujeito na condição de Morbidez, como já discutido, busca um estado zero de tensão, vacila frente à alteridade, disso não se quer saber, o trabalho da pulsão se direciona para um apagamento da falta. Porém, cedo ou tarde, o excluir-se desse saber surge como uma dívida, cujo pagamento se dá com um sofrimento ainda maior.

“O homem tem sempre uma relação problemática com a sua ação. Nunca se sabe se ela está verdadeiramente correta e vacila quanto ao seu objetivo.” (MAURANO, 2001, p. 19) Antígona, ao contrário do sujeito na posição de Morbidez, não vacila, sustenta um mais-além da lei do Estado, “presentifica a existência faltosa de um sujeito que articula essa antinomia que consiste em sustentar, ao mesmo tempo, tanto o Nome-do-Pai quanto S(A barrado) [...]” (DIDIER-WEILL, 2001, p. 17)

4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRÁGICO: entre a Filosofia e a psicanálise

Trabalhar o trágico como conceito ou uma idéia desde o lugar de psicanalista remete a autora a um desafio frente aos escritos da Filosofia e da Literatura que demandam um tempo, não somente de compreensão, porém de estudo, análise e um tempo necessariamente lógico, que cada subjetividade impõe como um modo de apreensão desse. Por esta razão e pelo objetivo desta pesquisa, o que está sendo proposto neste momento é fazer, como diz o título acima, uma ou mais considerações.

O trágico remete ao pensamento alemão, aos pensadores do idealismo e pós-idealismo e, ainda, a considerações sobre a arte trágica. O que se pretende é situar, a partir de reflexões por alguns destes modos de pensar o trágico desde a modernidade, algo do sentido do que esse seja naquele contexto em que surgiu até os dias atuais. Como não poderia deixar de ser, a modernidade está em questão, pois o trágico enquanto conceito surgiu a partir desse tempo. É neste período que a perspectiva trágica, tal como será apresentada aqui, entrou em cena e tomou forma de “espetáculo”.

Ao dissociar-se da Estética rumo à Filosofia, o trágico incorpora um novo significado à luz do pensamento alemão rompendo com a tradição aristotélica que o toma pela relação exclusiva com a tragédia, ou melhor, que coloca o leitor desta obra na posição de dar exclusividade nessa relação. Pois, Aristóteles (1997) tem a preocupação de tomar a Poética enquanto questão. Aborda a arte da Poética como elemento para refletir sobre o comportamento social, tomando a tragédia como imitação. Propõe-se a pensar a criação da Poética e da Tragédia enquanto arte trágica, porém não a idéia de tragédia. As constatações de Aristóteles sobre o impulso de imitação como origem da arte e da catarse como efeitos da tragédia (SZONDI, 2004) são preciosos à Literatura e afetam de modo paradoxal o surgimento de uma filosofia do trágico.

Segundo Szondi (2004), a filosofia do trágico surge como uma ilha isolada frente ao campo de estudos sobre a Poética da tragédia fundada por Aristóteles. E, dessa diferenciação, desde Schelling (SZONDI, 2004), a filosofia do trágico toma diversas formas, atravessando o pensamento dos períodos idealista ao pós-idealista como sendo fundamentalmente alemão.

“Assim como não se deve criticar a *Poética* de Aristóteles pela ausência de um exame do fenômeno do trágico, também não se deve negar de antemão a validade da teoria do trágico, que domina a filosofia posterior a 1800 [...]” (SZONDI, 2004, p. 24)

Essa apresentação do surgimento de uma filosofia do trágico tem como intenção, justamente, diferenciar e situar este conceito. De que lugar, ou melhor, de que lugares há uma fala sobre o trágico?

Os termos trágico e tragédia foram assimilados ao discurso social e ao senso comum como sinônimo de sofrimento e horror extremos. Algo da *Poética* trágica é assimilado e incorporado ao discurso, possivelmente em uma relação direta ao que constata Aristóteles sobre a imitação da vida na arte. Na ordem dessa experiência se constrói um discurso e um significado que dão origem a um uso específico destes termos de modo coloquial e cotidiano. Neste sentido, entre outras questões, interroga-se: Quais são as formas contemporâneas do trágico? Como ele nos questiona?

Estas interrogações interessam na relação com a psicanálise no que ela tem a dizer sobre os modos de subjetivar contemporâneos e sobre o próprio ato analítico. Assim, diferenciar o uso do termo trágico no sentido coloquial do filosófico parece importante para compreender em que lugar a psicanálise se situa nesta relação e no que, nesta tese, a autora constrói como hipótese na relação do trágico com a idéia de Morbidez.

Em conversação normal, as pessoas tendem a vincular o predicado “trágico” a acontecimentos que evidenciam as seguintes características: são [...] extrema e nobremente tristes [...]; envolvem uma perda irreparável (a perda de algo que não pode ser completamente restaurado é trágica) de um indivíduo único (a perda de algo que não pode ser indistinguívelmente substituído é trágica); tendem particularmente a envolver a morte [...], e especialmente a morte de um ser humano ou o que for considerado o seu equivalente (o imenso e irremediavelmente sofrimento mental ou físico de um ser humano ou a perda total da família ou da reputação ou de propriedade, mas não a morte ou o sofrimento mental de um animal, a não ser que este animal seja personificado e lhe seja conferida uma estatura moral próxima a dos humanos); entretanto, não qualquer tipo de morte, mas apenas tipos particulares, excluindo a morte natural (morte por idade avançada ou doença normal, a não ser que alguém seja impedido de alcançar, por isso, algo de imenso valor, ou a não ser que o próprio fato ou o tipo de doença em si seja visto como trágico), ou uma morte que pode ser considerada justificável e que deve ser paga como o preço pela obtenção do

que é percebido com um bem maior (o criminoso executado, para aqueles que acreditam em ordem; o soldado morto, para aqueles que acreditam em seu país; o mártir, para aqueles que acreditam em uma religião); particularmente a morte inesperada, desnecessária e prematura. (MOST, 2001, p. 22)

Se a Morbidez fosse tomada neste sentido coloquial tomar-se-ia como algo dessa ordem quando se tratasse de casos extremos como os de Obesidade Mórbida. O sujeito nessa condição estaria na ordem de uma perda irreparável da vida, uma situação sem saída desde seu diagnóstico médico.

Entretanto, não é no sentido coloquial que a psicanálise vem a se situar frente ao trágico. Reduzir-se-ia, assim, qualquer perspectiva de aprofundamento dessa questão que toma para a elaboração de sua perspectiva ética o conceito de trágico a partir do seu sentido filosófico e com base na arte trágica através das tragédias, principalmente, de Sófocles, onde nessas Lacan identifica um herói que se confronta com o trágico de sua existência, isto é, que se depara com a falta em si mesmo, um sujeito marcado pelo desconhecimento. Assim, extraíndo da arte o sentido filosófico e construindo o sentido psicanalítico, aquilo que do trágico está representado na tragédia e que está na ordem do agir humano frente ao seu desejo e da sua posição frente à lei.

“...mais de um século separa a época da grande criação trágica de sua interpretação num pensamento filosofante.” (LACAN, 1997, p. 313)

A partir destes estudos surgem aqui duas questões: se a Morbidez, mesmo como vacilação ao trágico, escaparia do trágico enquanto condição humana a partir do seu sentido filosófico? E no sentido psicanalítico, não haveria a possibilidade de uma reviravolta?

O trágico, desde muitos de seus pensadores, tem uma característica em comum: a dialética; e tem por definição uma dimensão fundamentalmente existencial, isto é, faz parte da condição própria de ser humano (Szondi, 2004). Entre esses autores, situam-se alguns trabalhos por Szondi cujos estudos sobre o trágico coincidem com a dimensão filosófica que possibilita pensar a condição de Morbidez.

No trabalho de Szondi, percebe-se um enlace importante ao que diz respeito ao trágico segundo a idéia de um limite que o próprio homem enquanto homem está destinado, a castração, identificado pela autora desta tese principalmente nos discursos de Goethe, Hebbel, Simmel e Scheler (SZONDI, 2004). Além da dimensão dialética que permeia a idéia de trágico, todos esses autores demonstram que a tragicidade não está dissociada da essência do homem.

Para Hebbel o homem é aniquilado por sua própria natureza. (SZONDI, 2004)

Desde a psicanálise, poder-se-ia compreender este enunciado a partir do seguinte pensamento: na busca da felicidade e do gozo o homem depara-se com o próprio desamparo. A sua condição de desamparo, a necessidade do outro para sua sobrevivência frente aos infortúnios da natureza e de sua própria estrutura colocam um impasse à vontade de liberdade e ideal de felicidade. Segundo Sade, lembrando da tendência do homem a satisfazer no próximo sua agressividade, explorando-o e utilizando-o, há um paradoxo na condição humana devido a sua tendência à agressividade e o seu próprio desamparo na medida em que depende do outro. Porém, o paradoxo maior ainda está na própria natureza humana que, segundo Freud em “O Mal-Estar na Civilização”, supõe uma agressividade do homem consigo mesmo, uma pulsão destrutiva que visa o retorno ao inorgânico, ao estado zero de tensão. Assim, a autora, para um maior esclarecimento sobre este tema, parafraseia o que já foi trabalhado em capítulo anterior: convicto de que as pulsões não poderiam ser todas da mesma espécie, Freud, a partir da observação da compulsão à repetição e do caráter conservador das pulsões, conclui, em O Mal-Estar na Civilização, que

ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrária àquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico. Isso equivaleria a dizer que, assim como *Eros*, existia também uma pulsão de morte. (FREUD, 1999, p. 477- 478) (tradução nossa)

Hebbel, ainda, reforça que o paradoxo do trágico está no princípio de individuação. “Ao se perguntar por que tinha de acontecer a fissura que separa o indivíduo do todo da vida, Hebbel não encontrou ‘nunca uma resposta, e ela nunca será encontrada por quem faz a pergunta seriamente.’” (Op. cit., p. 65) Este pensamento nos remete à noção de objeto *a* de Lacan, objeto causa do desejo, objeto perdido cujo vazio deixado remete o homem à ilusão de

completude, ao mesmo tempo que o depara a todo instante com o limite de seu preenchimento.

Em Simmel, encontra-se a idéia do trágico ligada ao conceito de vida. “[...] Mas a tragicidade reside no fato de que só podemos ter esse conceito de vida sob essa forma.” (SIMMEL apud SZONDI⁴³, 2004, p. 70) O trágico para ele está também associado à existência e ao paradoxo do individualismo.

“[...] designamos como fatalidade trágica o seguinte: que as forças aniquiladoras voltadas para um ser originam-se precisamente das camadas mais profundas desse mesmo ser, e com sua destruição cumpre-se um destino que está ancorado neste mesmo ser [...]” (SIMMEL apud SZONDI, 2004, p. 70)

Em Simmel se observa também a idéia do trágico como a finitude necessária à própria vida, porém contextualizado nas formas necessárias da cultura e da individualidade nela presente. Este autor exemplifica com o matrimônio e mesmo com o amor formas que se constituem desde uma cultura da individualidade e que têm nessas um fim. “O amor só é despertado na individualidade e se despedaça na insuperabilidade da individualidade.” (SIMMEL apud SZONDI, 2004, p. 71) Lacan tratará a queda de sentido referente ao amor como o próprio trágico contemporâneo, onde, em lugar da razão, é no amor e na sexualidade que os homens buscam uma lógica de sustentação à felicidade.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Scheler se refere à presença do trágico “...quando uma mesma força permite a uma coisa a realização de um valor altamente positivo (de si mesma ou de outra coisa) e no decorrer do processo de tal realização torna-se a causa do aniquilamento dessa mesma coisa como portadora de valor”. (SCHELER apud SZONDI, 2004, p. 73) O que remete a pensar sobre o desejo de Antígona como desejo de morte. Ainda, a entrada em um campo de risco, o do desejo, pressupõe a possibilidade do próprio aniquilamento.

⁴³ Os apud's aqui usados em referência aos pensadores trabalhados por Szondi são autorizados nesta tese por duas razões principais. A primeira consiste na dificuldade encontrada de ter contato com essas obras em uma língua acessível à tradução da autora e mesmo em sua versão original para que fosse feita a tradução por um especialista. A segunda e principal razão consiste na escolha pelo pensamento de Szondi no sentido em que a sua co-autoria (enquanto tradutor destas obras) interessa à autora da tese devido ao modo como este se posiciona frente ao conceito de trágico e pela sua produção extensa e consistente nesta área do conhecimento.

Entre os filósofos apresentados, outro autor que muito se aproxima de uma idéia do trágico como característica da condição e experiência humana sob a ótica da autora, é Goethe. Ele se aproxima da discussão da psicanálise sobre sua ética. Em sua obra se encontra o deslocamento da figura do herói trágico. “A dialética trágica mostra-se no próprio homem em quem o dever e o querer tendem a se afastar e ameaçam romper a unidade de seu Eu.” (SZONDI, 2004, p. 49) Há um deslocamento da figura mítica ou de um personagem para vida cotidiana e/ou para a “novela” familiar. Trata do trágico, enquanto constituinte da condição humana e não da tragédia, realizando uma aproximação com a experiência de vida dos sujeitos. Trata do que há de mais trágico para o sujeito: o desfalecimento do Eu, a possibilidade da loucura e da morte, o possível encontro com “a coisa”.

A *Das Ding*, a “coisa” que Lacan recupera da obra freudiana como objeto perdido, implica pensar que há sempre um objeto outro que pode representá-la; esse sempre outro acaba por caracterizar um vazio, algo da ordem do impossível, irrepresentável, cria-se um vácuo de onde se faz possível o desejo. “Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa” (LACAN, 1997, p. 162).

Nós apresentamos para vocês o trágico puro,
o perigo triste da vontade assombrado,
o homem forte cheio de força de vontade,
ele não se conhece, não sabe o que ele deve fazer,
ele parece invencível como sua coragem
e usa força, instiga raiva alheia
e no final corre na sua perdição
de um destino que ele não conhece.
(Goethe, 1910, p. 84) (Tradução nossa)⁴⁴

Assens, tradutor da obra de Goethe para o Espanhol, afirma a faceta dramática do próprio temperamento desse, fazendo com que o drama e a tragédia na obra de Goethe sejam o setor mais rico de sua produção, apesar de ter trabalhado com todos os gêneros teatrais. Esse fato surpreende quando o próprio Goethe coloca ao leitor, bem como ao expectador de sua obra, uma questão sobre sua faceta como poeta trágico. Ele mesmo faz o seguinte comentário em uma carta a Zelter, datada em 31/10/1831 (GOETHE, 1967, p. 458): “Eu não nasci para

⁴⁴ Este trecho foi traduzido informalmente por Hans-Ulrich Kaup, bibliotecário do Instituto Goethe de Porto Alegre em 2006.

ser um poeta trágico porque minha natureza é conciliadora. Por isso um caso somente trágico não me interessa porque aquele tem que ser por sua natureza de origem inconciliável.”

Contudo, Goethe, conforme Assens (1973), sentia dramaticamente suas próprias experiências subjetivas e via da mesma forma o espetáculo do mundo. Confessa Goethe que sentia propensão a dramatizar tudo e que para ele a tragédia é a forma suprema do drama. Para Goethe, o essencial, a partir do autor citado, é quando na criação poética o que se põe em movimento é o íntimo de sua personalidade.

O drama só serve para fazer com que a personalidade do herói se manifeste com pleno ressalte. [...] Nos dramas de Goethe não acontece nada, pois tudo passa por dentro [...] é um teatro psicológico [...] Seus heróis não lutam com o mundo exterior nem com os demais homens: somente aspiram a salvar sua personalidade ainda que seja com a morte física. (ASSENS, 1973, p. 763)

Mesmo em suas obras consideradas clássicos da tragédia, como “Fausto” e “Ifigênia”, Goethe aponta para um fim conciliador, mas isso não desfaz o caráter trágico que se sucedeu no início ou no meio dessas. “Se há tragédia é porque há uma obscuridade, que não permite vislumbrar saída...”, (ASSENS, 1973, 764) o herói deve fracassar para adquirir clarividência, assim se tornando um herói, um mártir de seus próprios demônios ou paixões.

Ainda, segundo Szondi (2004), Goethe pode considerar como motivação de todas as tragédias o ato de partir, pois nesse percebia a sua estrutura dialética. É consenso entre os filósofos apresentados por Szondi em sua obra “Ensaio Sobre o Trágico” a presença de uma estrutura dialética no trágico. E o partir não necessariamente diria respeito à morte do herói trágico, mas a despedida ou separação de uma pessoa ou situação amada.

A motivação fundamental de todas as situações trágicas é o ato de partir [...], e nesse caso não é preciso nem veneno nem punhal, nem lança nem espada; também é uma variação do mesmo tema o ato de separar de uma situação habitual, amada, correta, seja por causa de uma calamidade maior, seja por causa de uma violência sofrida, que pode ser mais ou menos odiosa. (GOETHE apud SZONDI, Ibid., p. 50)⁴⁵

⁴⁵ Preferiu-se utilizar aqui a tradução de Szondi no “Ensaio Sobre a Tragédia”, porém também este texto foi traduzido por Kaup para fim dessa pesquisa.

Na condição de Morbidez essa situação é evitada pelo sujeito quando esse se encontra no lugar de se oferecer enquanto falo para o Outro primordial, sacrificando o seu corpo através do consumo excessivo de algum bem que, imaginariamente, o fixa nessa posição. Acredita que desse modo faz o Outro gozar. Evita se deparar com a castração no Outro, bem como em si mesmo, assim se excluindo da relação sexual, de um lugar desejante, tentando escapar da fúria no Outro e recuando diante de uma situação de confronto com a castração. Emagrecer, no caso da Morbidez na Obesidade, poderia ser conceber a falta no Outro, estar diante da possibilidade de se colocar na relação sexual, correr os riscos e não recusar a condição humana de vida de que para tudo há um limite. Assim, na Morbidez, evita-se abdicar de uma situação “amada”, lugar de gozo. Porém, mesmo diante deste vacilo, pode-se chegar antecipadamente à morte real como modo de separação ainda mais radical nos casos de Obesidade Mórbida, por exemplo. Portanto, poder-se-ia pensar que haveria na Morbidez na Obesidade e em outros casos de Morbidez, um vacilo, quase uma recusa do trágico. Porém, no apego à ilusão de proteção não se evita a condição trágica da existência humana, o desamparo e a morte real desde o pensamento filosófico. O que se evita é a vida em sua condição desejante e os riscos que a comportam e fazem dela trágica sob a ótica da psicanálise, pois sempre a morte está no horizonte do desejo, tal qual consiste o trágico desde o sentido psicanalítico circunscrito por Lacan. O que não impede, supõe-se aqui, que a mesma condição de Morbidez possa, no esvaziamento do sentido de sujeito, no momento em que seu corpo passa a não mais ser reconhecido, depará-lo com a “segunda morte”, inserindo-o no “entre-duas-mortes”, condição *sine qua non* para uma reviravolta. Reviravolta que depende do trabalho da pulsão de morte em sua face mais criativa.

Freud, em seu artigo de 1925, “*Die Verneinung*”, aponta para um aspecto da construção do psiquismo cujo trabalho demandado pelas pulsões, sugere um outro olhar para a pulsão de morte. Tomada como uma força cuja função visa negar à consciência aquilo do mundo externo que vai pertencer ao eu, a pulsão de morte participa da ação intelectual de julgar.

O estudo do julgamento nos permite, talvez pela primeira vez, uma compreensão interna [einsicht] da origem de uma função intelectual a partir da ação recíproca das pulsões primárias. O julgar é o desenvolvimento oportuno através do qual o eu integra coisas a si ou as expõe de si, de acordo com o princípio de prazer. A polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsões que supusemos existir. A afirmação - como um substituto da união - pertence a Eros; a negativa - o sucessor da expulsão - pertence à pulsão de destruição. (1970, p. 376) (tradução nossa)⁴⁶

Após uma afirmação primordial, cujo trabalho pulsional a serviço de Eros integrou ao Eu uma primeira formação, o trabalho de negar e expulsar o que é sentido como estranho a esse, funda o interno como efeito direto ao que é constituído como externo. É neste trabalho de constituição do eu que o conceito de pulsão de morte tem sua reviravolta na obra freudiana, apresentando uma função de criação.

Lacan (1997), no Seminário da Ética, retoma esta função suspeitando e contrapondo a idéia primeira de Freud de um retorno ao inanimado. “A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno do inanimado.” (p. 259)

Se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação, a partir de nada, vontade de recomeçar. (LACAN, 1997, p. 259-260)

Inicialmente, parece à autora desta tese que a articulação que Lacan faz entre pulsão e gozo, mais especificamente gozo do Outro, de certo modo, possa colocar em questão nos casos de *Morbidez*, esta face criativa da pulsão. Considerando que, no momento em que pela busca de uma satisfação absoluta o sujeito pode se tornar “alvo” de uma repetição compulsiva que o defronte com o real da morte. Morre-se em nome deste gozo. Ou seria este encontro com a zona da morte no real parte da função criativa da pulsão? Elaborar-se esta interrogação refletindo sobre esta idéia em relação ao que Lacan (1997) trabalha sobre a função de criação desde a obra de Sade. Pensando-se a destruição como via de criação, possibilidade de Outra-

⁴⁶ Este trecho da obra em Alemão de Freud de 1970 foi traduzido informalmente por Hans-Ulrich Kaup, bibliotecário do Instituto Goethe de Porto Alegre, e Denise Mairesse em 2008.

coisa, uma escolha na ordem do desejo, quando no movimento de vacilação o sujeito por algum corte na ordem do significante é tomado por essa “vontade de criação”. Porém, então, nesse sentido, a única morte que possibilitaria uma reviravolta na condição do sujeito seria da ordem da morte como significante, a destruição do ser enquanto sujeito.

Assim, continua Lacan, após quatro encontros do mesmo Seminário citado acima,

“A distinção entre pulsão de vida e de morte é verdadeira na medida em que manifesta dois aspectos da pulsão. Mas com a condição de conceber que todas as pulsões sexuais se articulam no nível das significações no inconsciente, na medida em que, o que elas fazem surgir, é a morte – a morte como significante...” (p. 243)

Considera-se assim, que um sujeito pode passar a vida repetindo em um circuito pulsional, se direcionando ou não a uma morte real antecipada em função desta repetição, e, exatamente nessa encontrar a morte como significante constituída desde o campo do Outro. Como por exemplo, quando há a entrada em um trabalho clínico onde haja lugar para a fala do sujeito possibilitando um deslocamento, uma diferença naquilo que põe em funcionamento a pulsão em seu circuito de repetição, implicado em uma “Outra” ordem de discurso. O que aqui remete a se pensar no trabalho clínico, na intervenção e desejo do analista.

Outro modo de corte, que poderia fazer uma função simbólica, em alguns casos, é quando o sujeito se depara com a incapacidade do corpo ou morte real. Essa morte pode fazer uma função de corte na cadeia significante. Quando esse corte não é possível na Morbidez se observa a vacilação na entrada no campo do trágico e a insistência em se fixar na posição de objeto para o Outro, o que traz conseqüência subjetivas. Como se observa em Goethe, em seu “Escritos Sobre a Arte”, onde esse remete o leitor à cena de despedida de um pastor e de uma pastora.

“Embaixo de um velho indestrutível, ainda crescente Carvalho eles estão [...] um ao lado do outro, os graciosos jovens. O menino, de pernas cruzadas está em pé, não sabe dizer nada, não consegue pensar sobre a perda. Sobre perdas não se pensa, perdas somente se sente. Mas a esbelta, bonita, bem torneada pastora se encostou inconformada nos seus ombros, ela

se sente melhor, ela pode chorar, ela paga no presente, o que no futuro se pagaria com altos juros.” (1910, p. 190) (tradução nossa)⁴⁷

Este verso de Goethe transpõe o leitor ao inexorável, isto é, à condição humana de um limite próprio do ser, “disso não se escapa”. O homem pode tentar a recusa, mas há sempre um retorno, seja no sentido do recalcado que retorna ou daquilo que do ser humano é condição. Esse é o sentido trágico da vida para a Filosofia, a morte e mesmo o sofrimento é sempre inevitável, mesmo que o homem tenha inventado a fuga para as doenças impossíveis, ou como declama o coro em “Antígona”: “embora saiba fugir de males intratáveis. Sutil de certo modo na inventiva [...]” (SÓFOCLES, 2001, p. 215) Segundo Lacan, “com as doenças ele ainda se ajeita, mas não é nada disso. Ele ainda não chegou à morte [...]” (LACAN, 1997, p. 333)

4.1.1 O Recorte Lacaniano: entre a psicanálise, as tragédias e o trágico

Desde Freud, em torno de 1900, quando ele então trabalhava o texto “A Interpretação dos Sonhos”, a psicanálise e a tragédia grega vêm articulando-se de um modo preciso e singular para se pensar a condição humana. Naquele momento, Freud evocava o mito do Édipo bem como a tragédia de Sófocles “Édipo Rei”, que veio a dar origem ao conceito de complexo de Édipo e se tornou o corolário da teoria psicanalítica, isto é, a pedra fundamental na qual a psicanálise passou a se sustentar após a descoberta do inconsciente e da formulação desse segundo o seu olhar clínico.

Freud fala ao leitor sobre os “sonhos de Édipo”, onde o sujeito que sonha tem relações sexuais com a mãe. “Posso afirmar com certeza que os sonhos *disfarçados* com a própria mãe são muitas vezes mais frequentes do que os sonhos diretos. (1980, p. 373)

Entre as diversas citações literárias de Freud, “Édipo Rei” se destaca em sua obra como a principal e mais conhecida arte que vem a ser trabalhada como um recurso à

⁴⁷ Este trecho, também, foi traduzido informalmente por Kaup, bibliotecário do Instituto Goethe de Porto Alegre em 2006.

interpretação dos impasses e conflitos éticos que fazem do pensamento e da ação do homem parte de sua condição paradoxal.

No filme “Freud Além da Alma” (HOUSTON, 1986), o personagem Freud aparece apresentando sua teoria da sexualidade infantil para sociedade médica de Viena. Nesta ocasião expõe sua teoria baseada na tragédia de Sófocles e exemplifica com Édipo o drama vivido pela criança ao desejar um de seus pais e rivalizar com o outro desejando sua morte. “Isso” desperta nos colegas médicos uma grande revolta e indignação parecendo que o episódio representa a dor e a angústia recoberta em cada sujeito por esse drama vivido na infância e que produz sintomas que acompanham o sujeito ao longo da vida determinando sua ação e suas escolhas.

Lacan, na continuidade e a exemplo de Freud, também se utiliza da tragédia antiga para tratar da experiência do sujeito, das condições acerca do ser humano, e serve-se em especial, então, das tragédias de “Édipo Rei”, “Édipo em Colono” e de “Antígona”. O que está em questão nestas tragédias que coloca em relevo a dimensão trágica do humano segundo uma reflexão desde a psicanálise? Para Lacan, tanto em Édipo como em Antígona, o que se coloca em questão é a “validade do ser”. Esses dois heróis trágicos desafiam com seu ato o limite da *até*, zona de desgraça, loucura, limite entre a vida e a morte. Ou seja, é o desejo que está em relevo nos dois casos, e é o que movimenta, impulsiona a ação trágica de toda a peça. É neste ponto que a tragédia tem a dialogar com a psicanálise.

Segundo Aristóteles (1997), como já citado, a arte trágica é a imitação das pessoas em sua ação, é a imitação da situação de ação das pessoas na vida real. As ações para esse autor constituem a finalidade da tragédia, porém o objeto da imitação deve ser uma ação completa, ação que desperte paixões. Dessas, ele classifica o temor e a pena. “Sem ação não poderia haver tragédia” (p. 25), “é a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções.” (p. 24).

Para Édipo é o desejo de saber que o faz seguir em direção a *até* e transpor o limite. Ele segue na direção contrária ao campo dos bens, aí se dá o conflito que move a peça. Há uma contradição entre pensamento e ação: em pensamento, Édipo quer a *dike*, fazer valer a

justiça dos homens e dos deuses, porém a *dike* que o orienta não é a mesma da lei da cidade, é a que lhe dá suporte a subjetivação. É a *dike* do Outro (MELLO, 2001) que vigora e o orienta à ida a um lugar de risco. O desejo de saber de Édipo o leva a um confronto com a sua verdade, o que, segundo a interpretação e conceitualização do trágico desde Lacan, faz dele um herói. Lacan supõe este enfrentamento e ação, em direção ao limite que o desejo orienta, como a dimensão trágica da vida.

“A ação trágica abriga uma conturbação, uma confusão em torno do que é mal ou bem.” (MELLO, 2001, p. 46) Essa questão leva muitos sujeitos ao divã de um psicanalista, e é neste sentido que as tragédias muito orientam a intervenção clínica. Buscar a *dike* em sua dimensão enunciativa é possibilitar ao sujeito o confronto com o seu desejo. Há um cruzamento entre o que a psicanálise propõe e o que é posto em cena pela tragédia sofocleana. “Que o sujeito chegue a reconhecer e a nomear seu desejo, eis aí a ação eficaz da análise.” (LACAN, 1987, p. 287)

Assim, Lacan, no livro 2, em seu Seminário “O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise”, retorna ao texto freudiano e à experiência clínica para situar seus ensinamentos. “Para dar corpo ao que estou tentando articular diante de vocês, disse-lhes que tinha um exemplo [...], o exemplo de Édipo quando ele se realizou, o para além do Édipo.” (1987, p. 288) E, assim, Lacan introduz essa análise de Édipo, na qual diz que esse realizou plenamente o seu destino.

“Ele o realizou até este término, que acaba não sendo mais que algo de idêntico a uma fulminação, a um rasgamento, a uma laceração por si próprio – em que ele não é mais, absolutamente mais nada. E é nesse momento aí em que ele diz esta frase que eu lhes evocava da última vez – *Será que é no momento em que não sou nada que me torno um homem?*” (p. 288)

Édipo atinge a plena realização da fala dos oráculos, realiza uma existência verdadeira que o torna um bem para a cidade que lhe acolher em sua morte. Lacan aponta para o “mais além” presente no enunciado acima. O além do princípio do prazer que se realiza inevitavelmente. “Édipo em Colona, cujo ser se acha inteiro na fala formulada por seu destino, presentifica a conjunção da morte e da vida. Ele vive uma vida que é morte, que é a morte que está aí exatamente embaixo da vida. [...] Freud nos diz ‘– [...] a vida [...] ela não se caracteriza por nada a não ser [...] por sua aptidão à morte.’ ” (LACAN, 1987, p. 291-292)

E, a respeito deste tema, Mello salienta: “Parece-me que é exatamente essa conjunção da morte com a vida o que se presentifica não apenas em Édipo, mas em toda tragédia.” (2001, p. 40) Em Édipo, sua obstinação pela verdade, em resolver o enigma, o implica a entrar em uma zona de risco. Posição de “fim de linha”, condição radical do herói trágico.

Édipo em sua liberdade trágica renuncia aos bens, dado que foi tapeado, ludibriado por seu próprio acesso à felicidade. Suas prerrogativas de rei não lhe bastaram e ele foi em busca de seu desejo, que no mito apresenta-se como desejo de saber, saber sempre mais, saber a chave do enigma do desejo. Além disso, ao cegar-se, escapa às aparências, o que revela o caráter ambíguo da punição que se lhe impõe. Entretanto, rompe com seus filhos e com todos aqueles que querem puni-lo, privar-lhe de algo ou da dignidade sobre esses próprios bens. Não cabe a um herói ser constrangido, ele não recua frente ao preço de suas ações. Menos ainda frente ao preço do acesso ao seu desejo. Muito pelo contrário, é a sua assunção que faz sua diferença frente ao homem comum. Isso, levado até o limite, é o que, encontra-se no me *phynai*, aqui traduzido como: de preferência, não ser. (MELLO, 2001, p. 52-53)

Nesta discussão, Lacan (1997) localiza a função do belo na tragédia, na assunção pelo herói da morte verdadeira, singular, não de uma morte comum igual à de todos. Pode-se pensar que aí Lacan já situa o que vai trabalhar melhor sobre Antígona, o desejo mais puro, o desejo de morte.

Ainda, tratando de Édipo, uma outra leitura marca uma análise interessante sobre a dimensão trágica desta peça. Rosenfeld comenta que “Édipo transformou-se em modelo para pensarmos problemas éticos e psicológicos, políticos e existenciais. Uma longa história elaborou este emblema da sofrida e gloriosa condição humana.” (ROSENFELD, 2007, p. 1) (em fase de elaboração)⁴⁸ Acrescenta: “Nenhum herói trágico é tão próximo das nossas preocupações modernas quanto Édipo.”

Em seu ensaio teórico sobre Édipo, Rosenfeld nos traz diversos argumentos e interpretações de alguns filósofos e poetas, como Hölderlin, principalmente, para fazer essa discussão. Aqui, serão pinçados deste ensaio somente alguns comentários que remetem a

⁴⁸ Texto de Kathrin H. Rosenfeld “Édipo Rei – Édipo Criatura: a inteligência criatural de um soberano”, veiculado e trabalhado na sua disciplina “Tópicos Especiais de Estética.” – FIL 098 Tema: A tragédia com Adorno e Musil do PPG Filosofia da UFGRS no segundo semestre de 2007 pela própria autora. Deste texto já foram produzidos alguns artigos e, em breve, será editado.

autora desta pesquisa a pensar o trágico enquanto parte da condição humana a partir da tragédia e o destino como responsabilidade do sujeito.

Hölderlin considera a tragédia antiga como um drama atual. Sua leitura do texto grego visa trazer à tona situações plausíveis e constelações reais que combinem, num laço correção e perigoso, os elementos atemporais que encontramos tanto nesta peça como no imaginário de nossa própria cultura: o medo, a culpa e a vergonha que levam a ocultar fatos delicados e produzem, assim, a desconfiança vaga e disseminada. (p. 21)

Rosenfield está atentando para os não ditos da peça, para o silêncio estratégico que perpassa todo o texto tornando Édipo o mais humano dos heróis gregos. Observa-se que esta autora acompanha o desenrolar da peça com a perspicácia de um analista na escuta do sujeito, na forma como mostra Édipo enredado nas mesmas tramas do inconsciente, mesmo que assinale em seu texto sobre a condição de ignorante de um saber, não necessariamente inconsciente.

Assim, desde a própria peça e do texto em questão, percebe-se que Édipo sofre a experiência do desamparo, sua culpa e responsabilidade são claramente humanas e não divinas. Este herói está marcado pela astúcia e inteligência e não pela proeza física. Sob estes aspectos Édipo se transforma no olhar de Rosenfield e seus interlocutores, em uma passagem de um mito a uma tragédia extremamente moderna.

Édipo, ao longo da peça, vai tecendo hipóteses, construindo teorias, buscando incessantemente a verdade. O drama de sua perspectiva de um herói condenado já prenuncia o trágico, a desgraça e a sua jornada rumo a *até*. Essa perspectiva de condenação — a qual Freud introduziu no momento em que faz a grande revelação de que lá onde penso que sou, nada sou, de que não sou senhor de minha própria razão, onde me imagino senhor sou a vítima — atravessa toda a tragédia fazendo com que se depare com um Édipo que de Rei, quase divino, passa ao lugar de sujeito, humanizando-se através das suas falas e descobertas. Aí se configura outro aspecto do trágico que impera nas discussões filosóficas e perpassa a própria condição da existência humana, a ironia trágica, que Rosenfield traz em seu texto. Na tentativa de ultrapassar as limitações, escapar ao trágico, é justamente onde se cai no trágico. O paradoxo está sempre presente na condição trágica própria do ser humano. “O trágico e a

dimensão sofrida surge com o esforço heróico de fazer aparecer o verdadeiro no tempo e nos fenômenos humanos.” (ROSENFELD, 2007, p. 22)

Rosenfield trata de salientar por todo seu texto a idéia de uma responsabilidade humana. Mostrar como Sófocles foi engenhoso para um tempo onde o divino determinava o destino.

[...] a trajetória de Édipo revelou uma concepção totalmente nova e moderna do destino. O que é “fatal” nesta peça não é o ditado dos deuses do olímpico, mas a lógica do medo - uma lógica que se parece em muitos pontos com a verossimilhança psicológica moderna. Não é o destino anunciado por Apolo que ditou a Laio ‘suprima teu filho’. No gesto da supressão mostram-se as causas da desgraça tebana e humana: Laio e Jocasta têm medo do filho, medo da morte própria e medo da morte do filho. (p. 51)

A culpa e o medo, sentimentos humanos tramados ao desejo de saber e a uma necessidade de garantia sobre a vida, são o que provocam os miasmas desde antes do nascimento de Édipo. É a palavra do oráculo que dá sentido ao destino de Édipo. Na falta de uma função materna é esta fala que inaugura sua existência.

Jocasta, contrapondo a figura do herói, traça seu final de um modo inverso, escolhe não compartilhar deste saber. Ela se orienta pelo campo dos bens, não há desejo de saber e se o sabe é através do desejo e busca de Édipo. O confronto com o desvelamento da verdade a leva ao lugar de esposa de Laio e mãe incestuosa. Disso ela não quer saber e muito menos suportar. Poder-se-ia pensar, desde um sentido psicanalítico do trágico, que Jocasta é o anti-herói, pois não há brilho ao lado do campo das “garantias”.

Por toda a peça, a condição frágil e trágica da existência humana está posta em questão: desde símbolos como o enigma da esfinge que Édipo desvenda e caracteriza a condição humana que por tanto tempo se mostra invisível aos olhos dos que por ali moravam e passavam e, as pestes que assolam terras antigas e denunciam o desamparo do homem frente à natureza. Demonstra-se com isso a cegueira que vela o homem de sua própria condição. O não querer saber é rompido por Édipo desde o seu desejo. E, desde esse instante de deciframento, torna-se um herói.

Por fim, Édipo sucumbe ao próprio desejo de saber, “anula a luz dos seus olhos – símbolo da sua lucidez racional que sustentara durante muito tempo a cidade.” (ROSENFELD, 2007, p. 60) Assim, conclui-se que o de mais trágico em Édipo, além da sua ação trágica e dos efeitos de catarse tão caros a Aristóteles e Lacan, é a condição do humano que esta peça representa, que é a da ordem do trágico.

Retornando aos escritos de Lacan, este autor situa o trágico na tragédia, ainda, a partir um lugar específico, da posição em que vem a situar o herói desde sua ação e seu desejo, o lugar do “entre-duas-mortes”. Um lugar subjetivo que o sujeito constrói entre a morte simbólica e a morte real. É desse lugar que se extrai o brilho, a fascinação e/ ou o horror quando se está diante da imagem de um corpo entre mortes, diante do lugar que foi construído pelo próprio sujeito e, também, pelo herói trágico a partir de sua escolha frente à lei e ao desejo.

“Que nada, nada me prive de uma bela morte.” (SÓFOCLES, 2002, p. 65)⁴⁹

Lacan, ao tomar a tragédia de Antígona, lança a idéia de que se trata de um desejo puro, um desejo de morte. O entre-duas-mortes foi o único lugar de vida que restou a Antígona após o “infortúnio” de seu irmão Polinices. Assim, desde seu desejo de morte, herança de um desejo criminoso do Outro, cujos efeitos, o mais terrível, foi o casamento incestuoso de Édipo com sua mãe Jocasta, ela traçou seu destino.

É neste Seminário que Lacan compõe mais claramente a sua perspectiva do trágico e a perspectiva da ética da clínica psicanalítica. “Antígona é uma tragédia, e a tragédia está presente no primeiro plano de nossa experiência, a dos analistas, [...]” (LACAN, 1997, p. 296) Introduzindo, neste mesmo momento de seu Seminário, a noção de “catarse” como testemunha e sua palavra-chave, palavra-pivô de um acontecimento.

Lacan toma a catarse a partir da Poética de Aristóteles como um dos elementos mínimos para que uma obra possa ser definida como tragédia. A catarse surge aqui como “ab-reação”, uma descarga energética com a função de purificar, purgar, punir o sujeito pelos seus pecados. Algo da ordem de uma transgressão ou de um desejo de transgressão se dá na

⁴⁹ Fala de Antígona, no diálogo com Ismena, no prólogo de Antígona de Sófocles publicado em Sófocles e Antígona (ROSENFELD, 2002), tradução de Lawrence Flores Pereira.

tragédia cuja tentativa de remediar transparece na reação do sujeito à lei dispositiva do conflito.

O conflito se mostra em Antígona a partir do desejo de Creonte querer impor uma segunda morte a Polinices, “que ele não tem direito algum de infligir-lhe”. (LACAN, 1997, p. 308) O que está em questão aqui neste conflito é a *dike*. Antígona se opõe à lei de Creonte de negar o funeral a seu irmão. Porém, novamente o confronto é da *dike* do Outro em relação à *dike* do Estado. Este conflito não se trata sobre uma lei a qual Antígona queira confrontar como uma injustiça, mas ela “é levada por uma paixão”. (LACAN, 1997, p. 308) A paixão por Polinices, por quem ela tem que lutar para impedir que esse sofra desta segunda morte – da qual Antígona padece em sofrimento e se desvai em catarse.

“A catarse é aqui o apaziguamento, obtido a partir de uma certa música, da qual Aristóteles não espera o efeito ético, nem tampouco o efeito prático, mas o efeito de entusiasmo.” (LACAN, 1997, p. 298) Para Lacan, a ação é “importantíssima”, mas a catarse é a essência da tragédia, e essa, por sua vez, tem por meta a catarse, a purgação dos temores, das paixões e da piedade. Do destrinchamento da função da catarse na tragédia surge um elemento novo a partir de Lacan: a relação com o desejo da qual Antígona é porta-voz. Ou seja, é através da imagem, do brilho que surge da imagem de Antígona, que o desejo pode ser capturado “é ela que nos fascina em seu brilho insuportável, naquilo que ela tem que nos retém e, ao mesmo tempo, nos interdita, no sentido em que isso nos intimida no que ela tem de desnorteante...” (p. 300)

A reação de espanto, temor, terror, as risadas, muitas vezes compulsivas e inesperadas, diante dessas imagens do belo e do horrível tem como efeito, na voz do coro, o reflexo da catarse do sujeito ou do herói trágico, como em Antígona (SÓFOCLES, 2001). Assim, percebe-se aí um outro elemento, a presença do coro, isto é, as vozes que se emocionam, sentimentos de pena e gozo, muitas vezes expressos em risos que se manifestam diante do espetáculo da morte em vida.

Mas Antígona não sente temor nem piedade, sua ação não se move pela *hamartia*⁵⁰, o que difere da análise de Aristóteles para definir o herói trágico, pois não há um erro de

⁵⁰ Termo compreendido, aqui, desde sua tradução no Seminário 7 “A Ética da Psicanálise” (1997), como erro de julgamento.

juízo na ação de Antígona, mas desejo. É por este elemento que Antígona desperta a paixão, por realizar tão voluntariamente seu desejo. “[...] será buscando pensar o que significa uma escolha absoluta, não motivada por nenhum bem, mas por um desejo que não se retrai frente aos riscos que ele comporta, que Lacan introduzirá sua reflexão sobre Antígona, para extrair dela a essência da tragédia”. (MELLO, 2001, p. 42)

É nesse sentido que, para Lacan, Antígona é a verdadeira heroína, aquela que será encerrada viva numa tumba, tendo sua ação movida pelo desejo. Ação que evoca a beleza no ponto em que a morte invade o domínio da vida, trazendo para a cena o trágico que se compõe nesta zona que Lacan denomina de entre-dua-mortes.

“[...] o desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular, o qual exige com insistência que a dívida seja paga, e ele torne a voltar, retorna e nos traz sempre de volta para uma certa trilha, para trilha do que é propriamente nosso afazer.” (LACAN, 1997, p. 383)

É através da encenação da arte trágica que se coloca em questão a dimensão trágica da vida do homem comum. O destino de cada um está traçado na herança que lhe coube, “o desejo está presente pela via do que a experiência do fantasma vela e desvela ao mesmo tempo.” (MELLO, 2001, p. 191) A morte está sempre presente no último termo do desejo. E, portanto, estar na via de realizar o desejo pode vir a ser uma temeridade. O que faz com que muitos sujeitos nessa experiência tendam a se paralisar num momento aquém de sua confrontação com a posição de sujeito do desejo: na Morbidez, na dimensão de vacilação ao trágico, um recuo a uma posição desejante.

Assim, com relação ao lugar em que Lacan situa o trágico desde o Seminário da “Ética”, tomando o lugar entre-duas-mortes como específico da condição trágica, o sujeito na Morbidez se excluiria desta zona no momento em que não está implicado em uma segunda morte. Esse estaria numa posição vacilante frente à castração, submetido ao desejo do Outro enquanto falo do Outro.

“[...] é preciso criar recursos de transfiguração para se poder suportar nas tragédias essa relação com a morte, de forma a não recusar, não rejeitar essa dimensão da condição

humana, de aproximação à região das trevas, onde se apresenta um corte radical.” (MELLO, 2001, p. 192)

Recursos esses, que parecem estar presentes na forma como o sujeito do estudo de caso, a tratar na próxima etapa, lida com sua condição de Morbidez e de certo modo o possibilita fazer a reviravolta necessária para a entrada no campo do trágico.

II PARTE

MORBIDEZ NA OBESIDADE – UM ESTUDO DE CASO

5 MORBIDEZ NA OBESIDADE: constituição de um lugar sem escolha?

“Eu não engordava porque eu queria!”

Nesta segunda parte da pesquisa tratar-se-á de pensar a constituição da Morbidez a partir de um caso de Obesidade Mórbida. Para tanto, além do estudo teórico, apresentar-se-á e elaborar-se-á uma compreensão e uma discussão das hipóteses e idéias levantadas nesta tese em conjunto com as falas extraídas das entrevistas realizadas junto a um sujeito feminino, chamado aqui por Srta. H. A Srta. H tinha 23 anos de idade no ano em que a primeira entrevista foi realizada.⁵¹

Para a Psicanálise não existe a Obesidade enquanto estrutura clínica, mas diversos modos de ser, dentre os quais um sujeito pode se situar a partir de seu sintoma, que está relacionado com um acúmulo de gordura no corpo e com todas as causas e decorrências disso. Mesmo que esse sintoma manifeste algumas características que se repetem em grande parte dos sujeitos, sempre será singular o desejo, bem como a posição fantasmática na qual o sujeito se organiza diante do Outro. Conforme já abordado, é a partir desta relação com o Outro que o sujeito elabora o seu fantasma.

Para a Medicina, porém, que situa, dentro de uma lógica cartesiana, o diagnóstico principalmente a partir do sintoma orgânico, esse modo de ser se caracteriza como uma patologia específica, síndrome e/ou doença⁵², conforme o autor que se utilizará. Desse modo,

⁵¹ Foram realizadas três entrevistas: a primeira quatro meses após a cirurgia bariátrica da Srta. H, quando já havia perdido 50 quilos. Quando esta decidiu pela realização da cirurgia pesava 184 quilos, medindo 1,72 cm. Na segunda entrevista, três anos após a primeira, a Srta. H chegou com atraso e houve, ainda, um problema técnico com a gravação, servindo esta somente para a pesquisadora balizar algumas idéias e decidir-se por uma terceira entrevista no momento da escritura desta tese. Essas entrevistas serão anexadas em sua íntegra ao final do trabalho, na classificação de apêndice, para que os leitores tenham a dimensão de sua importância na pesquisa e possam contextualizar melhor as falas apresentadas no corpo do texto. Julga-se interessante que o leitor se remeta nesse momento à leitura dos apêndices e retorne ao texto. As regras de português não foram observadas na transcrição das falas para preservar a entonação e a escuta do significante.

⁵² Segundo o Stedman's Medical Dictionary, Síndrome significa “The aggregate of symptoms and signs associated with any morbid process, and constituting together the picture of the disease.” Disponível em: <<http://www.emedicine.com/asp/dictionary.asp?exact=Y&keyword=syndrome>> Último acesso em 20 nov., 2006. E doença significa: “An interruption, cessation, or disorder of body function, system, or organ. sickness illness morbus, a morbid entity characterized usually by at least two of these criteria: recognized etiologic agent(s), identifiable group of signs and symptoms, or consistent anatomic alterations e Literally, disease, the opposite of ease, when something is wrong with a bodily function.

a Obesidade Mórbita é diagnosticada a partir de índices quantitativos e qualitativos que situam o sujeito em seu grau de Obesidade a partir do seu IMC (índice de massa corporal).

Obesidade, segundo esta ciência, é o acúmulo de massa gordurosa no corpo e é diagnosticada nos sujeitos com IMC igual ou maior que 30Kg/m², e Obesidade Mórbita é aquela apresentada nos sujeitos com um IMC igual ou maior que 40Kg/m² (SEGAL, 2004). Esse padrão médio, segundo a Medicina, determina uma série de complicações

[...] clínicas, psicológicas, pessoais e sociais [...] a taxa de mortalidade dessas pessoas pode ser de até 12 vezes maior do que para pessoas não obesas da mesma idade, sexo e altura [...] quando perdem peso eles têm uma chance menor do que 10% de manter essa perda de peso [...] Além de eles terem uma elevada associação com doenças vasculares, cardíacas metabólicas, osteoarticulares e até alguns tipos de câncer, os pacientes com Obesidade Mórbita apresentam taxas maiores de infertilidade, apnéia do sono e até acidentes automobilísticos. (SEGAL, 2004, p. 55-56)

Todas essas “disfunções” podem levar o sujeito à morte associada a sua quantidade de massa corporal. Então, para esses a Medicina inventa o conceito de Obesidade Mórbita ou Obesidade em terceiro grau. O conceito de Obesidade Mórbita subjetiva o sujeito a partir daquele saber médico científico generalizado que é constituído em torno do seu sintoma. Assim, um sujeito com diagnóstico de Obesidade Mórbita constrói também um modo de ser ditado por esse Outro que o condena à morte. O diagnóstico de Obesidade Mórbita pode ser interpretado como uma sentença de morte cuja única saída atualmente, determinada pelo campo médico, é a realização das cirurgias bariátricas⁵³. Intervenções que apresentam um considerável risco⁵⁴ de morte no próprio processo cirúrgico e pós-cirúrgico, e que não apresentam garantias na manutenção do IMC a longo prazo⁵⁵.

Disponível em: <<http://www.emedicine.com/asp/dictionary.asp?exact=Y&keyword=disease>> Último acesso em 20 nov., 2006.

⁵³ Cirurgias bariátricas são operações de redução do estômago que visam a cura da Obesidade. Disponível em: <<http://www.cirurgiadaobesidade.med.br/obesidade/tipos.asp>> Último acesso em 20 nov., 2006.

⁵⁴ “...por se tratar de uma cirurgia de grande porte, em indivíduos com condições clínicas associadas que aumentam as chances de complicações, a cirurgia da obesidade traz consigo riscos que não podem ser menosprezados. Dados recentes mostram que a chance de complicação fatal na cirurgia da obesidade é de 0,5 a 1%, sendo a embolia pulmonar (coágulos obstruindo os vasos do pulmão) e as fistulas (escapes nas junções cortadas e grampeadas do estômago e/ou intestinos) os grandes vilões, responsáveis pela grande maioria dos óbitos.” Disponível em: <http://www.obesidademorbida.com.br/artigos_desmitificando> Último acesso em 20 nov., 2006.

⁵⁵ Segundo dados da revista Veja, “passados quase dez anos e cerca de 80.000 cirurgias, as primeiras estatísticas de longo prazo feitas no Brasil mostram que a cirurgia bariátrica [...] não é, infelizmente, uma solução mágica. Segundo dados do Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo, um terço dos pacientes recuperou em sete anos bem mais peso que o esperado. Destes, 5% a 10% voltaram a ser obesos mórbidos [...]” Conforme depoimento do endocrinologista Geraldo Medeiros para esta revista, “a compulsão alimentar é tão poderosa que

O sofrimento e a exclusão social decorrente da posição fantasmática que muitos sujeitos com Obesidade Mórbida podem vir a ocupar em relação ao Outro e a morte real que aí pode estar implicada, essa nem sempre atuando como um limite para compulsão, são as razões pelas quais se levanta a seguinte hipótese: que a constituição da Obesidade Mórbida, em muitos casos, situe o sujeito em um lugar de Morbidez na Obesidade, conforme se vem trabalhando a idéia de Morbidez.

Então, interroga-se: que operação psíquica é essa que se realiza no corpo constituindo a Morbidez na Obesidade desde uma cultura⁵⁶ cuja economia psíquica se funda no imperativo do gozo e que privilegia a imagem e a forma (no caso a de um corpo belo e magro) como objeto de consumo?

No Brasil, o público feminino em especial (mas não só), padece pelo que a Medicina nomeia de Transtorno da Compulsão Alimentar. Isto é, patologias associadas à oralidade, ligadas à ingestão da comida que, entre outras consequências, alteram a noção de esquema e de imagem corporal do sujeito e causam sofrimento a esse. Este corpo carregado como "bagagem", de acordo com Sant'Anna (2001) faz com que o sujeito passe a ser cada vez mais objeto de observação e críticas sociais no momento em que coloca em foco aquilo que todos os outros têm acesso, o seu corpo, testemunhando e julgando seu sucesso.

Acentuar a separação entre boa forma e o corpo é beirar a caricatura: o corpo vira uma espécie de bagagem de mão da boa forma: às vezes, tem-se a impressão de que a boa forma saiu por aí sozinha, deixando sua bagagem guardada dentro de um armário, mas cedo ou tarde, a bagagem aparece de surpresa, como se tivesse sido liberada por um demônio ou vírus. Chega de repente e se instala; interrompe os sonhos da boa forma e pede atenção exclusiva. E como a tal bagagem sabe que raramente é bem-vinda, assume um perfil, choroso, dramático, dependente, aborrecedor. A boa forma entra em pânico e pergunta: onde foi que eu errei? E quanto mais a boa forma tenta se livrar de sua bagagem, seja fugindo dela, seja tentando domesticá-la, mais a sua presença lhe parecerá inadequada e intolerável. Uma situação aparentemente sem saída. (SANT'ANNA, 2001, p.108)

algumas pessoas submetidas à cirurgia conseguem alargar ou até romper o anel restritivo.” (Veja, 2007, p. 126-127)

⁵⁶ Por cultura compreender-se-á, a partir de Lévi-Strauss, os valores, hábitos, crenças, comportamentos de um grupo como efeito de uma estrutura inconsciente de pensamento. Estrutura essa organizada e efeito da submissão do humano a uma regra, a uma lei, o interdito ao incesto. “Notemos [...] que se a regulamentação das relações entre os sexos constitui uma invasão da cultura no interior da natureza, por outro lado a vida social é, no íntimo da natureza, um prenúncio da vida social, porque dentre todos os instintos, o instinto sexual é o único que para se definir tem necessidade do estímulo de outrem. [...] A proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido [...] é a própria cultura.” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 50)

A Anorexia, a Bulimia, a Obesidade e suas diversas ramificações são exemplos dessas “patologias”.

A Bulimia e a Anorexia, por exemplo, caracterizam-se pelo pânico de engordar, afinal um dos requisitos imaginados para as jovens meninas serem socialmente aceitas em seu grupo é a boa forma. A perda de peso, condição para a boa forma, conforme as modelos bem sucedidas entre as *Top Models*, deve se realizar como prova de força de vontade e esforço, portanto, é aqui que a jovem pode começar a ser responsável, meritosa, participativa e incrivelmente magra.

Historicamente, as mulheres ou as pessoas do gênero feminino têm mais a provar que o gênero masculino, têm mais a parecer, afinal, elas, antecipadamente, desde a condição de "nascerem mulheres", já estão em "desvantagem" no que diz respeito principalmente aos direitos de inserção em grande parte do mercado de trabalho, no valor de seus salários, na exposição de suas idéias, na conquista da autonomia e liberdade, valores vitais na sociedade contemporânea.

Nota-se, entretanto, que o modelo de beleza dos anos cinqüenta, estilo Marilyn Monroe ou Ava Gardner, representado por uma mulher "mais cheia de curvas", não tão magra, provoca ainda hoje o entusiasmo de boa parcela da população masculina. Mas parece que as mulheres estão se importando cada vez menos com as preferências masculinas e mais com a conquista do falo, objeto imaginário que traz a ilusão do poder e da eternidade. Esse, presentificado e materializado na obtenção da forma perfeita, na eterna juventude.

A Anorexia se caracteriza, segundo Ramalho (2001, p. 1), "por uma restrição voluntária muito grande da alimentação levando a perdas extremas de peso, podendo chegar à morte." Caracteriza-se, ainda, pelo sujeito perceber seu corpo através da imagem que faz desse, como um corpo gordo. É comum esta patologia estar associada à Bulimia.

A Bulimia é caracterizada, sob a ótica da mesma autora, pela ingestão compulsiva e rápida de uma quantidade excessiva de alimentos. A experiência é vivida como descontrole e estranhamento, sendo seguida por vômitos provocados, do uso de laxantes e diuréticos, jejuns e exercícios físicos excessivos.

Assim, essas patologias ou sintomas estão de algum modo relacionadas a uma obsessão pelo corpo perfeito, uma tentativa de se colocar como objeto fálico. Não basta somente ter o falo, mas ser o próprio falo, se fazer valer socialmente. Porém, paradoxalmente, atuam na "tentativa de inscrever uma falta simbólica" (Ramalho, 2001, p. 116) no caso da recusa da comida pela anoréxica, resultando no fracasso nessa relação com o Outro, reeditando assim uma fantasia primitiva de abandono e rejeição.

O corpo, neste contexto, situa-se na posição de puro objeto cujo domínio total já está dado como garantido pela ciência e por todos os especialistas da saúde e da beleza. A boa forma vem como mais uma promessa de preenchimento deste buraco. E cada um desses sintomas se vai haver de modo diferente na sua relação de busca por este bem.

Nesta era, o corpo está submetido a uma outra ordem econômica que não somente àquela do papel-moeda. Trata-se aqui de compreendê-lo como produzido no plano de uma economia desejante, que através da produção dos modos de ser opera pela lógica do desejo enquanto "desejo do desejo do Outro". Nesta suposição de existir algo que falta ao Outro e que é nesse que reside todo o valor do sujeito, não mede esforços para atender a essa demanda. A lógica da economia neo-liberal produz e é produzida pela lógica subjetiva de constituição do sujeito. O capitalismo gera necessidades de consumo, e o desejo é traduzido pela linguagem midiática como desejo de algo, desejo de objeto. Introduce-se na economia uma promessa de gozo através do consumo, são oferecidos todos os objetos passíveis de mercantilização como o representante da falta no Outro. Ainda, a suposição de um sujeito "livre para escolher", a partir dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ratifica um consumo que desliza rapidamente de um objeto a outro, oferecendo sempre ao sujeito um gozo ideal a cada nova invenção posta à venda.

Este "tudo pode", fruto de uma inversão na relação do sujeito com o Estado, de acordo com o que já foi trabalhado no segundo capítulo desta tese, coloca, então, o sujeito como o único responsável pelo seu sucesso. Dono de si, deve ser capaz de controlar sua vida bem como seu corpo de modo a alcançar o ideal imposto por esta sociedade. Observa-se, nesse contexto, que os "distúrbios" alimentares, entre outros, substituem os sintomas histéricos de outrora.

Assim, interroga-se, seria a Obesidade Mórbida um lugar de negação de um corpo belo, total e perfeito? Estar-se-ia negando esta demanda do Outro através de um corpo informe? Fazendo desse corpo obeso um furo no saber do Outro, buscando com isso responder sintomaticamente como uma falta? A Obesidade Mórbida estaria, então, denunciando essa falha no Outro, tendo a morte real como efeito ou possibilidade?

Nesse sentido, parece interessante o comentário no final da primeira entrevista da Srta. H quando é interrogada sobre o que pensa a respeito das modelos serem magras, de haver um ideal de beleza magro, “tu achas que isso influencia para as pessoas engordarem e emagrecerem?”:

Eu acho que sim, mas eu acho que porque por causa disso é que tu tá andando na rua e passa um imbecil e põe a cabeça pra fora do carro e te chama de baleia, entendeu...

Trata-se de pensar se essa fala não denuncia um efeito do que a imagem de um corpo obeso pode revelar, se não é, justamente, essa falta no Outro. Uma resposta que denuncia a presença da castração. A agressão vem como uma reação de defesa ao que esse sujeito “imbecil” sente também como uma ameaça a sua ilusão de completude e realização do Eu-ideal na conquista de um gozo total.

Porém, quando se trata da Morbidez na Obesidade, poder-se-ia pensar que talvez esteja em questão a vacilação a entrar no jogo significativo, que é o que situa o valor no corpo. Nesta medida, é como se uma resposta não se configurasse, mas, sim, o paradoxal apagamento do corpo – paradoxal, pois aí, então, que o corpo se presentifica.

Depara-se, aqui, com uma questão importante: considerar as diversas demandas de análise que se entrecruzam derivadas da posição do sujeito em relação ao fantasma que se produz por consequência da instalação do sujeito no social. Isto é, trabalhar sobre a idéia de Morbidez na Obesidade é diferente de trabalhar sobre o diagnóstico médico de Obesidade Mórbida.

Portanto, no intuito de privilegiar a análise da Morbidez na Obesidade e, não, especificamente, da Obesidade Mórbida, não será estendido aqui um recorte mais minucioso

sobre a história do corpo e suas diversas produções, trazendo para cena principal, então, o trabalho da pulsão e do gozo.

5.1 O TRABALHO DA PULSÃO E O GOZO NA CONDIÇÃO DE MORBIDEZ NA OBESIDADE

Na condição de Morbidez na Obesidade se supõe que a constituição desse lugar se realize como efeito da relação do sujeito em resposta a uma demanda do Outro primordial desde um enfraquecimento da metáfora paterna que reforça esta posição. O que entra em discussão neste subcapítulo é pensar as pulsões enquanto parciais entrelaçadas ao que se pode supor que está implicado em seu trabalho de conduzir o sujeito com Morbidez na Obesidade a esse lugar que o exclui do enfrentamento da vida enquanto trágica, especificidade a ser trabalhada no próximo capítulo a respeito do trágico. E, o que parece se poder supor, nesse sentido, que conduz o sujeito a essa posição, é o gozo obtido desde esse lugar. Talvez, não necessariamente, que o conduza, mas que, enquanto efeito, mantenha o sujeito como objeto para o Outro. Um efeito que reforça uma compulsão à repetição de atos que o mantenham nessa posição desde um gozo que não cessa de se inscrever.

O sujeito marcado pelo significante e inscrito desde o campo do Outro, responde a demanda desse buscando se defender da fúria e da perda do amor e da proteção do Outro primordial. O sujeito responde à sua demanda evitando que algo lhe marque uma falta. Sucumbe ao próprio gozo na tentativa de preenchimento do seu corpo. Nos casos de Morbidez na Obesidade, bem como outros, o sujeito oferece o próprio corpo produzindo, entre outros modos de gozo, o gozo do Outro, consome-se a vida para o Outro gozar. Um gozo infinito porque não fálico, um lugar de exclusão do gozo fálico. A satisfação sexual-fálica e mesmo a escolha de um parceiro podem ser substituídas por atos de incorporação que visem à fusão, à igualdade entre os sexos, nega-se a castração.

5.1.1 Pulsões Parciais: entre a boca e olho

Na *Morbidez na Obesidade*, o circuito pulsional responsável pela produção desse corpo, conforme Lacan (1998) descreve esse processo, inclui um contorno da pulsão pelo objeto. Porém, qual o objeto da pulsão, como concebê-lo? Lacan refere à observação que Freud faz de que o objeto não tem importância. É, nesse sentido, que Lacan revisa a função do objeto e chega à noção de que o objeto que faz alusão à satisfação e que, o que a pulsão busca é o objeto enquanto sua função de objeto *a*. “A pulsão o contorna”. (p. 160)

Essa busca pela satisfação da pulsão compreende a fonte, isto é, a busca do gozo desde orifícios de onde a pulsão se apropria, principalmente, na *Morbidez na Obesidade*, segundo o que se constata a partir dos estudos para esta pesquisa, a boca e o olho. Afirma-se aqui a interrogação de Lacan: porque “as zonas ditas erógenas só são reconhecidas nesses pontos que se diferenciam para nós por sua estrutura de borda”. (p. 160) Há uma tecitura de prazer e gozo no percurso de saída e retorno do objeto pela fonte. A função alucinatória do objeto provoca o desejo construído desde a demanda do Outro. É a estrutura de borda da boca e do olho que os constitui como zonas erógenas, fonte da pulsão, pólo do circuito pulsional na *Morbidez na Obesidade* por onde a sexualidade se manifesta. É pela trajetória pulsional em forma de circuito que a satisfação da pulsão conjuga sexo, pulsão e morte. Desde a conceitualização de Lacan de que toda pulsão é parcial, sexual e de morte, conforme já foi trabalhado em capítulo anterior.

Assim, a boca-órgão constituída por uma fenda dupla, bem como o olho, constituído por uma fenda palpebral, remetem à fenda genital ou fálica, adicionando ao órgão mais do que sua função orgânica, uma função de libido.

5.1.1.1 Pulsão Oral

A mucosa da boca e dos lábios se constitui desde a infância como zona erógena a partir dos cuidados com a alimentação e pela amamentação. A instalação de sintomas que incluam esta zona como fonte de satisfação da pulsão vai depender da articulação entre o significante constituído desde o campo do Outro e o modo como este vem a demarcar o corpo.

Alors si l'incorporation est une opération symbolique, ce que nous sommes susceptibles d'incorporer, c'est-à-dire aussi ce qui va nous faire jouir, ce sont des signifiants, et des signifiants préférentiels. Citons Bergés et Balbo (6): "L'enfant boit ses paroles (de la mère) autant que sont lait. Et ces't ce qu'elle lui dit, qu'elle avale et digere, qui conduit le fonctionnement à déborder la fonction, et à la déborder de telle sorte que le fonctionnement se charge de libido, de jouissance et d'erotisme". Et d'ailleurs, l'oralité est à ces point prise dans la parole que sans paroles, on peut se demander ce que la faim veut dire [...]. (POUGET-DOMPMARTIN, 1997, p. 91)⁵⁷

O sujeito, invadido por um sentimento de angústia, come compulsivamente buscando preencher, paradoxalmente, um vazio sem limites, não há reta de chegada, linha final que ponha fim a demanda do Outro e assim ao desejo de satisfação da pulsão. O sujeito tenta dar um basta nessa demanda, como se a atendendo houvesse um fim. Porém, a pulsão, diz Freud (2004), tem por uma de suas características ser como uma força constante. Por isso, sem cessar o estímulo não cessa a busca. Na Morbidez na Obesidade o próprio sujeito se torna parte dos objetos imaginários de satisfação da pulsão. Na Morbidez o sujeito é corpo "presente" para o Outro.

Pela ingestão de comida, o sujeito tenta satisfazer a pulsão, tamponar o buraco, sucumbe o corpo ao apagamento da diferença sexual pelo excesso de alimentos. E neste ato de comer e se fazer falo do Outro se produz um gozo. O gozo do Outro. Ou, ainda a discutir, um gozo Mórbido.

A antecipação de um saber totalizante por parte da Mãe⁵⁸, obturando qualquer buraco e evitando a escritura de uma marca fálica que dê limite ao gozo do Outro e inscreva o sujeito em um gozo fálico, faz com que esse, para assim assegurar um lugar de sujeito, invista em um objeto real que imaginariamente lhe faça semblante, sustentando a sua imagem. Na Obesidade, a comida que propicia e mantém o prazer da boca, aparece como um destes objetos que imaginariamente vai dar alguma consistência ao sujeito e trazer-lhe reconhecimento pelo Outro. Esses sujeitos, ao se imaginarem longe do alimento,

⁵⁷ Então, se a incorporação é uma operação simbólica, o que nós somos suscetíveis de incorporar, é dizer, também, que o que vai nos fazer gozar são os significantes e os significantes primordiais. Citando Bergés e Balbo (6): "A criança bebe suas palavras (da mãe) tanto quanto o seu leite. E, é assim que ela lhe diz que ela engole e digere, que conduz o funcionamento a transbordar a função e a transbordar de tal modo que o funcionamento se encobre de libido, de gozo e de erotismo." E, além disso, a oralidade é neste ponto tomada na palavra, que sem palavras, nós podemos nos perguntar o que a fome quer dizer [...]. (POUGET-DOMPMARTIN, 1997, p. 91) (tradução nossa)

⁵⁸ Mãe está escrito com m maiúsculo para referir a posição do sujeito que ocupa para o infante o lugar de Outro primordial.

desencadeiam muita angústia. Seria essa também um sinal de alerta (FREUD, 1980) frente a uma fantasia de engolimento pelo Outro? O Outro para esses sujeitos é uma goela que nada preenche?

Como refere a Srta. H

[...] eu não consigo ser feliz sem comer...

O alimento, enquanto objeto não se constitui como o que satisfaz a pulsão. “A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. [...] a pulsão oral [...] não faz outra coisa senão encomendar o menu”. (LACAN, 1998, p. 159)

O sujeito busca ao devorar os alimentos uma confirmação do saber no Outro, assim se mantendo no único lugar em que imaginariamente lhe foi permitido desejar, o lugar de fazer o Outro gozar através daquilo que foi lhe inscrito pulsionalmente. A comida o acompanha, essa excitação provinda desse orifício inscrito no corpo como borda, não cessa de lhe demandar mais e mais comida. Isso não se satisfaz, mas se acalma imaginariamente pelo objeto que garante a manutenção desse lugar. Um lugar de exclusão do gozo fálico, de recusa do trágico.

Observa-se na fala da Srta. H:

Devia ter uns 120... [quilos] aí eu falei para ela... aquilo [a cirurgia bariátrica] é uma agressão, ... capaz que eu ia fazer aquilo, eu sempre achava que eu fazendo regime eu ia conseguir emagrecer... eu sempre achava que eu ia conseguir e ia ficar tudo bem, né? E o tempo foi passando e eu fui engordando 10, 15 quilos por mês, aí começou a cirurgia a ficar mais conhecida eu fui conhecendo gente que fez... aí o tempo foi passando e eu fui engordando, e eu fazia regime emagrecia e engordava tava vendo que aquilo ali não ia dar certo...

A repetição de atos de incorporação de comida nos casos de Morbidez na Obesidade visa reencontrar o objeto perdido, objeto *a*, de modo a lhe restituir o gozo desde a posição de Um. É o fracasso deste encontro que faz com que essa cena se repita. Segundo Freud (2004), “isso” insiste, o que está recalçado quer retornar. Porém, tais “soluções” de incorporação do objeto produzem “um impasse específico: a realização do gozo buscado tende a coincidir com a efetivação da morte” (p. 18). E, ainda, interroga-se, se nos casos de Morbidez, já não se

estaria frente a “morte” em vida, a “segunda morte”, enquanto o sujeito fica identificado ao objeto, não adquirindo um status de sujeito, ativo na produção de uma cadeia de significantes. Não se faz referência ao Um, se busca ser o Um.

Ao emagrecer, o sujeito deixaria transparecer a falta através da diferença sexual que se torna mais visível, símbolo da castração. O temor seria de aniquilamento frente à fúria do Outro, ocasionando a perda de identidade, no caso, identificada ao próprio objeto de gozo, lugar que passou a ocupar na família ou no grupo ao qual pertence.

Desse modo, o informe do corpo na Morbidez na Obesidade seria um modo de apagamento da diferença sexual, outra forma de evitar a castração e o mal-estar próprio da condição humana. Assim, a maioria dos sujeitos nesta posição se utiliza da forma-imagem que os constituem como um modo de exclusão do ato erótico com um outro, evitando o confronto com a diferença.

[...] as minhas amigas já tavam até com filho e eu nem tinha beijado, mas eu era muito gorda... entendeu?

Negar a diferença para evitar a angústia da castração. Como está implicada a Srta. H no complexo de Édipo na construção desse corpo? Seria este estado de Morbidez, o sucumbir do próprio corpo, também uma negação da diferença sexual até a morte? Conforme pode ser observado a partir de suas falas...

*[...] eu me lembro na sexta série **um guri me pediu em namoro, naquela época eu era magra**⁵⁹ ainda... e eu me lembro que eu falei para ele, para quê, tu tá louco... eu era muito pirralha... sabe, lerda mesmo... era lerda mesmo [...]*

“Um guri me pediu em namoro, [...] eu era magra [...]” Segundo Freud, o autoconceito relaciona-se com os investimentos libidinais nos objetos, observa-se que o “magra”, nesse enunciado da Srta. H, enquanto significante, adquire significado ao estar referido a outro significante: “namoro”. Isto é, o sentido sexual de namoro está investido pela Srta. H a partir de uma posição do sujeito frente ao Outro, uma posição de onde lhe é permitido amar e ser

⁵⁹ O realce em negrito na entrevista visa destacar aquela fala para o que se está analisando.

amada como mulher, lugar esse conferido às pessoas magras. Para a Srta. H o “ser gorda” é usado como signo de exclusão do sexual.

A neurose faz uso dessas inferioridades como pretexto, exatamente como o faz com outros fatores utilizáveis. Se uma paciente neurótica eventualmente nos faz crer que era inevitável que ela adoecesse porque é feia, deformada e sem graça, de maneira que ninguém pode amá-la, em seguida a próxima neurótica nos ensinará mais e melhor a respeito da mesma questão, pois apesar de parecer mais desejável que a média das mulheres e de ser de fato mais desejada, ela permanece fixada na neurose e na repulsa a tudo que é sexual. [...]

As relações do autoconceito com o erotismo (com os investimentos libidinais nos objetos) podem ser expressas do seguinte modo: devem-se distinguir dois casos, se os investimentos amorosos estão em sintonia com o Eu ou se, ao contrário, sofreram um recalque. (FREUD, 2004, p. 116-117)

...depois dos 12 aos 14 eu cresci muuuuito, sabe, tanto pra cima quanto para os lados, eu vejo pela minha sobrinha, ela usa roupas minhas assim que... eu digo... meu Deus...

A puberdade, um lugar psíquico mais do que biológico vai se constituindo em direção à adolescência. A adolescência é um momento psíquico da vida do sujeito em que ele se encontra na fronteira entre a infância, ser o “bebê” dos pais, e a vida adulta. Momento de constituir novas relações e formar sua própria família ou seu novo grupo de pertencimento além da família de origem. Nesta etapa intermediária o sujeito já se vê implicado em novas escolhas. A escolha profissional, social, religiosa e de consolidação de uma identidade de gênero. Novas demandas são impostas e para atendê-las o sujeito se coloca em movimento, em direção a uma nova posição subjetiva. No caso da menina, a puberdade se acomoda por uma regressão narcísica, a experiência se caracteriza pela confirmação da castração que se realiza desde o olhar do Outro. Assim, para ela “a puberdade assinala o que pode ser visto pelos outros.” (RASSIAL, 1999, p. 25)

Algo na Srta. H faz barreira a essa constituição. “O eu [moi], por ser imaginário é perturbado por um questionamento radical dos processos de identificação, por uma desorganização da ordem simbólica.” (RASSIAL, 1999, p. 131-132) O engordar para a Srta. H, nessa fase, tem uma função social de mantê-la nos limites do campo familiar. Isto é, não ceder ao tempo aclamado pela adolescência de reorganização das identificações e de saída da casa paterna para o campo das relações amorosas fora da família.

[...] eu fiquei trabalhando com o pai em casa, aí eu não saía mais na rua...

Em outro momento...

[...] eu trabalho com meu pai e meu pai não me paga, é um negócio meio problema, problemas financeiros.

É o fantasma originário, constituinte da subjetividade do sujeito, que vai determinar essa trajetória e os respectivos recalques. “Na infância, através de uma série de provas, o sujeito se situa em relação aos objetos pulsionais que lhe são propostos, exceto ao vir ocupar o lugar de ser ele mesmo o sintoma para o Outro, precisamente para a mãe.” (RASSIAL, 1999, p. 43)

Ah, todo mundo me apoiou, né... porque do jeito que tava não podia ficar mesmo... a mãe tinha medo... O pai não fala nada, não fala nada de nada, ele não fala muita coisa, apesar de ser um dos que mais me apóia, quando eu tô vomitando ele fica parado do lado, mas não fala nada, sabe, é estranho assim...

“Me apóia”, parece que aí a função paterna, enquanto representada por este pai, padece de um enfraquecimento. Interroga-se: que pai é esse que se encontra no lugar de devedor, “meu pai não me paga”. Um pai de poucas palavras, parado. Seria esse um pai que se omite de fazer valer seu lugar enquanto representante de uma função paterna? Observa-se que a Srta. H busca este pai, busca fazer valer sua palavra. Como se observará, também, em suas falas da segunda entrevista.

Em outro momento...

[...] eu me lembro quando as gurias começaram a ficar, namorar, coisa e tal, ela vinha explicá como eram feitos os filhos... eu sempre ficava ouvindo, mas achava aquilo um nojo... ah, pra que ficá se agarrando, quando eu via elas ficando com os gurus: “ah, que coisa mais nojenta em vez de ficarem jogando bola, eu era muito guria assim, sabe, joga bola, de rola no chão, de... bom, eu passei meu primeiro grau todo, eu chegava em casa, brincava a tarde toda, aí eu tomava banho botava minha roupa de ir no outro dia pro colégio, aí outro dia eu acordava enfiava meu tênis... o codinome do meu tênis era banheira, porque eu comprava o tênis dez vezes maior que o meu pé, porque era prático sabe botava... durava anos e a Fofa ficava se arrumando toda, secava o cabelo e eu: “ai meu Deus”. Sabe, eu era muito assim, nunca tive vaidade, não tive nada, aí quando eu fui pro J. [escola] minha mãe dizia que tinha medo: “só tem drogado, matador de aula, só tem isso, aí ela dizia: não faz isso, não faz aquilo, não senta do lado de ninguém...” um colégio enorme daqueles...

Nesta fala da Srta. H se percebe aí em jogo o olhar e a voz do Outro, que são fundamentais para a sustentação do ser desde o estágio de constituição do eu. Neste momento de uma vacilação da identificação especular, a voz e olhar se tornam novamente fatores de apropriação para que a internalização desses trabalhe em uma nova reestruturação subjetiva.

No caso da menina, a puberdade se acomoda por uma regressão narcísica, principalmente, por uma experiência que se caracteriza pela confirmação da castração que se realiza desde o olhar do Outro. A Srta H nessa fala, entre outras questões, refere-se a um evitamento desse olhar através do modo de vestir o uniforme, evitando a exposição do corpo nú e, pelo tamanho do tênis, parecendo querer esconder uma forma feminina, assemelhando-se ao tamanho de pé masculino. A homofonia entre tênis e pênis também sugere uma possibilidade de aí a Srta. H poder estar fazendo uma associação, porém sobre isto só se pode fazer inferências. Mas uma inferência interessante para se poder pensar um modo sobre a negação da castração.

O desejo do adolescente é hesitante: voltado para o outro sexo, ele encontra os interditos edípicos; dirigido ao semelhante, ele se orienta para um laço mais fraternal do que sexual. [...] Em geral, existem duas maneiras de resolver esta dificuldade [...]: a primeira consiste em renegar [dénier] a importância da diferença sexual, no limite de uma solução perversa. (RASSIAL, 1999, p. 22)

Em outro momento ao se discutir esse tema em entrevista, coloca: *Eu nunca dei beijo na boca...* Então, pergunta-se se ela tem vontade...

Agora eu tenho, né, sim né, tô uma véia!

A Srta H está nessa época com 23 anos, sobre o que diz:

[...] eu me acho muito velha... acontece que a minha sensação de tempo perdido que me mata, sabe? Quando eu me dei conta que eu era uma imbecil, as minhas amigas já tavam até com filho e eu nem tinha beijado, mas eu era muito gorda... entendeu?

“Tempo perdido que me mata”, expressão que revela uma característica própria do que aqui se elabora como Morbidez, sua face de exclusão, do lugar de vacilação e evitar dos riscos, conseqüentemente, de viver a vida além do campo do Outro materno. Pontua-se para ela que “existem pessoas gordas com filhos”...

Pois é, mas eu não consigo imaginar um gordo beijando [ato falho], quer dizer, olhando outra pessoa... Ai! Ai! Sei lá...

Em outro momento da entrevista pergunta-se para Srta. H sobre o que ela imagina em relação à reação dos pais se ela ficar “magrinha tipo a Moni”, amiga idealizada para ela em termos de padrão de beleza.

*Acho que vai ser muito estranho... é estranho, né... eu acho é mesma coisa que tu te acostumar com uma filha com filho, **uma filha grávida, é a mesma coisa...***

Podemos observar nessas falas da Srta. H uma negação da castração, modos de evitar o confronto com a diferença sexual e o lugar do feminino. Assim, engordando e/ou usando o tênis muito maior que o pé. Ao relacionar a gravidez com estar magra, lugar do feminino para ela, passa a ter a possibilidade de sair do lugar de objeto e de vir a ter o falo e não ser o falo. Passaria do gozo do Outro ao gozo fálico.

Freud, nas “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”, seu texto de 1933, sobre a feminilidade, explana como a psicanálise se empenha em interrogar como a mulher se desenvolve desde a infância a partir de sua condição bissexual. Segundo Freud (1980), para a menininha, como para o menino, a mãe é o primeiro objeto amoroso. Fase essa valorizada por Freud para se entender as mulheres. Porém, ela terá que abrir mão desse objeto para passar para o objeto paterno. Freud ressalta que essa passagem é feita pela menina quando essa se depara com a falta do pênis na mãe. Situação que a leva hostilizar a mãe e a responsabilizá-la pela sua própria “castração”. Refere Freud que as meninas sentem-se injustiçadas e “declaram que querem ‘ter uma coisa assim, também’, e se tornam vítimas da ‘inveja do pênis’ [...]” (1980, p. 154) A descoberta de que é “castrada”, segundo Freud, leva a três possíveis caminhos no desenvolvimento da mulher. Um que conduz à inibição sexual ou à neurose, podendo haver aí uma negação da castração, como se supõe uma aproximação com o caso da

Srta. H. Outro caminho, “à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade” (p. 155) e um terceiro que seria a feminilidade “normal”.

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (FREUD, 1980, p. 157-158)

Observa-se, tanto no discurso da Srta. H, como na fala de Freud, uma relação entre sexualidade feminina – gravidez – filho e falo. Assim, observando o valor de falo para o pênis, isto é, mais do que um órgão em si, para Freud esse representa o valor fálico de quem o detém. E, neste tempo e sociedade em que vive a Srta. H, parece que quem detém o valor de falo são as mulheres magras, aí, supõe-se, a comparação com a condição de vir a esperar um filho. Para Srta. H, enquanto magras, mulheres de valor fálico, fazem-se semblantes de fállicas para serem desejadas pelo homem, mas mantendo sua castração e assim ocupando a posição feminina ao que podem vir a engravidar. É na operação de castração que se faz a mulher. “A mulher-objeto-de-desejo faz a máscara do falo, colocando no lugar da castração a apresentação de uma imagem corporal plena. *Belle indifférence* tipicamente feminina que denega de modo estratégico o desejo, fazendo do *não* a marca de sua presença.” (POLI, 2007, p. 12)⁶⁰

E, na gravidez, pelo contrário, as mulheres passam ao lugar de mãe. O corpo da mãe é o corpo interdito. Ao passar a deter o “filho-falo” se remetem ao lugar de não castradas, segundo Lacan, esse não é o lugar do feminino. O gozo é fálico, enquanto o gozo feminino é o gozo Outro que remete a mulher ao gozo suplementar. “É justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar.” (LACAN, 1985, p. 99)

Pode-se inferir, portanto, que a Srta H, na posição de *Morbidez*, vacila diante da castração visando preservar sua imagem narcísica e o lugar de ser o próprio falo, não deixando que algo falte ao Outro. Assim, busca se defender dessa demanda, pois se ao Outro nada falta, o sujeito também se sente seguro e protegido no registro da completude. Se não se

⁶⁰ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982007000200009&lng=en&nrm=iso

depara com a falta no Outro, não se depara com a própria falta. Logo, a fim de evitar a castração no Outro, a Srta. H oferece o próprio corpo o tornando “gordo”, significante para essa colado a um significado que a exclui do lugar feminino, para tamponar a falta.

Assim, se produz a falta da falta. Busca-se encher tudo, se não há buraco, não há borda, não há limites. “[...] o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude.” (LACAN, 1985, p. 16) O sujeito, deste caso, busca na ingestão da comida uma forma de se manter no único lugar em que imaginariamente lhe foi permitido desejar. O lugar de fazer o Outro gozar tendo a comida como companheira.

5.1.1.2 Pulsão Escópica

Ainda, outra questão que surge na fala acima: “não consigo imaginar um gordo beijando [ato falho], quer dizer, olhando outra pessoa...” De que modo o olhar, enquanto tomado pela pulsão escópica, está implicado neste apagamento da diferença sexual. O que significa o se olhar no espelho, olhar para o seu corpo, olhar uma foto? Que efeitos pode produzir esse olhar e desde onde esse é produzido?

“O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte de visão, mas como fonte de libido. Onde os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise descobre a libido como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão.” (QUINET, 2002, p. 10)

Freud (2004) em “Pulsões e Destinos da Pulsão”, texto de 1915, onde ainda caracteriza as pulsões sobre o prisma de seu primeiro dualismo, classifica a pulsão escópica como pulsão sexual. E, como tal, trabalha, principalmente neste texto, sob dois aspectos, dois destinos característicos da pulsão escópica, bem como do sado-masochismo. Trata-se aqui dos destinos da pulsão escópica desde a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria defesa. Freud toma esses destinos como “modos de defesa contra as pulsões.” (2004, p. 152)

Nesse texto Freud já incide sua análise sobre o olhar, escreve sobre o prazer de olhar-se, olhar e ser olhado. Nesse sentido, já se observa uma esquizo entre a visão e o olhar. O que se coloca em questão a partir deste momento é a formação da imagem desde seu caráter pulsional e auto-erótico na etapa preliminar da configuração da pulsão apoiada sobre um órgão-fonte cuja função passa a extrapolar seu mecanismo biológico constitutivo da visão, tornando-se atos pulsionais ativos e passivos em sua configuração final.

Segue-se então que a etapa preliminar da pulsão de olhar – na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto – pertence ao narcisismo, ou seja, é uma formação narcísica. A pulsão de olhar se desenvolve justamente pelo abandono dessa etapa narcísica, ao passo que a pulsão de olhar passiva manterá o objeto narcísico aprisionado. [...] por meio de identificação, o sujeito sofre uma troca por outro Eu estranho [Freud]. (p. 156)

Isto é, na passividade do ser olhado há um retorno à condição de objeto narcísico. Será que na *Morbidez na Obesidade* o se tornar obeso de forma a tentar realizar um apagamento da diferença sexual, seria um modo do sujeito se colocar na posição de objeto enquanto sua forma se torna foco de olhares estranhos? Dificilmente um sujeito de mais de 100 quilos passa por outro sem ser olhado, como foi citado através da fala da Srta. H sobre o “imbecil” que a compara a uma baleia.

E, nesse sentido, se é remetido a Lacan (1998) que trabalha o olhar como objeto *a*. Sendo o ocupante dessa posição o próprio ato de olhar. Lacan afirma: “toda pulsão deveria se resumir em um único tempo verbal, que é: fazer-se olhar”. Lacan elimina os tempos verbais freudianos para mostrar que o sujeito é tanto ativo quanto passivo no circuito escópico. É ativo ao olhar, bem como passivo na posição de se fazer olhado.

O olhar surge para Lacan no tropeço da visão, isto é, “em nossa relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada pelas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite [...], para ser sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama olhar.” (p. 74) É nesse sentido que Lacan vem a formular a idéia de uma esquizo do olho e do

olhar. É nessa esquizoide que o olhar se realiza como objeto *a*, na medida em que simboliza a falta expressa no fenômeno da castração. Emerge do tropeço e deste lugar enigmático que provoca o desejo e ofusca o eu. Porém, trata-se do desejo de fazer-se olhar, de dar-a-ver, onde o desejo do sujeito cai em favorecimento ao Outro.

5.1.1.2.1 Srta. H: entre o olhar e o ver

Nas falas da Srta. H o mirar-se no espelho e na fotografia aparece como um elemento importante da Morbidez. Ao ser interrogada sobre o que lhe parecia ocorrer que a fazia engordar aproximadamente dez quilos por mês, responde:

*Eu acho que... que... eu comia bem, eu... hã.. **nunca fui de me olhar no espelho...***

O espelho aparece nas falas da Srta. H como uma evitação de um confronto com a diferença sexual.

Continua...

*Eu só **olho para minha cara...** tu acha que eu olho pro resto? Muito raramente... me dá uma depressão...*

Ao ser interrogada sobre o que vê no espelho diz:

*Eu vejo uma gorda, vejo uma bolacha, fico muito indignada! **Eu não me olho muito no espelho... eu não gosto...** É estranho sabe... quando eu vou tirar minha sombrancelha... eu pego um espelho pequenininho e só olho para a sombrancelha e **não olho pro resto...** se eu vou tirar uma espinha, eu vou e olho só pra espinha, não olho assim o todo, eu **olho só o que tem que olhar ... é bem estranho...** eu **tenho problemas com o espelho...** mas eu não me acho feia, eu acho que se eu fosse magra eu ia ser bonita, mas eu não consigo me aceitar, **eu não consigo ser uma gorda que se aceita**, sabe...*

Srta. H diante do espelho, o que se passa ali? Estas falas são pronunciadas com um tom de muita angústia e indignação, como se houvesse sempre uma surpresa e um susto a cada encontro com o espelho. O que trás tanto horror, o que está colocado em jogo?

Ao mirar-se no espelho o que o sujeito vê? Diz Dolto (1991) que é a imagem desse no espelho, não a própria pessoa. Porém, ao ver-se no espelho, quem vê é o eu. Enxerga-se no espelho através do eu. O eu é feito de imagens, pura imagem, assim o eu se enxerga no espelho, ele está no espelho, são de fato uma continuidade. “O eu não percebe imagens quaisquer, percebe apenas aquelas em que se reconhece. Ou seja, o eu percebe imagens pregnantas, imagens que de longe ou perto, reflitam o que ele é essencialmente”. (NAZIO, 1995, p. 21)

Qual é o susto da Srta. H?

Nessas falas aparece o conflito com a alteridade. Há um imperativo super egóico, um ordenamento que só permite se olhar em pedaços, pois há um outro de si no espelho, um estranho que por ser tão familiar provoca angústia.

Segundo Pereira, “se for possível sustentar que todo afeto pode ser transformado pelo recalque em angústia, então, entre as formas da angústia deve haver as que indicam que o angustiante é relativo a algo recalcado que retorna. Essa forma da angústia seria o estranho.” (2004, p. 37)

A angústia é o único afeto realmente considerado relevante para a psicanálise. Para Freud (1980) a angústia é sinal de um perigo interno ou externo que vem alertar o sujeito. Mais precisamente se origina como um afeto que diz respeito à separação entre o bebê e a mãe, num outro momento tornando-se angústia de castração frente ao medo de perder o falo, isto é, a angústia para Freud está relacionada à perda de um objeto amado. Para Lacan (2004), a angústia se constitui como falta da falta. Situa-se frente à posição do sujeito frente ao Outro. É a falta da falta, isto é, falta ao sujeito à condição de se tornar um sujeito desejante, o espaço para desejar. O Outro se torna onipresente, nada deixa faltar ao sujeito, ali onde o objeto *a* faria valer como causa de desejo na constituição do sujeito desejante, algo sempre vem a preencher esse buraco. Nesta operação que enlaça o registro do simbólico ao do real, faz surgir no imaginário o fantasma, retorno do recalcado, que surge para a Srta. H no espelho como a imagem de um *Unheimlich* (FREUD, 1970) que a apavora.

Retornando a uma fala anterior.

[...] eu não consigo ser uma gorda que se aceita, sabe... assim..., de ter vaidade, sempre fui meia largada, eu costumo dizer que a impressão que eu tenho que um dia acordei e tava com 200 quilos... sabe, porque eu não me pesava mais e quando então eu vi eu tava maior e eu sempre usei roupa assim e essas roupas engordam contigo e tu não nota, né... A minha mãe olhava para mim: “nossa” e dizia: “tu engordou!”, “bem capaz que eu engordei” Então, quando eu notava que tinha engordado, eu tinha engordado 10 quilos, 20 quilos, eu ia me pesar e via... bah eu engordei mesmo... !

A possibilidade do olhar se constituía para ela a partir de indicadores numéricos pela balança e não pela imagem no espelho ou pelo olhar do Outro/outro. Isto é, o registro do real entrelaçado ao simbólico fazia o efeito de realidade.

Srta. H continua...

Mas o que fazia... ? Eu tenho um monte de problemas, assim, eu tenho problema de tireóide (mesmo controlando o problema da tireóide continuava engordando), eu tenho problema de ovário policístico, a família toda de gordo, aí eu saí do J. [escola] eu fiquei trabalhando com o pai em casa, aí eu não saía mais na rua...

“Não saía mais na rua”, esse instante de sua fala, como quando se refere ao “tempo perdido”, aponta para uma posição de Morbidez, pois quanto mais engordava, mais terrível se tornava o encontro com o olhar do Outro/outro. Encontro esse que denunciava seu lugar de objeto para o Outro, paradoxalmente, tão terrível quanto o deparar-se com a castração. Nesse sentido, como já foi trabalhado acima, a Obesidade faz uma função de apagamento da sexualidade na medida em que o sujeito também busca se excluir das relações sociais extra-familiares, evitando o confronto com o olhar do semelhante, do outro como espelho. “O eu se alimenta de imagens gestantes, vive de imagens gestantes, esse é seu alimento, é o que o compõe constantemente.” (NAZIO, 1995, p. 27)

Srta. H ao não sair na rua e evitar o olhar do semelhante, evita também a comparação e o sentimento de angústia, nutre um sentimento de vergonha do seu corpo e da diferença, não se sente à altura do ideal imaginário correspondente ao Eu-ideal, nem mesmo ao ideal-de-Eu. O engendramento entre culpa e vergonha⁶¹ provocado pelo ideal-de-Eu leva o sujeito à

⁶¹A vergonha, segundo a definição de Spinoza, “é uma tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos ser desaprovada pelos outros.” (2008, p. 251) Para Habib, “a vergonha é um peso brutal. Em toda sua força ela pode paralisar [...]” (2003, p. 432) Este autor associa vergonha e pudor como emoções aparentadas, “ambas reagem a uma reprovação exterior, hipotética ou real”. (Id., Ibid., p. 432)

inibição e ao recolhimento daquilo que lhe é mais íntimo, aquilo que o olhar do Outro revela no corpo do sujeito.

“Com relação ao semelhante: o eu ideal é a relação do eu com a imagem pregnant, que não apenas pressupõe uma relação de concordância de ajuste, de reconhecimento, mas que é também uma relação em que se está numa espécie de espera. O eu tem um ideal imaginário com o qual se compara; [...]” (NAZIO, 1995, p. 27-28) É na comparação do eu que surge, a partir do olhar do outro, uma imagem de si e que fica insuportável se sustentar enquanto sujeito. Um eu muito diferente do Eu-ideal que se constituiu a partir do olhar do Outro e com o qual nenhuma imagem que se produz para ela se faz valer.

Freud (2004) distingue e conceitualiza as noções de “Eu-ideal” e “ideal-de-Eu” no texto de 1915, no qual introduz mais claramente o conceito de narcisismo. Refere Freud que uma parte do conceito sobre si mesmo se origina no narcisismo infantil. O eu do sujeito está investido de uma libido narcísica proveniente do narcisismo dos pais. “O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude.” (p. 112)

Assim é o Eu-ideal, uma instância psíquica que filtra as imagens segundo esta formação construída de si mesmo no início da vida do sujeito, lá onde se dá a constituição do eu. Lacan trabalha com essa noção a partir do estágio do espelho onde demonstra a transformação produzida no sujeito desde a assunção de uma imagem.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Essa forma, aliás mais deveria ser designada por [eu]-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele

tenha que resolver, na condição de *[eu]*, sua discordância de sua própria realidade. (LACAN, 1998, p. 97-98)

Assim, o eu está sempre confrontado com essa instância, com o Eu-ideal, “quando não me sinto bem olhando-me no espelho, é em relação a um modelo ideal, o ideal imaginário [...]” (NAZIO, 1995, p. 24) Esse modelo formatado lá no discurso do Outro primordial do bebê na posição de falo imaginário⁶², *his majesty*, representante do desejo dos pais, é em sua perfeição um indicador de suas expectativas. “O eu ideal é a dimensão esperada do eu, de se reconhecer como ele esperaria reconhecer-se”, continua Nazio.

Para haver esse reconhecimento é necessário que o eu esteja articulado a uma estrutura simbólica, o ideal-de-Eu. Isto é, “nós nos definimos por intermédio da lei. [...] é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário.” (LACAN, 1986, p. 165)

Com a entrada de um terceiro elemento que se entreponha entre a mãe e seu bebê, a criança sofre uma perda. Percebe o seu lugar de majestade abalado. É neste vazio que se instaura no “sujeitinho” um ideal. Baseado em identificações secundárias, esse “sujeitinho” agora formula um ideal para o eu buscando reencontrar a satisfação perdida. Esse ideal interiorizado pela identificação ao discurso parental, recebe do Outro a lei e um modelo para si. O eu submete-se às exigências de um ideal social. “A instauração da consciência moral nada mais foi, em essência, do que a incorporação primeiro, da crítica parental e, depois da crítica da sociedade.” (FREUD, 2004, p. 114)

Em seu texto de 1923, “O Eu e o Isso”, Freud completa: “O ideal-do-Eu, portanto é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do isso. Erigindo esse Ideal-do-Eu, o

⁶² Falo imaginário, segundo Lacan, refere-se à representação psíquica do pênis, guardando ainda certa semelhança entre ambos. Nesse sentido que se realiza a angústia de castração, pois mesmo enquanto representação, a criança observa a presença e a ausência do pênis na relação com o falo.

eu dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao isso.” (1970, p. 303) (tradução nossa)⁶³

O ideal-de-Eu, segundo Lacan, “comanda o jogo de relações de que depende toda relação a outrem”. (1986, p. 165) Assim, escutando a Srta. H na fala a seguir percebe-se o desdobramento dos ideais em relação ao ver e ao olhar diante do espelho e da fotografia.

Na realidade, quando eu olho no espelho eu não me acho tão gorda como, como eu me acho quando eu vejo foto. Quando eu vejo foto, assim ó, eu entro em depressão... por isso que eu nem tiro foto. Eu procurei, procurei uma foto lá em casa... eu não acho foto que apareço de corpo... Então, quando eu me olho no espelho me vejo gorda, eu acho normal, só que quando eu vejo foto eu me apavoro!!! Tipo assim agora depois da cirurgia... dois meses foi aniversário do meu afilhado, aí eu tirei uma foto com ele, aí veio a minha comadre e disse: “ gurria como tu tá magra, tu emagreceu muito... todo mundo se apavorou, aí eu: bah que legal... quando eu vi a foto... eu disse, eu disse: “eu não acredito nisso, o que tem de magra aqui? Aí eu fiquei dois dias... ai que ódio... porque eu me via no espelho mais magra, sabe? Quando eu ouvi aquilo eu pensei devo tá um palito na foto, quando olhei a foto, quase rasguei em 500 partes e joguei fora, né! Ai, que raiva! E ela: ai, tu não enxerga? Não, eu não enxergo, eu tô enxergando uma gorda inchada, obesa, elas ficam indignadas, mas é o que eu tô vendo, é o que eu tô vendo ali...

Ao ser questionada sobre como se enxergava naquele momento, após perder 50 quilos, responde:

Eu me enxergo gorda, mas na foto parece muito mais gorda... é muito estranho ...eu me acho muito mais bonita..., eu não me acho bonita, mas me acho muito melhor me olhando no espelho do que em foto...

Dir-se-ia, seguindo o trabalho de Nazio (1995) sobre o olhar em psicanálise desde Lacan, que há ainda uma outra diferença a marcar e que explica a razão sobre a reação diferente que o sujeito tem diante do espelho e diante da fotografia. Esta razão se explica desde a diferença que Nazio faz com base nos ensinamentos de Lacan entre o ver e o olhar.

“[...], o eu não percebe indistintamente uma imagem qualquer, mas seleciona apenas aquelas em que se reconhece, e, ao se reconhecer, tem o prazer ou o desprazer de se amar ou se odiar, isto é, de criar sentido. E por esta razão que ver – não olhar, ver - é sinônimo de prever, de imaginar o que se espera; ver é sempre esperar aquilo que se vai ver, porque se trata de

⁶³ Este trecho da obra em Alemão de Freud de 1970 também foi traduzido informalmente por Hans-Ulrich Kaup, bibliotecário do Instituto Goethe de Porto Alegre e Denise Mairesse em 2008.

algo que se relaciona com o reconhecimento, e assim, nunca há surpresa no ver.” (NAZIO, 1985, p. 30-31)

Trata-se aí de encontrar na imagem, a própria imagem, a imagem produzida desde o Eu-ideal. Quando o sujeito se vê no espelho quem vê é o eu. O eu que se vê através do Outro primordial. “Ver vai de nós para a coisa [...] da imagem fálica que está em nós para a imagem da coisa”. (NAZIO, 1985, p.32)

Quando a Srta. H refere que: “quando eu olho no espelho eu não me acho tão gorda” e “eu me via no espelho mais magra” seu eu desconhece que o que sustenta essa imagem é um gozo que dá a essa sua consistência. Gozo produzido a partir de sua posição de falo imaginário para o Outro primordial. O movimento diante do espelho para a Srta. H possibilita ao eu encontrar com seu Eu-ideal, pois ali o olhar não é capturado necessariamente. Diferente, por exemplo, de quando o sujeito passa por um espelho e é capturado pelo olhar, nesse instante algo dessa imagem do espelho olha o sujeito, como na fotografia, um ponto específico dessa imagem grita como chamando o sujeito e apontando: olha isso! Assim, tanto no espelho quanto na fotografia pode haver o encontro com o olhar do Outro.

Barthes chama a esse efeito *punctum*.

[...] é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à idéia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas são precisamente pontos. A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei, então, de *punctum*; [...] O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” (BARTHES, 1984, p. 46)

Diferente do ver, o olhar implica o deslumbramento, uma imagem deslumbrante (NAZIO, 1985), um foco de luz emerge da figura que nos captura, provocando o ato de olhar. O olhar não vem do eu, mas do Outro, é um ato inconsciente “traçado nas dimensões simbólicas e reais das pulsões inconscientes e, não mais no imaginário do eu.” (NAZIO, 1985, p. 33)

No campo escópico, tudo se articula entre dois termos que funcionam de maneira antinômica – do lado das coisas há o olhar, quer dizer, as coisas têm a ver comigo, elas me olham, e contudo eu as vejo. Neste sentido é que é preciso entender a palavra martelada no Evangelho – Eles têm olhos para não ver. Para não ver o quê? – justamente que as coisas têm a ver com eles, que elas os olham. (LACAN, 1998, p. 106)

O olhar, enquanto objeto *a*, implica o sujeito diante da imagem. Dá o tom da imagem, reveste o sujeito de desejo. E, neste sentido, que se realiza a paixão, seja pelo outro, por um quadro ou por sua própria imagem como no mito de Narciso. O *punctum* da imagem “salta aos olhos”. Imagem que fascina ou aterroriza como a da fotografia para Srta. H, imagem fálica que ofusca e pulveriza o eu, tornando-o cego e suscitando o gozo no sujeito.

“O gozo escópico, a *shaulust* que esta pulsão proporciona, é o gozo dos espetáculos, mas traz também ao ser desvelado, o objeto, o horror, pois o olhar não pode ver senão ao preço do desaparecimento do sujeito, pois toda pulsão é, também, pulsão de morte.” (QUINET, 2002, p. 11) Na fotografia, no caso da Srta. H, o olhar surge como objeto de angústia. Nessa imagem esse se faz presente quando ela olha o seu corpo desde o ponto de vista do outro. Algo é capturado nessa imagem registrada pelo olhar do outro (o fotógrafo) que diz respeito ao real, algo da verdade do sujeito a toca, o corpo é descoberto pelo véu que o encobria desde o eu. Faz-se faltar a falta. Por isso se trata de um gozo mortífero, um gozo na ordem do confronto com a morte, onde nada falta, tudo é completude. “[...] ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba, o *Tal* (tal foto, e não a Foto), em suma a *Tique*, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável” (BARTHES, 1984, p. 13)

Trata-se aí, também, do sentimento de vergonha que provoca a falta de pudor. O pudor, também compreendido como recato (HABIB, 2003), falta na revelação. O corpo ao ser olhado revela um corpo “nú” do ponto de vista do ideal-de-Eu. Um corpo submetido à vergonha, pois nú diante das exigências do Outro, um corpo que não corresponde aos ideais de beleza e por isso revelador da vergonha. A vergonha tratada aqui, além do seu significado filosófico, segundo Freud, inaugura este pensamento como a exposição do ser enquanto castrado. Porém, castrado em quê? Se justamente o que o corpo da Srta. H tenta configurar é o apagamento desta falta?

A vergonha, na contemporaneidade também acontece pela não conformidade ao modelo ideal de beleza. Este modelo seria a referência fálica. Homens e, ainda, predominantemente mulheres, evitam o confronto e a exposição de um corpo marcado pela falta, mas não a falta do pênis e, sim do falo, representado pelos ideais. Assim, ao não se perceber objeto de desejo para este Outro da cultura, excluem-se de vários modos, por exemplo, enclausurando-se em mundos virtuais, usando drogas que diminuem o sofrimento causado pela não conformidade fálica. “É a pulsão escópica que confere o caráter de beleza ao objeto desejado do mundo sensível e permite que o sujeito o “toque com os olhos” e o desnude com o olhar.” (Quinet, 2002, p. 11) Assim a Srta. H percebe o corpo ideal: “Magrinha como a Moni”. Amiga pela qual ela sustenta um olhar de deslumbre, padrão de beleza e referente ao ideal do Outro. Corpo-objeto desejado.

Portanto, a fotografia não se resume a um signo, certifica a existência, porém não a realidade. A imagem produzida, o resultado, passa em primeiro lugar, além do dispositivo mecânico, químico ou digital, pelo “gesto do olhar” (DUBOIS, 2003). E a autora desta tese complementa: gesto do olhar de quem captura a imagem e de quem é capturado pela imagem. Isto é, do fotógrafo, bem como do observador. Assim se realiza em um acontecimento⁶⁴ a imagem fotográfica.

A fotografia, enquanto estática, não permite o movimento da imagem conforme a vontade do Eu como no espelho, ela está ali congelada, um instante capturado para sempre e prova da realidade da existência do sujeito naquele momento. Segundo Barthes, “certificado de presença” e, ao mesmo tempo, “o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade”. (1984, p. 25) A fotografia, no caso da Srta. H, é uma prova de sua transgressão aos ideais-do-Eu. Por isso, ela a olha e se pune com o maior grau de severidade gerando culpa e horror. “[...] o objeto *a* é uma causalidade fora do sujeito (o qual se confunde com a própria coisa), afetado por ele como desejo ou ainda como angústia.” (Quinet, 2002, p. 60) Angústia que guarda o gozo do olhar enquanto *genuss* (Quinet, 2002), o gozo que se encontra do lado do desprazer provocado por este ideal mortífero e “causa-dor” da Morbidez. “[...] sou eu que não coincido jamais com minha imagem; pois a imagem é

⁶⁴ “O acontecimento, segundo Gilles Deleuze (1997), corresponde ao inusitado absoluto, àquilo que inesperadamente se impõe sobre todas as outras formas e que transforma toda uma Ecologia Cognitiva dos modos de subjetivação e apreensão dos objetos/mundo. O acontecimento fala por si e rompe com todas as certezas e evidências do que parece mais sagrado. Neste sentido, o acontecimento rompe com a linearidade do tempo, funda um tempo outro onde presente, passado e futuro coexistem.” (MAIRESSE, 2000, p. 3)

pesada, imóvel obstinada [...] ah se ao menos a Fotografia pudesse me dar um corpo neutro anatômico, um corpo que nada signifique! Infelizmente, estou condenado pela fotografia [...].” (Barthes, 1984, p. 24)

Condenação existente também no encontro com a morte presente na imagem fotográfica. Didi-Huberman (1998) ao discutir a forma e a intensidade em seu livro “O Que Vemos, o Que nos Olha” refere-se à apreensão da forma desde sua implicação metapsicológica onde essa só pode ser capturada desde um processo de perda. “...apreendida entre o luto o desejo.” (p. 227) Esse encontro se realiza desde o próprio ato fotográfico, “há um não sabido que retroage ao gesto de fotografar” (MOSENA, 2008, p. 147) Algo ali se perde entre o que se pretendia capturar da imagem, o que se obteve do que se queria e o resultado. “[...] o olho jamais vê aquilo que está fotografando.” (DUBOIS, 2003, p. 312) Há uma séria de mortes que se constituem nesse ato. Desde aquilo que se faz ausente na imagem, bem como do que ali se apresenta como forma. Isso do que resta do ato na forma da imagem, não mais existe. A imagem fotográfica sempre comporta uma temporalidade onde se entrelaçam passado e presente. Presentifica algo que não mais está aí. O sujeito, a paisagem fotografada já é outra, se transformou, algo do sujeito, da paisagem morreu.

Da cena, do referente, do objeto, do tema fotografado, tudo o que temos na imagem é um vestígio. De modo geral podemos dizer que o objeto fotografado, no instante mesmo do clique, é capturado como imagem e já não existe senão na fotografia. [...] só permanece o que já morreu. [...] só podemos ter um registro daquilo que não é mais. A imagem fotográfica joga com essa duplicidade: confere permanência e atesta a efemeridade. Morte e recordação. Perda e registro. Atesta a finitude e garante uma certa perenidade. Joga nesse campo de morte e eternidade. (MOSENA, 2008, p. 123)

O sujeito ao se olhar em uma fotografia reencontra com algo do passado e com sua condição de finitude, trágica. Há sempre um luto nesse encontro. A imagem formada para o sujeito, porém, é uma produção também do presente. Passado e presente se imiscuem construindo uma nova imagem. Essa formação se dá no entrecruzamento do eu que vê e do Outro que olha. Uma formação do inconsciente como a dos sonhos, por exemplo. Uma imagem singular, única que só existe para este sujeito e que no encontro com a morte pode fazer advir tanto a melancolia como a angústia, ou mesmo disparar um processo de diferença. Essa imagem, em seu valor de alteridade, pode produzir um corte no sujeito, realizar-se como

“imagem-furo”⁶⁵, esgarçando todo o sentido de identidade e compondo uma nova rede de identificações. A partir dessa quebra, desse rompimento com o significado desvela o significante presente na imagem remetendo o sujeito a outras formas de ser, outras possibilidades.

No caso da Srta H, deparar-se com uma fotografia de si provoca ainda um encontro com a morte do eu, desse Eu-ideal que a convoca em um outro lugar que não o que a imagem lhe revela. Várias mortes estão aí implicadas causando a dor de não ser. Está presentificado na imagem o que o gesto do olhar do fotógrafo capturou. O que inclui tudo que ela nega, o que a sufoca e o que, ao mesmo tempo, não consegue sozinha ressignificar. “... é o lugar do que ‘suscita a angústia em geral’; é o lugar onde o que vemos aponta para além do princípio do prazer; é o lugar onde ver é perder, e onde o objeto da perda sem recurso nos olha.” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 227)

5.1.1.3 Entre o Ver, o Olhar e o Comer

Percebe-se em falas acima da Srta. H, onde ela diz: “não me olho muito no espelho... eu não gosto...”, um desejo de olhar presente na negação, de sair do lugar de objeto para o Outro e se constituir como sujeito.

[...] o problema dos gordo é o olho, quase todo mundo come por olho, ninguém come por...fome, sabe, e eu acho que quando eu ouço assim que vão fazer cirurgia, eu falo pra todo mundo: fome tu não tem, mas cuida o teu olho, trata o teu olho, o problema é a vontade sabe...

Nesse sentido, pode-se pensar que a Srta. H se refere a um olhar cego, “olho” que não pode ver, tratar o “olho” para poder se enxergar.

[...] quando eu cheguei no L., a primeira coisa que eu falei foi: olha, eu não consigo ser feliz sem comer...

⁶⁵ Conceito de Tania Rivera que remete à idéia de um desdobramento do imaginário em “imagem-muro” e “imagem-furo”. Imagem que “lança o sujeito no espaço real que é imprevisível e mutante [...]” Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200004&lng=en&nrm=iso>.

Quando a Srta. H vai buscar um tratamento psicoterápico (após a cirurgia) ela pede: “Olha!” Demanda que o Outro marque uma diferença, aponte uma falta que a permita se constituir como sujeito de um desejo e lhe tire da condição de angústia.

*[...] e eu jurei pra mim que depois que eu fizesse a cirurgia não ia cá uma **lágrima, uma gota de lágrima do meu olho...***

Interroga-se: estaria a cirurgia ou a decisão por fazer um corte na condição de Morbidez, no lugar de uma saída para a Srta. H? Uma saída desta imagem que a aterroriza e a angustia, seja pela sua não conformidade aos ideais, seja por não conseguir ainda se ver “inteira” no olhar do Outro. A referência ao se olhar em pedaços parece que faz uma alusão ao terror do que pode encontrar, seja a diferença, bem como a falta desta. Parece que tanto Freud quanto Lacan remetem a conceitos de angústia que evocam a reflexão sobre esta “lágrima do meu olho”.

6 MORBIDEZ NA OBESIDADE: uma condição de vacilação ao trágico?

Prossegue-se, neste capítulo, analisando o caso da Srta. H referente à interrogação sobre sua posição diante do trágico. Até então, este estudo de caso veio representar a discussão sobre a condição de Morbidez na Obesidade. Porém, interroga-se se, a exemplo de Hamlet, peça a ser trabalhada a seguir, não há também nesse caso uma reviravolta, um corte radical que confronta este sujeito (a Srta. H) na condição de Morbidez com a falta, com a castração via limitação do corpo e das funções vitais. Perdas que o deparam com a falta no Outro, que até então significava para ele um lugar de garantia.

*“[...] eu não tava conseguindo mais dormir, eu dormia sentada, eu não cabia mais no box lá de casa, eu não conseguia mais ir no banheiro, me limpar direito, não conseguia fazer praticamente nada... sabe, então... eu ia no banheiro me matava chorando que eu não conseguia me limpar, aí eu tomava banho sentada porque eu não cabia no box, aí eu dormia sentada porque eu não conseguia deitar, me dava falta de ar, então... se eu ficar... bom... bem para conseguir pelo menos... não tava mais pensando tanto na estética, tava pensando mais na... mais na... **desgraça** que eu tava passando mesmo, sabe... aí... foi assim...*

Srta. H diz que por estética também faria a cirurgia bariátrica, mas expressa este enunciado de forma denegatória.

*Não, eu faria... com certeza eu faria... mais no final, assim, o que tava me pesando mais mesmo, foi o negócio de não tá... não tá aguentando mais mesmo, sabe... de tá **estourando** assim, de tomá remédio **de pressão**... se eu não tomava... eu tomando a minha pressão era 15 por 12, eu não aguentava mais...*

Diante desta condição, interroga-se: a Srta. H, ao deparar-se com a privação no real do corpo, imposta pela sua limitação e desmanche de uma imagem de sujeito, não dá um primeiro passo para além do narcisismo que a atrela à posição de objeto?

Observa-se nas falas da Srta. H, transcritas abaixo, uma proximidade a entrada em uma dimensão trágica na escolha pela cirurgia bariátrica. A Srta. H “sabia” que não morreria, estava convicta, apesar dos altos riscos dessa intervenção. Ela entra neste novo campo assumindo os riscos de seu ato. Mesmo que não se compare a Antígona, no sentido em que essa se posiciona contra uma lei que a levaria garantidamente à morte por decidir pelo ato de dar as honras fúnebres ao irmão, a Srta. H lembra o seu brilho no ato de decisão, na força e

certeza pela sua escolha. Uma escolha na ordem do desejo, momento de satisfação e plenitude pela realização de seu destino. Ao mesmo tempo em que a cirurgia pode representar a morte real, a coloca na via da liberdade ao lhe possibilitar ser sujeito. É o entre-duas-mortes que se vislumbra aqui sob determinado ponto de vista, mesmo que a morte real fosse só uma possibilidade. A segunda morte surge para Srta. H no momento em que essa passa a viver quase “desumanizada”, como uma “coisa” diante da situação que seu corpo lhe impõe. E é no campo cirúrgico que, supõe-se, ela poderia estar fazendo uma entrada para o entre-duas-mortes, para a zona de risco. Recordar-se que a Srta. H fez o procedimento cirúrgico quando os riscos de morte eram muito maiores que os atuais.

Conta sobre o quanto queria fazer a cirurgia.

Sabe, tanto assim uma... eu nunca me senti daquele jeito na minha vida, assim... plena! Sabe, eu tava assim, parecia que eu tava anestesiada, sei lá... eu lembro quando eu me entrei no bloco, a sala é redonda... eu não conseguia parar de rir, eu tava assim, eu não acredito que eu tô aqui... sabe, assim... Eu me lembro que o anestesista veio por cima de mim, a minha barriga tremia de tanto que eu ria, eu não sabia se eu ria ou se eu chorava, se ele chegasse “olha não tem anestesia vamos te abrir assim”, eu dizia “abre que não dá nada”, sabe? Então, eu me lembro que eu tava... tinha certeza que não ia acontecer nada, tinha certeza que eu não ia morrer, eu tinha... nem pensei nisso na realidade... sabe, eu tava convicta daquilo, era aquilo e deu! Ou era aquilo ou era a morte pra mim!

Observa-se aí uma escolha, ela está “convicta”. Um momento de catarse, expresso pelos risos e tremores. A Srta. H não teme a morte, a morte do sujeito estava dada antes, a vida já não era suportável.

Percebe-se, ainda, uma obstinação em realizar outra história. A plenitude sentida frente ao corte remete a se pensar sobre uma reviravolta no destino da Srta. H. Ela teria chegado a um extremo, no limite de sua condição de Morbidez? Questiona-se: algo teria sido operado simbolicamente de modo a fazê-la enfrentar os riscos e assumir seu desejo? No caso, desejo de vida! Haveria uma ação em direção ao desejo, uma ação que se assemelhe à ação trágica considerando os riscos da cirurgia e a desistência de uma posição imaginariamente segura e protegida frente à completude do Outro, mesmo que o seu desejo não se configure como o de Antígona, segundo Lacan (1997) “desejo de morte”? Segurança essa que teria falhado e deixado um vazio onde o luto dessa posição se fez possível?

A experiência analítica faz essa transfiguração para o sujeito através do acesso ao desejo pelo significante. É na experiência através da fala que é possível desconstruir o significado e possibilitar uma ruptura. A entrada no campo do trágico se dá quando não há mais uma instância que assegure, mesmo que ilusoriamente, o sentido e, isso se traduz em um momento de quebra, de enfrentamento e de riscos que possibilita uma outra posição para o sujeito no seu modo de subjetivar, quando esse em sofrimento busca o confronto com o significante, submetendo-se aos riscos desse enfrentamento.

Até este ponto, para a Srta. H, a condição de Morbidez poderia ter se realizado pela fragilidade do Nome-do-Pai, cuja palavra advinda desta função parece não ter tido um efeito capaz de realizar um corte que a sustentasse em outra posição. A Srta. H, talvez, venha a formular um apelo mais direto ao pai como função de corte, mas também de amparo, após a entrada em uma outra posição subjetiva⁶⁶. Conta, com indignação, sobre a falta de respostas vindas do pai, sobre sua atitude quieta. O Nome-do-Pai foi insuficiente para assegurá-la em uma posição desejante, apesar de tê-la inscrito nessa de alguma forma, de modo que a possibilitou realizar essa reviravolta e sua inserção no campo da linguagem de uma forma mais ativa. O modo de inscrever-se nesse campo foi o que a levou, num primeiro momento, não ao trágico, mas à Morbidez. Supõe-se que a proximidade com o trágico só se realiza no momento em que o Outro primordial se fragiliza, que ela se encontra desamparada em sua condição mórbida o quê, de alguma forma, faz efeito de um corte significativo que possibilita um giro em sua condição e possibilita que a Srta. H formule e vá em busca do seu desejo. Enfrenta os desafios e entra em uma zona de risco. Neste instante, lembra uma “heroína”, evoca a beleza com sua ação na entrada desta zona onde as mortes se enfrentam e se confrontam com a vida.

[...] aí, quando eu saí da sala cirurgia, na UTI eu não sentia nada, eu só sentia a boca muito seca, assim... quando eu fui pro quarto que eu comecei a sentir uma dor horrível, horrível, horrível assim de, bah, não sei te explicar a dor, não sei te dizer como é que era, acho que mais uma sensação do que dor, parecia que tava mexendo... bom, eu tava histérica, não sabia mais o que fazer! Aí o Dr ...quem sabe dando morfina, né... ...vamo dá morfina pra guria porque... chegou o anestesista...

*[...] Te subia um negócio... era horrível, horrível, **uma dor infernal desgraçada, duvido que dor de parto seja pior...***

⁶⁶ Tema que será visto a partir de uma nova entrevista realizada no decorrer destes escritos, justamente pela direção que a pesquisa foi tomando desde os estudos teóricos e a análise da primeira entrevista.

Dor de parto... dor de partir, dor de nascer... seria este momento uma alusão ao entre-duas-mortes de Lacan? De que dor se trata nesta posição entre mortes. A morte que a Srta. H fugia neste instante era aquela em vida que já a alcançava? A segunda morte, na qual morre o sujeito? Parece que desta ela padecia e no limite faz sua entrada no entre-duas-mortes, momento da cirurgia e do pós-cirúrgico. “Ou era aquilo ou era a morte pra mim!”

*Não sei te dizer a dor como é que era, aí ele veio e começou a me dar morfina, né, tava tomando dolantina, tava tomando morfina, tava tomando tudo... não tinha mais remédio...pra me dar... aí eu passei um dia assim, dos inferno, muito mal mesmo... aí depois, tá... foi passando, foi diminuindo, né... e eu pedi pra tirarem meus remédios, porque eu não queria ficar dopada, **queria saber o que tava acontecendo**, sabe... as gurias entravam: “ tu tá com dor? “ Eu tava com dor, mas dizia que não, “não, tô com dor, eu tô bem, tô ótima...”*

A Srta. H queria saber e, como Édipo, tomou em suas mãos o seu destino. Sabia o que havia sido realizado e demonstrava uma apropriação de seu corpo. Libertava-se da condição de falo para o Outro. Parece que aí entra em cena um outro gozo para ela.

Eles grampearam... foi a bariátrica, foi a de grampear... eles grampearam, eles desviaram o intestino e tiraram a minha vesícula...

A Srta. H exitou o quanto pôde, sustentando-se na condição de Morbidez. Será que, recordando “Hamlet”, havia nessa posição uma vacilação entre ser ou não ser? Justamente pela posição de Morbidez se dar como um vacilo, não completamente fora de uma relação com a função paterna. No caso da Srta. H se observa que haviam traços desse pai no lugar de uma metáfora, que mesmo não suficiente para fazer sua entrada no trágico, realizava uma função que a demandava sustentar esses traços a qualquer preço. Ou melhor, seguir naquela posição esperando por esta função. Função que deveria vir da palavra do pai, mas que resistia. Parece que por essa fragilidade do Nome-do-Pai que se constituía o vacilo, o sujeito oscila entre continuar ou não como falo do Outro, lugar de segurança e gozo sem restrições.

Em “Hamlet”, como em “Édipo”, o declínio do pai erige um enigma aterrorizante a cada personagem. Para o sujeito, é a queda de uma lei constituída para dar suporte e validade ao ser que cai e coloca em questão o que é esse ser: *to be or not to be?* O que é para “assegurar não assegura.” (MELLO, 2001, p. 65) Eis uma face para o trágico e outra para a Morbidez.

Na tragédia antiga o que é central e funciona como bem é a organização da cidade e o apelo à lei. Esta arte representa o drama que a condição daquele modo de organização em torno da lei e do Estado regia a vida dos sujeitos. Observa-se que na chamada modernidade, segundo Lacan (2002) e Mello (2001), é no momento em que o “pai” não mais assegura uma resposta frente ao apelo da razão que veio a se construir junto com as descobertas da ciência e queda do pai-deus da Idade média, isto é, o lugar ao céu já não se garante pela fé e devoção, o homem ergue sua estrutura de paraíso na vida na terra junto ao alcance do saber científico, que se desencadeia um processo de sofrimento e catarse onde o trágico se desvela na vida do sujeito.

E, ainda, segundo os mesmos autores, nos dias atuais, esta fragilidade faz apelo a outros sentidos, o do amor e o do sexual, que vêm a ser demandados para restaurar a “falta-a-ser”, condição necessária para o sujeito. O trágico se dá quando não há mais uma instância que assegure o sentido e isso se traduz em um momento de ruptura, de enfrentamento e de riscos que possibilita uma transfiguração para o sujeito no seu modo de subjetivar quando esse em sofrimento busca o confronto com o significante, submetendo-se aos riscos deste enfrentamento. “[...] a idéia de tragédia implica sempre a queda de um valor fundamental ao pensamento do seu tempo.” (MELLO, 2001, p. 159)

No Seminário sobre “O Desejo e sua Interpretação”, Lacan trabalha em Hamlet sua estrutura moderna do trágico. Hamlet é, a exemplo de Édipo, “vítima” do complexo de castração. Freud trabalha Hamlet pela primeira vez na *Traumdeutung*, texto de 1900, no capítulo que trata sobre o sonho com a morte de pessoas queridas, onde refere os sonhos típicos de homens que sonham ter relações sexuais com suas mães e aqueles nos quais o pai do sonhador está morto. Comenta Freud:

Outra das grandes criações da poesia trágica, o Hamlet de Shakespeare, tem suas raízes no mesmo solo que *Oedipus Rex*. Mas o tratamento modificado do mesmo material revela toda diferença na vida mental dessas duas épocas, bastante separadas, da civilização: o avanço secular do recalçamento na vida emocional da espécie humana. No *Oedipus*, a fantasia infantil imaginária que subjaz ao texto é abertamente exposta e realizada, como o seria num sonho. Em Hamlet ela permanece recalcada [...]. (FREUD, 1980, p. 259)

Lacan salienta aqui o caráter do desejo em Édipo e Hamlet. A tragédia de Édipo diz respeito ao desejo de saber, ele não sabe e insiste nesta busca. Em Hamlet, no entanto, o trágico surge, justamente, do lugar de quem sabe. O segredo sobre a morte do pai, lhe revelado pelo próprio fantasma desse, vem a lhe conferir um saber sobre seu desejo. Nesse momento começa a desgraça de Hamlet. Hesita em vingar a morte do pai, pois o traidor “lhe mostra os desejos recalçados de sua própria infância realizados”. (FREUD, 1980, p. 260) O efeito desse saber sobre Hamlet e a morte do pai faz de um possível luto uma recusa a esse furo que a morte faz no real. Lacan (1985), no Seminário livro 3 “As Psicoses”, trabalha a referência às perdas como o ponto de partida de uma psicose quando é a rejeição que opera no sujeito. Hamlet recua frente “ao peso deste saber terrificante: o saber que implica a evanescência do sujeito enquanto desejante.” (MELLO, 2001, p. 76) Esta é a questão que Hamlet apresenta com seu enunciado revelador: “Ser ou não ser”.

É o saber em torno do desejo que faz a tragédia antiga e a moderna se cruzarem e, ao mesmo tempo, se distanciarem. O desejo de saber de Édipo lhe leva a ação trágica, enquanto que em Hamlet o recalque sobre seu desejo lhe confere uma ação inibidora. Ação essa, também, característica do sujeito com Morbidez, uma hesitação frente ao desejo. Para Hamlet o drama edipiano está aberto no começo e por isso sua escolha se coloca entre “ser ou não ser” (LACAN, 2002).

“Hamlet, ele sabe que é culpado de ser, para ele é impossível ser. Antes de todo o início do drama de Hamlet, Hamlet conhece o crime de existir e é a partir desse começo que ele precisa escolher e para ele o problema de existir a partir desse começo se coloca nos termos que são os seus: ou seja o *‘to be or not to be’* [...]” (LACAN, 2002, p. 260-261)

O trágico em Hamlet, conforme Lacan (2002), só acontece no final da peça com a morte de Ofélia. Segundo Mello (2001), ainda seu próprio ferimento mortal o permitiu, então, atingir Claudius. Paradoxalmente, além do sentido do trágico como enfrentamento dos riscos que se observa na virada desta obra com a morte de Ofélia e seu próprio ferimento, onde Hamlet frente à perda do objeto reconstitui o seu desejo e consegue vingar o pai, temos, ainda, o sentido da tragédia moderna como a queda do sentido, como tragédia da subjetividade quando se “consuma a psicose”. Quando é a recusa que se põe a operar no lugar do luto pode ser também o ponto de partida de uma psicose. “Então podemos encontrar na experiência

psicótica uma manifestação contundente deste fracasso da subjetividade, no sentido de uma tragédia sem arte.” (MELLO, 2001, p. 104)

Na *Morbidez* o sujeito evita fazer este enfrentamento dos riscos de ser e, imaginariamente, não os sofre, pois ele está em um lugar protegido pelo Outro materno. É, principalmente, esse Outro que ainda serve de suporte e determina a sua posição subjetiva, mesmo que esse sujeito se encontre inserido na cultura. A ilusão de uma garantia proporcionada pelo Outro primordial, o apego a este semblante, reforça o atrelamento narcísico ao falo. O sujeito evita admitir a falta no Outro.

Hamlet faz o luto da morte do pai e de sua saída do lugar de falo para o Outro no momento em que se depara com a impossibilidade de ascensão ao objeto amado. Ofélia, morta, aciona em Hamlet seu desejo. “É na medida em que alguma coisa, \$, está aí numa certa relação com *a*, que se faz de repente esta identificação que lhe faz reencontrar pela primeira vez seu desejo em sua totalidade.” (LACAN, 2002, p. 285) Na medida em que falta o objeto ele se torna desejável, esse toma o valor essencial de significante desta impossibilidade.

Hamlet entra na dimensão do desejo e do trágico, enfrenta os riscos que seu desejo lhe impõe, enfrenta a morte e se depara com ela, fere e é ferido, mata e morre.

A psicanálise na experiência analítica não propõe o suicídio como recurso (LACAN, 1997), mas o enfrentamento do trágico, o movimento do sujeito ao seu desejo com todos os riscos dessa dimensão. Esse campo é o mais próximo de uma liberdade que o sujeito pode chegar. A satisfação e os ganhos pela assunção do desejo realizam o belo da vida.

Interroga-se: será que no estudo de caso em questão, as perdas que a Srta. H tinha pela sua condição, a cirurgia, o corte no real do corpo, poderiam também fazer função de um corte simbólico, introduzindo a Srta. H em uma nova dimensão na vida? Ou essa, apesar de todas as perdas e cortes teria feito uma passagem para outro modo ou o mesmo de *Morbidez*, recuperando a sua antiga posição de vacilação ao campo do trágico?

Estas interrogações encaminharam o trabalho a uma nova entrevista. Mesmo que o foco desta pesquisa se situe na investigação sobre a *Morbidez* e para esse a primeira entrevista

já teria trazido elementos que lhe dão sustentação, pensou-se ser importante compreender, ainda, a continuidade deste processo.

A Srta. H, cinco anos após a cirurgia e à primeira entrevista, chega para a terceira entrevista com uma hora de atraso, sem avisar sobre sua demora, do mesmo modo como ocorreu na segunda entrevista, em 2006. Neste momento, já se havia previsto esta possibilidade, deixando um tempo “a mais” para oportunizar uma nova escuta.

Na segunda entrevista⁶⁷, três anos após a cirurgia, a Srta. H chega trazida pela irmã mais velha. Nesta última e terceira entrevista, dois anos depois, vem com a sobrinha de aproximadamente sete anos. Abre a mochila e retira com desenvoltura um *notebook*, organizando um espaço para a sobrinha ficar se distraíndo na internet enquanto ela está na entrevista. Ao chegar chama a atenção pela sua apresentação: bem maquiada, vestida com uma calça social e uma blusa justa e com um decote protuberante. Estilo “mulher sensual e empresária de sucesso”.

Pede-se, então, que conte sobre sua vida.

Hoje, eu tô numa situação assim... não é angustiante, eu tô numa fase de... mudança, como eu te falei, eu trabalhava na “K” como promotora, ia fazer dois anos agora em Outubro e, agora, eu passei pra uma área de vendas que é outro tipo de... é outro mundo. É outro mundo, é outro salário, é outro chefe. Eu assumi uma área que é a região Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, coisa que eu nunca fiz, sabe, então, tá sendo bem... complicado, complicado no sentido que eu tô assim, ansiosa, com medo, porque eu tenho metas, eu tenho que mostrar serviço e a “Z” é uma empresa grande que confiou em mim, a seleção foi semana... faz um mês a seleção... e foi super difícil no sentido que... eu entrei num hotel, na sala de um hotel e tinham desesseis pessoas, quinze homens e eu, todos eram vendedores, na média de 30, 40, todos formados, todos trabalhando em [grandes empresas].

Recorda-se a Srta H, que na primeira entrevista ela havia contado que trabalhava com o pai.

Eu trabalhei com o meu pai até 2005, quando eu já tava magra que eu me operei, assim, eu fiz algumas plásticas, que eu já tava bem assim, quando eu já tinha coragem de sair de casa, fui trabalhar na “W” em telemarketing... foi o meu primeiro emprego porque eu queria brincar de trabalhar, né... porque eu queria ter carteira assinada, porque eu tinha 25 anos e nunca tinha... né. Fiquei três meses na “W”, eu era muito piá, eu achava aquilo uma festa, sabe, era uma beleza... de crachá, então, “aii um crachá!” Rsss. Todo mundo... ai, meu Deus, essa guria não pode ser fora do... normal! Aí eu tive que fazer uma cirurgia, acho que foi a do seio, foi umas cirurgias que eu tive

⁶⁷ A segunda entrevista, pelo motivo do atraso da Srta. H., teve a duração de pouco tempo e a gravação não se realizou, ainda, por falhas técnicas no aparelho utilizado.

que fazer, e eles disseram que não ficariam com pessoas que tinham problemas de saúde... olha que ignorância, né... Aí, eu, ah, então tá, pra mim tudo era festa, tá, então me manda embora, aí me demitiram, não sei se era braço... mas era plástica, ainda... Aí eu fiz a cirurgia e **fui trabalhar na concorrente [concorrente da gráfica do pai]** que é perto de casa... aí, eu fiquei trabalhando lá, até 2006. Eu entrei pra cobrir as férias do arte-finalista, que era o que eu fazia com o pai, né. Depois, eu cobri as férias da menina que fazia orçamento, depois eu cobri as férias do outro cara da... porque eu sabia fazer tudo na gráfica, né. Aí, quando todo mundo voltou de férias, “ah, fica aqui fazendo alguma coisa”, e eu fiquei, fiquei na recepção. Eu era o quebra-galho, sabe, quando tinha alguma coisa...

[...] **Aí surgiu uma vaga na... não sei se tu lembra da “Moni” que era [cargo], o marido dela é gestor da “K”, é brinquedo, Barbie, Fisher, Roth, Barbie... Aí, tinha o lançamento de uma boneca, uma boneca que fala 700 frases, e eles precisavam de uma demonstradora pra ficar uma semana só. Era uma semana que a pessoa ia ficar com a boneca no colo mostrando para as crianças. Aí, quem que vai ir? A “P” me conhecia e quem é que fala pelos cotovelos, né... já tava ajeitadinha, assim, já podia, no caso, me mostrar, uma coisa assim, demonstradora tem que ser magra, primeira coisa que me dizem que tem que ser magra. Aí eu fui, fui pra ficar uma semana. Aí, eu conheci o “J” como chefe, porque eu conhecia o “S”, marido da Moni. Aí, surgiu a vaga de temporária, e aí eu fiquei... até janeiro. Em março, eu fiquei de fixa na “K”, aí fiquei na “K”. Desde março de 2006. Aí surgiu essa proposta da “Z”, aí eu tô na “Z”.**

Eu pedi demissão. Lá eu era coordenadora das promotoras. Eu virei promotora fixa quando eu fui contratada e, em outubro passado, eu virei coordenadora.

A Srta. H. conta com entusiasmo sobre o trabalho, pergunta-se a ela se estava gostando.

Adoro, eu não tava, continuo. Adoro a “K”. Mas não tem pra onde crescer, não tem perspectiva nenhuma... Na “Z” sou só eu... quem responde pela região sou eu... Hoje na “Z” o meu salário fixo é 1900, na “K” era 3.500 de vendas; aí, na “Z” tu ganha premiação trimestral, que é outro salário, tu ganha telefone, tu ganha academia, tu ganha faculdade, carro, tu ganha tudo.

Observa-se, também, o entusiasmo pelos bens que são para ela objetos que a conectam como mundo fora de casa. Diz a Srta. H:

Eu tô fazendo Marketing... depois eu vou ter que fazer Gestão em Vendas... eu comecei no Marketing por causa da “K”. Na “K” eu trabalhava no trading, né. E o “B”, o meu chefe agora, já disse: “quando tu terminar o Marketing, tu vai fazer Gestão em Vendas.”

Conta que começou a dirigir em função do trabalho.

Dirijo, desde outubro de 2007. Foi muito bom! Eu tirei a carteira pra passar pra coordenadora, aí eu comprei o meu carro, tirei a carteira e passei pra coordenação. Eu ganhava “K-m” da “K”, eles não davam o carro, tu usava o teu carro, daí eu comprei um fuca e [...]. Na “K”, eu ganhava 700 pila, então... e na “Z” o salário é de 1900, só que de três em três meses, quando tu ganha premiação, se tu atingiu a meta, tu aumenta o teu salário, então, é super bom assim, o salário de vendas na “K” de início é 3.074... eu falei pro “J” eu vou pra “Z”, mas quando tiver vaga na “K” é minha, eu já ameaço ele...

Estas falas, do início da terceira entrevista, chamam a atenção pela relação de enfrentamento dos riscos, de uma entrada no campo do desejo via trabalho. Parece que esse faz uma função organizadora para Srta. H. Em nome do trabalho é permitido desejar. O trabalho aí surge como função de corte na sua condição de falo para o Outro. Ele demanda que ela se posicione como sujeito, faça escolhas.

Continua...

*[...] Aí ele foi embora e surgiu a vaga dele, e antes dele ir embora, ele pediu pra mim ficar no **lugar do “S” [ato falho]**. E aí juntou tudo, todo mundo achava que eu era uma bobalhona, que eu era muito criança... e ele não deixou e contratou outro cara no lugar... isso em janeiro...*

De - No lugar do “S”...

O quê?

De - Vamos abrir um parêntese: “ele pediu pra mim ficar no lugar do ‘S’ ”... O que te lembra isso, a primeira coisa que te vem à cabeça....

Nas vendas, eu queria muito, eu queria muito! Mas não o lugar do “S”, o lugar do “J”. Eu queria muito ter ficado.

O ato falho trazido nestas falas diz respeito ao desejo da Srta. H, desejo de ocupar o lugar do chefe, lugar nas vendas. A vaga aberta na empresa que a Srta. H trabalhava era de assistente de vendas, porém ela almejava o lugar de chefe. Posição que vai buscar em outra empresa.

Ainda sobre o desejo de estar na “K”.

*No início... [queria ficar na K] porque... eu adorei! Quando eu trabalhei de temporária, eu adorei, assim, eu achava o máximo, sabe, eu ia em loja, foi muito bom, porque era uma vida muito boa. Tu ia de loja em loja, tu arrumava o brinquedo, tu conhecia um monte de gente... eu me sentia uma boneca, no sentido de que eu parecia uma criança. Eu, aí que beleza, eu ia de “chiquinha”, eu, eu... tava no meu mundo, eu adorava, adorava! Eu queria, bah, entrar na “K”, pra mim, que nunca tinha tido um salário decente, ganhar, na época era 600 e poucos pila, era o máximo, né. Eu queria muito, queria muito mesmo. E eu não queria ter saído da “K”. Quando eu tava na entrevista da “Z” e a psicóloga me perguntou por que eu queria sair da “K”, ela me disse assim: “tu parece tão apaixonada, por que que tu quer sair?” **Eu olhei e disse pra ela: “quem te disse que eu quero sair?”** Aí ela me olhou, aí ela olhou para os 15 homens, todo mundo me olhou e ela: “o quê que tu tá fazendo aqui, então?” Eu disse: **“tô aqui porque o meu chefe me mandou, porque eu não quero sair da “K”, só que eu não tenho opção, ele falou que se eu não sair ele me manda embora.”***

A Srta. H faz valer a palavra do chefe como função paterna desde o lugar que esse ocupa em sua transferência⁶⁸.

Para Lacan (1992), tanto como para Freud, a transferência é um amor. No entanto, para Lacan esse amor acontece porque se acredita que a pessoa, alvo deste amor, detém algo precioso. Algo ou o objeto que um dia foi perdido e que, conseqüentemente, coloca o sujeito a vida inteira a sua procura. Lacan nomeia esse objeto como *agalma*, termo grego que significa objeto precioso ou caixa de jóias. O portador deste detém, assim, um saber precioso. O sujeito que o detém, desde o imaginário do outro, Lacan o denomina sujeito suposto saber. É na crença deste suposto saber no Outro, acreditando que ele tem algo de precioso, objeto que em seu brilho apreende e encanta que nasce o amor. E desse amor surge o poder. O poder de fazer valer sua palavra desde este lugar de sujeito suposto saber que ocupa.

Compreendendo a transferência desde Freud e Lacan, supõe-se que, na relação idealizada e de suposto saber que a Srta. H tem com o chefe, há uma substituição da imago paterna pela de “S”, deslocando para esse o atributo da autoridade paterna que ela busca no próprio pai. Assim, no lugar de transferência, a palavra do chefe tem poder e faz função de corte. Observa-se, ainda, nessas falas e a seguir, uma passagem de uma posição infantil, de menina a de mulher.

Continua...

Ela: “Ah, tá!” Risadas. Deve ter pensado: “é louca, coitada”. Eu queria muito ficar na “K”, mas eu quero voltar, aí depois que aconteceu isso tudo... eu me obriguei a mudar, eu mudei tudo, até meu jeito de se vestir eu tive que mudar. Eu não podia abraçar ninguém, porque o “J” dizia: “tu é muito dada, tem mania de abraçar todo mundo”. Tive que mudar tudo...

Ao se perguntar a ela como foi essa mudança, responde:

Agora, porque as pessoas não estavam acostumadas, no início foi muito difícil, eu tinha que passar para coordenadora, só que eu já tava com intuito de passar pra vendas, entendeu, aí eu tinha

⁶⁸ Freud inventa o conceito de transferência desde sua experiência clínica, onde começa a observar a posição em que ele, enquanto analista, passava a ocupar no discurso de seus pacientes. Manifestações de amor e ódio eram repetidas na relação médico-paciente. Para Freud haveria um deslocamento do afeto de uma representação para outra. Das imagos parentais para a pessoa do médico. “Que são transferências? São as novas edições, ou fac-símiles, dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade, [...]: substituem uma figura anterior pela figura do médico.” (1980, p. 113) Freud percebeu que a transferência ocorria, não só com a pessoa do médico, mas que, no entanto, havia uma repetição dos protótipos infantis na relação com outras pessoas e que em algumas essa era acentuada.

mudado, mas não tinha sido tão brusco o negócio. Aí eu comecei... ah, subiu à cabeça, ela tá antipática, ela tá metida. Aí, eu falei pras pessoas que [...] olha, o meu chefe tá exigindo isso, eu não posso ficar... né. Aí, agora, quando eu passei... [ato falho] quando eu perdi a minha vaga na “K” foi assim o que podia ter acontecido de... Porque quando ele contratou esse cara, aí a gente passou um mês juntos, aí eu tava de férias, aí eu passei seis dias no Rio...

Na saída do “J”, a Srta. H não é promovida como o esperado. Assim, segue para outra empresa para o cargo que realmente desejava, nas Vendas, como chefe. Observa-se aí, também, a realização de uma viagem. Uma viagem que sonhava e que sua entrada para o campo do trabalho e as rupturas e enfrentamentos demandados por esse ocasionaram um efeito de corte, uma operação que a Srta. H conseguiu realizar, lhe conferiram novas possibilidades.

Conta que foi com uma amiga.

Com a “V”, uma amiga minha, foi muito bom! A gente comprou aquelas passagens baratas e foi só nós duas, não tinha pacote, não tinha nada. Foi muito bom! [...]Eu adorei tudo!

Srta. H demonstra estar buscando corajosamente o seu destino. Mesmo em momentos de vacilação, observa-se uma atitude de enfrentamento.

O “J” me achava linda, ele era uma pessoa que me botava muito pra cima, sabe... ele dizia que eu era chata mesmo, que eu era grudenta que eu não dava espaço pra ele, que eu era criança, esse tipo de coisa...

Ainda, na relação com os outros persiste, repete-se algo de sua posição na relação com o Outro primordial, a necessidade do outro como Outro materno, parte de si, assegurando um lugar colado ao Outro que fizesse semblante à posição de objeto.

Continua...

*Eu cobrava muita coisa dele, sabe... tipo assim: “Eu quero te ver”. “Hoje não dá.” “Como assim, não dá? Não, eu quero ter ver porque não sei o quê...” **Eu sou um grude, sabe, eu quero que uma pessoa goste de mim!***

“Grude” para Srta. H parece ter o significado de amar. Para o bebê, a idéia de amor é construída e compreendida a partir da presença e atenção da mãe. É como falo da mãe que o bebê se realiza nesse amor.

Continua...

Eu sou muito grudenta com tudo...

Hoje,[com] a “V” essa minha amiga. Eu não consigo almoçar sozinha, eu não consigo fazer nada sozinha. Quando eu passei pra “Z” agora, eu passei, faz três sextas-feiras que eu passei pra noite sozinha, tu acredita? Como eu sei que eu vou ter que passar um tempão sozinha, eu tô treinando...

Neste momento, novamente, aparece o trabalho lhe demandando e possibilitando uma organização interna, lhe inserindo no campo do desejo.

Outros elementos relacionados à sexualidade, além dos sublimados na sua relação com o trabalho, fazem-se presentes nessa entrevista. A relação da Srta. H com sua aparência, com o corpo na comparação também com outras mulheres, como apareceu em algumas falas durante a entrevista, indicam uma nova dimensão do desejo. Na posição de *Morbidez*, esses elementos apareciam denegados no campo da fala. Havia uma negação e rejeição da sexualidade, característica da *Morbidez*. Neste momento, observa-se outro modo de viver esta relação.

*[...] ... o “J” começou a dar em cima de mim, no início eu não notei porque eu achava que era impossível, eu achava que era pegadinha... sei que **a gente teve um relacionamento e eu me envolvi com ele de verdade**, sabe... eu gostava muito dele, só que **não podia ter um envolvimento lá dentro**, então, era escondido, ninguém sabia, até o “S” descobrir. Então, assim, oh, eu sou apaixonada pelo “S” no sentido assim, oh... [inaudível] que nem tu que me entende, assim oh! Deus o livre. Ele é uma pessoa boa, ele é legal, ele... ai, eu não sei te dizer, ele é muito, muito legal... só que eu acho isso dele hoje, né, ele era o marido da Moni e era o meu chefe, mas eu não tinha proximidade com ele porque ele deixava nós com o “J”, porque ele tem muita coisa pra fazer, ele é responsável por muita coisa na “K”, porque ele é gestor, né. O “J” era assistente, então, quem era responsável pelos promotores era o “J”, então, eu tinha muita proximidade com ele. E a gente se envolveu... Aí tu pergunta o que eu tinha com o “J”... eu não sei... não sei se eu era amante... porque quando ele começou a dar em cima de mim, ele tinha namorada... **amante, se eu era ficante, se ele queria me come...***

A Srta. H conta que “transaram”.

Transamos. Ele foi meu segundo cara, né, o segundo e último...

Conta que o “P” foi o primeiro com que teve relação sexual.

*Transei... É que é aquela coisa eu... **o meu pai chegou pra mim, falou assim...** ele achava que eu queria casar porque eu tava com curiosidade de saber como é que era... Assim, oh, o meu pai é muito repressor, ele tem cara de brabo e todo mundo sabia que eu queria casar virgem. **Aí ele chegou pra mim e falou pra eu parar com essa besteira, que ele sabia, ele achava que eu queria porque queria me casar, porque eu queria saber como é que era... entendeu? Aí começou aquela pressão pra cima***

de mim, porque todo mundo sabia que eu não ia dar certo com o “P”, porque ele era [...] só que eu era [bicho do mato?], sabe... E... agora tão botando a culpa nele por causa dessa besteira que eu queria casar virgem e ele “agora tão dizendo que a culpa é dele”, que por ele ser muito com cara de brabo eu sempre fui muito amiga dele porque a gente trabalhava junto. E, ninguém entendia a minha relação com meu pai, porque ele sempre foi muito assim... comigo não... a gente conversava... normal..

Esta fala da Srta. H contradiz o que disse sobre o pai nas outras entrevistas, parecendo haver aí um esquecimento, certo encobrimento, uma denegação da falta do pai em seu valor de função paterna. Assim, o faz presente e constrói a partir de seu próprio discurso um valor para este pai. Interroga-se a Srta. H mostrando essa contradição, lembrando que ela havia falado que o pai “era muito quieto, que ele não falava”.

O pai... ? Ele é muito assim, oh... ele não fala, ele faz cara, sabe, ele faz assim, oh... sabe, mas quando eu dei o meu primeiro beijo, eu fiquei uma semana: “como é que eu vou dizer pro pai que eu dei o meu primeiro beijo...” Foi uma semana antes dos meus vinte e cinco anos... E eu peguei e falei pra ele... e ele: “tava na hora mesmo, uma véia e nunca beijou!”

Percebe-se, nestas falas relativas ao pai, um reconhecimento e uma busca incessante pela sua palavra, isto é, há uma demanda endereçada ao Outro. Distintamente do que ocorre na psicose onde o Outro só serve como testemunha de seu delírio. Na neurose, o sujeito situa-se na posição de quem não sabe, atribuindo ao Outro um saber que vem a preencher a falta. Um suposto saber. Nessa ocasião, parece que há um resgate ainda maior do que o manifestado na primeira entrevista. Poder-se-ia compreender essa busca como uma apropriação realizada desde um lugar de mais valor, com mais direitos por esse saber que vem do pai. Na segunda entrevista⁶⁹ essa busca também já apareceu de um modo semelhante. Nessa última, a Srta. H fala sobre a necessidade do pai confirmar para ela que pode viver a sua sexualidade fora do âmbito familiar.

Continua...

[...] Então... ah, eu ia casar com o “P”, não vou transar, acabei transando... só que quando a gente terminou eu fiquei assim, “putz, eu ia casar e agora como é que vai ser... sabe, quando tu fica assim... e agoraaa, como é que vai ser!? E o “J” me envolveu de uma maneira, aí que guri desgraçado, que eu sou apaixonada por ele até hoje... só que aquela coisa, quando ele começou a dar em cima de mim ele tinha namorada, só que ele me agarrou um dia, aí eu me ofendi horrores, o quê que tu tá pensando tu tem namorada... Aí quando eu comecei a gostar dele a gente ficou e ele foi viajar... “eu não vou ficar mais contigo”, tem a mulher, né. Aí ele terminou com a namorada dele... [inaudível] mas a gente

⁶⁹ Entrevista a qual não se tem transcrita.

*não podia, então, era muito estranho porque em reunião assim, tudo que tinha, ele me sempre me cobrava mais coisa porque eu acho que ele tinha a consciência pesada, sabe, então em toda reunião que tinha eu sempre saía chorando e ninguém sabia de nada, as promotoras não sabiam, não sabiam nada. Aí falavam: “gente, porque ele te trata assim, né... é um louco, aí que horror”. E **quando eu comecei a gostar mesmo dele eu não tinha coragem de dizer as coisas pra ele, de fazer tipo uma cobrança “ou tu assume ou vai te catar”, porque eu sei que ele iria me mandar eu me catar, entendeu... então, eu tenho muito medo de ser rejeitada, tenho medo mesmo...***

[...] quando ele me deu um beijo eu me ofendi horrores... aí ele me ligou e me pediu desculpas... “ai, que não agüentou”. E eu não contei pro “S”, “fala pro ‘S’”, a minha irmã disse, “que abusado”. E ele é amigo pessoal do “S” [...], o “S” ia me mandar embora, entre os homens eles se entendem, né. O “S” não vai, né... Aí continuei, né, agüentando, aí depois de um mês eu já tava... ele me botava muito pra cima: “ai como tu tá bonita, como tu é isso, como tu é aquilo”. E eu ficava, ai... ele me acha bonita, sabe...

Questiona-se sobre sua percepção em relação aos olhares de outros homens.

Ai, não sei, acho que não, eu tenho um imã pra imbecil.

*[...] ...não sei... porque o último... depois que eu terminei com o “P” eu me envolvi com o “J” e o “J” foi embora em janeiro, e eu tô velando ele desde janeiro, sabe. **Eu já fiquei com uns guris na noite, mas não é o “J”, sabe.***

Na contemporaneidade, conforme Lacan (1992) e Mello (2001) trabalham o trágico⁷⁰, verifica-se outro modo de busca pela resposta à existência, à falta-a-ser constituinte do sujeito. Com mais essa queda da razão como um bem assegurador, o homem constrói aquilo que lhe resta como um consolo, uma miragem ainda maior no campo do amor. Após a queda do sentido, ao fracasso dessa busca pela razão, é no amor e na sexualidade que o homem pretende preencher o vazio. Porém, aí se encontra com uma nova forma de trágico onde o fazer Um novamente não se realiza. Assim, na tragédia contemporânea o que se erige como bem organizador em lugar do Nome-do-Pai é justamente uma miragem, a prótese construída no lugar da lei: o amor romântico.

É do que a Srta. H também se ressentem em sua nova posição. “Eu me sinto culpada por não ser tão feliz quanto eu achava que eu ia ser... Que horror, né...”

⁷⁰ Não será aqui discorrido o trágico na contemporaneidade desde as obras trabalhadas por Lacan e outros autores, pois o intuito aqui não é esgotar o tema do trágico, mas fazer uma análise desse frente ao caso escolhido e à idéia proposta sobre Morbidez. Considerando, ainda, que as obras trabalhadas são as que, principalmente, guardam em si o sentido do trágico para a Psicanálise, bem como se mostram bastante atuais.

Ainda sobre a sexualidade e os homens. Interroga-se se a Srta. H percebe os olhares sobre ela e se olha para os homens.

Acho que não. A minha amiga promotora... tipo se eu saio com essa blusa ela fala: “homem é tudo igual mesmo passam olhando pros teus peitos”

A Srta. H olha os homens com o decote, marca uma diferença que na posição de Morbidez se fazia encobrir.

Continua, em outro momento da mesma entrevista, falando sobre sua vontade de casar.

*Eu caí na realidade que, tipo assim oh, ninguém quer namorar com uma pessoa de 28 anos, ninguém! Eles acham que tu tem que ficar com eles pra transar eu tô naquela fase, eu não quero mais casar, porque eu acho ridículo uma mulher de 30 anos querer casar com véu e grinalda... eu me acho muito velha... Pra ele [“J”], eu sou o lixo do lixo, **eu sempre me joguei**, eu sempre... [...] Porque eu gostava dele.*

[...] No fundo, eu quero casar...

Conta que está morando com os pais...

*Eu tô com o pai e com a mãe, né, mas como a [irmã] tá estudando, eu tô ficando com a “C”, eu durmo na casa dela... **quando eu tava com o “P”, que a gente tava noivo, a gente chegou a morar no mesmo apartamento, uns quatro meses... era super bom, eu gostava, enquanto eu gostava dele era legal.***

A Srta. H, nesta outra posição, “se joga”, quando na Morbidez se excluía e/ou denegava. Registram-se ainda momentos de vacilação quanto a não perceber seu corpo, sua beleza ou os olhares dos homens. Mas há o desejo de casar, há uma forma de sedução representada pelo decote que busca “atrair os olhares” ou “se fazer olhar”. Ela diz não olhar, mas o decote olha.

A palavra do pai, o consentimento buscado na palavra do pai, permite viver a sexualidade; enquanto da mãe, o enunciado vem de outro modo, como um Outro severo, punidor - o que se supõe desse lugar um olhar constitutivo do seu fantasma e que a fixava na Morbidez e, ainda, a faz vacilar.

Sabe que eu não tenho a visão do todo ainda, eu não consigo me olhar, eu vou olhando por partes, eu não consigo me olhar toda assim, isso é uma dificuldade que eu tenho ainda. Eu me olho em foto, em foto até eu me olho, mas no espelho é uma coisa que... pra ti ter uma idéia, no meu quarto não tinha espelho... lá em casa não tinha espelho de corpo... Aí, esses dias eu me dei conta, eu precisava de um espelho de corpo, né... porque eu acho que eu tô engordando, porque eu não me olho no espelho, olha as nóia, né... Aí eu comprei um espelho de corpo e botei na parede! Mas eu não consigo ficar parada assim... ah [careta] me olhando... Eu não sei qual é o problema, eu não consigo... ainda não, pro rosto eu até olho, porque eu me pinto, né... mas aquela coisa de se olha mesmo... não...

Sobre o rosto...

Agora ele tá bolachudo, né, porque eu engordei mais... [risadas, porque ela tem um rosto muito bonito e no olhar da entrevistadora, nada bolachudo]. Eu me acho muito velha, assim, eu acho que a minha pele caiu demais, eu acho que a minha pele tá muito flácida, tá muito mole, sabe... risadas... Eu gosto do meu cabelo... risadas... Aí eu falo essas coisas e eu quase morro chorando, ai, porque Deus vai me castigar e eu vou voltar a ser gorda. Aí eu peço perdão a Deus, desculpa, eu não tô me queixando, sabe essas coisas... Eu me sinto culpada por não ser tão feliz quanto eu achava que eu ia ser... Que horror, né...

Algo não operou simbolicamente, isto é, a Srta. H ainda almeja o gozo absoluto no ideal de “magra”.

O [médico] me disse isso, “eu operei a barriga, não operei essa cabeça”. Só que na minha cabeça eu tinha operado a cabeça também, né... [...] só que a minha cabeça continua sendo de gorda... não sei qual é o problema... ai que tristeza!

Continua...

Quando a gente era pequeno, todo mundo dizia que Deus ia nos castiga... eu tenho um medo disso. Quando eu começo a me queixar, eu digo: “pronto, agora Deus vai me castigar, eu vou engordar de novo...” Tudo, de ficar reclamando que a comida é ruim... “olha que Deus castiga, um dia tu não vai ter nada pra comer”. “Aí, mãe, eu não quero essa roupa”, “olha que Deus castiga, um dia tu não vai ter nada pra vestir!”

Como de fato, enquanto portadora de Obesidade Mórbida não encontrava o que “vestir” e ao fazer a cirurgia não tinha o que “comer”.

Sabe essas coisa assim, tudo que tu falava, ela dizia que Deus ia castigar, eu tenho um medo disso. Ontem, uma amiga minha ainda falou assim: “olha que Deus castiga”. Eu disse: “não fala isso! Não fala isso que depois deixa a pessoa traumatizada, sabe. Aí eu penso: “que merda de vida”. Aí eu penso: “ai, meu Deus, não me castiga!” Aí, “eu tenho duas pernas, eu tenho dois braços, eu tenho

emprego, eu tenho... não, não, não! Eu fico mal com isso, eu fico muito mal, “ai meu Deus me desculpe, perdão, perdão...”

“Não fala isso”, estaria a Srta. H. fazendo um corte nesse enunciado que a remete ao lugar de objeto, dando um limite ao Outro materno? Há uma luta para se manter fora da condição de Morbidez, o fantasma constituído frente ao desejo do Outro ainda opera um efeito de busca pela satisfação da pulsão de um modo absoluto, satisfazendo o gozo do Outro. Quando surge o sentimento de “culpa” diante desse “Deus” que castiga, ainda, a comida e outros objetos orais são resgatados por esse gozo.

Ah é, geralmente eu como, ai que horror! É uma coisa que eu não consigo me livrar, também, tudo eu desconto na comida, tudo!

Na tentativa de se manter afastada do que a faz engordar correndo o risco de voltar à condição de Morbidez desde a posição de Obesa Mórbida, a Srta H substitui a comida por café e pelo cigarro. A força da pulsão e do gozo é tão grande que ela adoece por má absorção de determinados nutrientes em função da ingestão demasiada de café e retorna ao hospital. Porém, observa-se uma resistência maior em função de uma escolha. Ela não se deixa capturar pelo Outro que continua lhe demandando estar em uma posição de falo, ela vacila menos, se agarra a outros objetos, deseja e suporta o custo da abstenção. Observa-se que esse episódio aconteceu antes da entrada na área de trabalho com vendas. A Srta H decide deixar de fumar para conseguir a vaga que almeja.

Finalizando a entrevista e o trabalho de pesquisa junto a Srta H., pergunta-se a ela sobre o que imagina que acontece de diferente em relação ao trabalho e aos homens. No trabalho ela é segura, acredita-se competente, mas na relação com a imagem como mulher e na relação com os homens persiste uma dúvida.

*Porque **no trabalho eu tenho como confirmar**, eu acho... Ai, ai de quem diga alguma coisa ao contrário [altera a voz]. Bah, tô louca, então, não pode dizer, não tem o que dizer...*

Na relação com o trabalho pode haver um olhar, nesse caso “Deus não castiga”, o trabalho faz a função do Nome-do-Pai, intervém na relação com o Outro, esse sujeito sai da posição de ser o falo. “Do trabalho, ai quem diga alguma coisa, ai quem fale”, disso ela pode falar.

A posição subjetiva que a Srta. H ocupa agora remete a pensar se poderia predominar a da histórica, que erige em seu ideal um pai que não pode ter falhas. Esse pai que, enquanto metáfora, um significante que substitui outro significante, o da mãe, lhe posiciona fora do circuito materno no lugar de falo para o Outro. Agora, assumido sua palavra, desde o reconhecimento pelo seu trabalho e a palavra “arrancada” do pai, ela sustenta esse lugar.

Interroga-se: continuaria a Srta. H em uma posição de evitação a adentrar ao campo do trágico? Para a autora desta tese parece que houve uma reviravolta que, atualmente, permite a ela desejar e a incluí na busca deste objeto perdido. Desde o momento em que, inserida em uma segunda morte, e que aí possivelmente houve um corte, essa faz um resgate maior pela palavra do pai e pelo valor simbólico que assume para ela o trabalho. Por todas essas razões e argumentos, talvez, possa-se pensar que há sim uma entrada no campo do trágico, um enfrentamento pelo seu desejo, mesmo que esse enfrentamento não custe a ela o encontro com a morte real, que não a inclua necessariamente em uma escolha por ocupar uma posição que lhe custe a vida, jogando-lhe para o entre-duas-mortes.

Não se trata nessa pesquisa ou no trabalho clínico de tomar a idéia de trágico para se poder fazer avanços teóricos ou clínicos pensando a subjetivação e as intervenções por um ideal desse conceito, como se todos os sujeitos para se situarem no campo do trágico tivessem que, como Antígona ter um desejo de morte, mas fazer uma aproximação à condição do herói e seus enfrentamentos. A tragédia é ficção e, mesmo que tomada como arte que imita a vida, suspende sempre o herói a uma trama irreconciliável. Goethe, por essa razão, sente a tragédia como insuportável, busca sempre uma final conciliável. Mas como referiu Assens, conforme já citado, suas peças sempre incluíam o trágico na experiência dos personagens. A exemplo de Goethe, que traz para o cotidiano a existência e o viver trágico, o trabalho psicanalítico, bem como o campo da Educação enquanto tem uma proposta mais ampla de pensar os processos constituintes da subjetividade, servem-se dessa noção para refletir sobre a entrada do sujeito no campo do desejo. Nesse sentido, a idéia de trágico parece operar uma função importante para se pensar o processo de Morbidez, bem como a saída dessa condição. Concluí-se aqui não a entrada da Srta. H para o campo do trágico, como os heróis que escolhem por abdicar da vida em nome de seu desejo. Mas que o vislumbamento ou a passagem pelo entre-duas-mortes, quando ela enfrenta as perdas pela sua condição de Morbidez e passa pelo processo cirúrgico, talvez, entre outros acontecimentos e palavras operantes, possam ter um efeito de

reviravolta desde a desconstrução, uma quebra causando a queda do sentido e a implicando, como possivelmente ocorreria a outros sujeitos, em um lugar de enfrentamento e escolha.

Deixa-se em aberto, aqui, esta possibilidade como um trabalho a refletir e finalizar em conjunto com as discussões que possam ter sido propiciadas.

7 MORBIDEZ: escritos finais sobre uma idéia

A escolha por convocar um termo — morbidez — ao seu valor de significante, tomando-o para construir uma nova idéia, pode ser traduzido pelo desafio de submetê-lo a um outro olhar, que escapa do campo puramente linguístico. Não se pretendeu, inicialmente, trabalhar esse processo, porém, na “escuta” dos escritos da pesquisa, quando ainda em projeto, esse tomou forma e força de um problema de pesquisa, transformando-se no termo *Morbidez*, conforme produzido nessa tese. Assim, o tema que se delineou a partir de uma trajetória de estudos que começou com a idéia de trabalhar sobre a *Obesidade Mórbida* e o trabalho da pulsão de morte, resultou na discussão teórica da questão que envolvia um estado de ser constituído na relação com o Outro primordial desde sua produção fantasmática. Isto é, a *Morbidez* foi caracterizada aqui como uma produção, um modo de subjetivar contemporâneo, efeito, entre outros, de uma fragilização da função paterna que convoca outras formas de gozo, onde o sujeito vacila ao lidar com o mal-estar e a falta característica da condição humana e busca evitar uma posição onde paga-se um preço pelo desejo, onde há que se fazer escolhas, correr riscos e abrir mão de um gozo absoluto. Nesse sentido, recorreu-se ao conceito de trágico para delimitar melhor a idéia de *Morbidez*. O justo avesso do trágico, o sujeito na *Morbidez* vacila a entrar nesse campo, a fazer os enfrentamentos; as tragédias vêm a demonstrar os impasses humanos, dão o limite, brincam com o belo, acenam com os bens e apontam a direção que leva às escolhas. O trágico não está na morte, mas no “entre-duas-mortes” como diz Lacan, está no impasse, no custo da escolha. A especificidade deste campo, complexifica a escolha pela abordagem que se pode tratar esse tema. Escolheu-se o gozo, a pulsão e o trágico, e determinaram-se limites para uma construção teórica em torno do que se pretendia fazer compreender como *Morbidez*. A *Morbidez* como um sintoma social foi, então, pensada e tramada junto à noção de trágico, sempre direcionada pela psicanálise de Freud e Lacan.

Porém, a *Morbidez*, como já foi dito, não existe por si mesma. Articulada a outros sintomas, recuperou-se o desejo da autora pelo trabalho com a *Obesidade*, porém sob uma nova perspectiva, sob sua face dupla. É como dizer que há um outro que teme sob o véu da gordura, um outro que cala, consente e se deixa submeter, evita fazer escolhas, esse não quer saber da possibilidade de escolhas. A grande questão a que levou essa pesquisa e se construiu

no decorrer da realização e análise do caso escolhido, parece que se constrói nesse eixo: haveria na condição de Morbidez uma saída, ou melhor, uma entrada para o trágico? O estudo de caso e a idéia de vacilação — e não de uma recusa ao campo do desejo, logo, ao campo do trágico — tornaram essa questão uma possibilidade. Se há vacilação é porque há desejo. Mais do que um pensamento otimista, esse vem a ser uma idéia trabalhada. A Srta. H. em sua luta encontra um jeito de se virar com seus sintomas e fantasma, constitui uma entrada. E, nessa, depara-se com o campo das escolhas, dos impasses, mas também do belo da vida.

A determinação dos limites que definem o ponto em que o pesquisador supõe dar coerência aos “dados levantados”, isto é, que permitem a aproximação, não de uma verdade, mas de uma lógica que atua como um dispositivo de relações, convoca uma “conclusão”. Surge nesse processo a “vontade de verdade”, vontade de dizer: é assim! Mas verdade essa que nunca pode ser recorrida, a não ser em seu pleno instante de realização, tomando o tempo, os acontecimentos e a história do sujeito como uma conjunção de lógicas que se entrelaçam e formam um nó, porém que só existe naquele trecho, naquele caminho. Isto é, um instante depois já não se sabe se essa entrada se fechará, voltará a abrir e como isso funcionaria com outro sujeito. Porém, o que essa pesquisa se propôs a “resolver” foi uma idéia. Uma idéia que se construiu sem ser escolhida inicialmente. Ela surge entre as falas do projeto e toma conta da tese e do caso que já vinha sendo analisado sob outro olhar. Uma idéia-imagem, que entre pensamentos muda o rumo da pesquisa apontando para o trabalho com o gozo, com a pulsão e com o trágico.

O trabalho da pulsão, mais especificamente o da pulsão de morte em sua face tanto criativa quanto destrutiva, veio a nortear um caminho, modelar uma forma de como abordar a Morbidez. É no sentido da compulsão à repetição como propriedade da pulsão de morte que a pulsão se mostrou um operador fundamental para a idéia de Morbidez. Retomando a questão levantada: “que força é essa que o impulsiona para uma ação compulsiva de repetir em ato um modo de ser que destina o corpo a exaurir-se, muitas vezes num gozo de horror e mal-estar?” É essa insistência na satisfação total da pulsão, no retorno a um estado zero de tensão que se caracterizou o trabalho da pulsão na Morbidez. O lugar de objeto “destinado” ao sujeito pelo seu fantasma o situa num jogo entre o gozo e a pulsão. Uma força que trata de tentar fixar o sujeito nessa posição. Nesse sentido, observou-se desde o caso apresentado de Morbidez na Obesidade, que a busca pela satisfação acontece também através pulsão parcial, o que demonstra que não necessariamente há uma oposição entre pulsão de morte e de vida, mas

que essas se encontram intrincadas numa só força. Portanto, é desse duplo aspecto da pulsão que algo insiste e tenta se satisfazer. Na busca do “além do princípio do prazer”, o que insiste é da ordem do real. Assim, o trabalho da pulsão visa obter e manter o gozo. De qual gozo, então, trata-se na Morbidez?

O gozo trabalhado aqui se referiu ao gozo do Outro, que coloca o sujeito submetido ao Outro a ponto desse entregar-se à morte em seu nome. Porém, questionou-se se seria esse o gozo do qual goza o sujeito na Morbidez, e quais as nuances que, na Morbidez, apresentaria uma diferença em relação ao gozo do Outro, característico da estrutura psicótica.

Ao prosseguir com os estudos e a escritura da pesquisa, chega-se, neste momento final, com uma noção mais clara desse gozo e de suas possibilidades. Isto é, do que o torna distinto do gozo do Outro e de o quanto essa distinção faz diferença no desencadeamento dos modos de subjetivar dos sujeitos nessa condição. Portanto, trata-se de pensar daqui para frente, a partir dessas considerações, que é necessário se aprofundar no estudo sobre o gozo para compreender melhor as possibilidades de entrada para o campo do trágico a partir da condição de vacilo do sujeito na Morbidez. Condição essa que trata de lembrar que há um desejo e que desse surge um movimento de saída do lugar de objeto para o Outro materno.

Gozo Mórbido - denominou-se esse gozo no capítulo da pesquisa onde se levantou essa questão. Poder-se-ia chamá-lo assim? Um gozo, como já escrito anteriormente, que procura na condição de Morbidez, além do apagamento da falta e da satisfação absoluta, fazer da busca de um estado próximo ao zero de tensão um lugar no qual não permite ao sujeito outras escolhas que não as que o aliene de construir o seu próprio desejo. Um gozo que se pretenda uma “saída”, mas que também o remete a uma posição que lhe cause desconforto e angústia. Onde, porém, por diversos momentos, surgem tentativas do sujeito, mesmo que resistentes, de construir uma metáfora que faça valer o seu ser além da posição de falo para o Outro. Aqui, então, deixa-se o rastro, as pegadas que foram em direção a esse caminho, mas somente como um mapeamento para um novo estudo por quem pretender se aventurar nessa tarefa.

A ética, que atravessa e implica cada sujeito pesquisador na sua própria experiência e apropriação de determinados ideais, compõe um dos principais instrumentos de definição de pontos limites que delineiam o lugar que se constrói junto ao seu tema de pesquisa. Portanto,

é somente desde uma análise de sua própria implicação neste processo e no de identificação com a temática, bem como com o objeto de estudo e os casos trabalhados, que é possível realizar alguma forma de produção sobre um objeto que não existe enquanto tal, mas que se compõe no próprio desejo do pesquisador e em seu ato de escuta e escritura.

Trabalhar sobre a Morbidez, uma “idéia-surpresa”, foi uma tarefa árdua de constante busca de reconhecimento de sua gênese. Isto é, foi necessário um tempo para apropriação e identificação dessa idéia como própria à autora, sendo, também, paralelamente necessário abster-se do foco principal que constituía a pesquisa até a sua etapa de projeto: a Obesidade. Um luto foi “inevitável”, bem como um “parto”, como diz a Srta. H. Porém, esse processo se realizou por obra de uma construção, e, nesse caminho, havia a necessidade de fazer escolhas. A escolha da autora foi pela Morbidez como problema de pesquisa, sob a qual “escondia-se” um desejo. É desse e das limitações e possibilidades de trabalhar com tal idéia que resultou essa tese. A expectativa é, principalmente, que essa implique interrogações e produza outras idéias, além de querer propor uma criação, deseja-se que esta pesquisa, entre outras, venha a contribuir para as discussões sobre subjetivação contemporânea. Assim, através da perspectiva do trágico desde a psicanálise, buscou-se mais um olhar para compreender, analisar e se instrumentalizar, a partir da idéia aqui proposta, para promoção de quebras. Romper com discursos homogeneizantes e produtores de Morbidez.

Porém, uma questão fica em suspenso: seria a Morbidez uma idéia somente? Ou poder-se-ia elevá-la ao *status* de conceito? Desde o início deste trabalho, vem-se tratando a Morbidez como uma idéia, um pensamento que surgiu e tomou forma no decorrer das associações que o conduziram nesta produção. Chegando ao final, após as delimitações propostas em torno dessa idéia, surge uma questão: seria a Morbidez um conceito?

Mais do que definir, tratar-se ou não de um conceito, é poder pensar que há uma abertura para retomar essa pesquisa, também, na direção de uma investigação epistemológica cujo trabalho maior poderia ser definir desde diversas correntes filosóficas o *status* desse termo criado. Nesse momento, encaminha-se a idéia de Morbidez para pensar a subjetivação contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ASSENS, Rafael Cansinos. Goethe, Hombre de Teatro. In: Goethe, Johann. Wolfgang. **Obras completas**. 4 ed., Madrid: Aguilar, Vol. 3, 1973. p. 758-789.

BAUMAN, Zygmunt. Prefácio. In: **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro : Zahar Editor, 2001, p. 7-22.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudos Sobre a Histeria. In: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, V.II, 1980, p. 39-296.

BETTS, Jaime A. Neurose Obsessiva e Medo de Mulher. **Correio da APPOA**, Porto Alegre, n. 73, p. 28-33, out. 1999.

CALLIGARIS, Contardo. O Inconsciente em Lacan. In: KNOBLOCK, Felícia (Org.). **O Inconsciente em Várias Leituras**. São Paulo: Escuta, 1991, p. 167-182.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COSTA, Ana Maria M. da. Notas Sobre a Pulsão. **Jornal Che Vuoi?** São Paulo: Editora Che vuoi? Ano 1, n. 2, Psicanálise e Cultura Ltda., p. 4, primavera de 1987.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

_____, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>> Último acesso em 23 nov., 2006.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. 1 ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN. **O Que Vemos, o Que Nos Olha**. São Paulo: editora 34, 1998.

DIDIER-WEIL, Alain. Prefácio. In: MELLO, Denise Maurano. **A Face Oculta do Amor: a tragédia à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001, p. 13-18.

DOLTO, Françoise. **A Imagem Inconsciente do Corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____; NASIO, Juan David. **A Criança do Espelho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. 6 ed., São Paulo: Papirus, 2003.

DUMONT, Louis. **Ensaio Sobre o Individualismo**: uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FLEIG, Mário. Metapsicologia do Sujeito Moderno. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.12, n.3, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102> Último acesso em: 27 Nov. 2006 doi: 10.1590/S010279721999000300014. E disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/hemeroteca/prc/vol12n3/14.pdf>> Último acesso em: 21 Dez. 2006.

_____. **As Modificações da Estrutura Familiar Clássica não Significam o Fim da Família**. Revista digital Unisinos. São Leopoldo, 08 ago., 2005, p. 1-7. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158349466.22word.doc>> Último acesso em: 29 Set. 2008.

FREUD, Sigmund. Das Ich und das Es. In: _____. **Psychologische Schriften**: Psychologie des Unbewussten. Frankfurt: S. Fisher, 1970, Bd III, p. 273-330.

_____. Die Verneinung. In: _____. **Psychologische Schriften**: Psychologie des Unbewussten. Frankfurt: S. Fisher, 1970, Bd III, p. 371-377.

_____. Das Unheimliche. In: _____. **Psychologische Schriften**: Studienausgabe. Frankfurt: S. Fisher, 1970, Bd IV.

_____. A Interpretação dos Sonhos. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V.IV, p. 246-265.

_____. A Interpretação dos Sonhos. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V.V, p. 360-379.

_____. Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V.XII, p. 191-203.

_____. Totem e Tabu. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V.XIII, p. 17-191.

_____. Além do Princípio do Prazer. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V. XVIII, p. 13-85.

_____. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V.XX, p. 107-200.

_____. O Mal Estar na Civilização. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V. XXI, p.73-171.

_____. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, V.XXII, p. 139-165.

_____. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt: Fisher Verlag, 1999, Bd V, p. 27-145.

_____. Jenseits des Lustprinzips. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt: Fisher Verlag, 1999, Bd XIII, p. 01-69.

_____. Das Unbehagen in der Kultur. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt: Fisher Verlag, 1999, Bd XIV, p. 419-506.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: _____. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004, V. 1, p. 95- 131.

_____. Pulsões e Destinos da Pulsão. In: _____. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004, V. 1, p. 133 - 173.

GARCI-ROSA, Luiz Alfredo. Acaso e Repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

GOETHE, Johann Wolfgang. Prolog Zur Gruffnung des Berliner Theaters. In: _____. **Goethes Werke**, Propyläen-Ausgabe, org. Ernst Schukte-strathaus. Munique: G. Muller, 1910, Band 35, p. 84.

_____. Gebriften zur Gilbenben kupft. In: _____. **Goethes Werke**, Propyläen-Ausgabe, org. Ernst Schukte-strathaus. Munique: G. Muller, 1910, Band 35, p. 190.

_____. **Goethes Briefe**: Briefe der Jahre 1821 - 1832. Hamburg: Christian Wegner, 1967, Band IV, p. 456 - 459.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABIB, Claude. Pudor. In: CANTO-SPERBER, Monique (org.). **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. V. 2, p. 432-435.

HANNS, Luiz Alberto. Notas, nº 48. In: FREUD, Sigmund. **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004. V. 1, p. 169.

HOUSTON, John. **Freud Além da Alma**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986. 2. ed. 1 cassete vídeo (VHS) (140 min.).

IRMEN, Friedrich; KOLLERT, Ana Maria Cortes. **Dicionário de Bolso Langenscreidt: Português-Alemão, Alemão-Português**. Munique: Langenscreidt, 2003.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KEHL, Maria Rita (org.). **Função Fraternal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewFile/5208/4836> Último acesso em 10 de janeiro de 2009.

LACAN, Jacques. **O Mito Individual do Neurótico**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1980.

_____. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. O Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103.

_____. A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão Desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 496-533.

_____. Posição do Inconsciente. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 843-864.

_____. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **O Seminário 1958-1959: o desejo e sua interpretação**. Porto Alegre: Publicação não comercial, circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

_____. **L´Séminaire, livro X: L´angoisse**. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

_____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

_____. **O Seminário, livro 23: O Sinthoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LANG, Charles Elias. **Há uma produção em série de pais imaginários.** Revista digital Unisinos. São Leopoldo, 08 ago., 2005, p. 8 – 14. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158349466.22word.doc>> Último acesso em: 30 Set. 2008.

LASCH, Christopher. **O Mínimo Eu: sobrevivência em tempos difíceis.** 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LÉVY, Pierre. **Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAIRESSE, Denise. **Empresa Familiar / Família Empresarial: (des)dobramentos da herança.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional - UFRGS, 2000.

MELLO, Denise Maurano. **A Face Oculta do Amor: a tragédia à luz da psicanálise.** Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, Delinquência, Toxicomania: uma outra forma de gozar.** 2 ed. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. **Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio.** Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

_____. **O Homem sem Gravidade: gozar a qualquer preço.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MIRAT, Dolores Castrilo. **Fantasma.** En Román Reyes (Dir): *Diccionario Crítico de Ciencias Sociales*, Pub. Electrónica, Universidad Complutense, Madrid, 2004. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/eurotheo/diccionario>> Último acesso em 20 nov., 2006.

MOSENA, Thoya Lindner. **Da perda Implicada no Registro: foto-grafando numa oficina terapêutica.** Dissertação de Mestrado em Educação - UFRGS, 2008.

MOST, Glenn W. Da Tragédia ao Trágico. In: ROSENFELD, Kathrin Holzemayr (org.). **Filosofia & Literatura: o trágico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.20-35.

NAZIO, Juan-David. **O Olhar em Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PEREIRA, Lucia Serrano. **Um Narrador Incerto: entre o estranho e o familiar: a ficção machadiana na psicanálise.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

POLI, Maria Cristina. **Clínica da Exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. **Ágora (Rio de Janeiro.)**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982007000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 June 2008.

PORGE, Erik. **Os Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

POUGET- DOMPMARTIN, Claire. Oralite Et Transmission: perspectives actuelles. In: LACOTE, Christiane; HILTENBRAND, Jean-Paul & BERGES, Jean. **Conferences Préparatoires**. Disparité Clinique d'la Oralité. Paris: Publication de L'Association Freudienne Internationale, maio de 1997, p. 89-100.

QUINET, Antonio. **Teoria e Clínica da Psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Um Olhar a Mais: ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **Desejo como Poder**. Disponível em <http://br.geocities.com/jacqueslacan19011981/sobrelacan/desejocomopoder.htm> Último acesso em 5 de novembro de 2008.

RAMALHO, Rosane Monteiro. **Anorexia e Bulimia: manifestação do sofrimento feminino hoje**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – PUCSP, 2001.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O Adolescente e o Psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RIVERA, Tania. Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Jan. 2009. doi: 10.1590/S1516-14982008000200004.

ROSENFELD, Kathrin Holzemayr. **Sófocles & Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SANT'ANNA, Denise Bertuzzi de. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHEINMAN, Maurício. **Informação sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <mauricio@scheinman.com.br> em 20 nov., 2006.

SEGAL, Adriano. **Obesidade Não Tem Cura, Mas Tem Tratamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SHÄFFER, Margareth. Subjetividade e Enunciação. **Educação e Realidade**. Porto alegre, n. 24, p. 18-38, jan./jun. 1999.

SHAKESPEARE, William. **A Tragédia de Hamlet: príncipe da Dinamarca**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

SÓFOCLES. Antígona. In: **A Trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona.** 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 199-260.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SZONDI, Peter. **Ensaio Sobre o Trágico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

VEGH, Isidoro. Vida e Morte. **Revista de Psicanálise Textura.** São Paulo. Ano 1, n.1, p.20-26, 2001.

JORGE, Mariliz Pereira. Não Existe Solução Mágica. **Veja,** São Paulo: Editora Abril, ed. 2 031, ano 40, num. 42, p. 126- 127, 24 out. 2007.

VOLICH, Rubens Marcelo. **De Uma Dor que Não Pode Ser Duas.** Disponível em: <<http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/archives/texte97.html>> Último acesso em 10 de abril de 2008.

APÊNDICES

Reproduzem-se abaixo, na íntegra, as entrevistas realizadas em 2003 e 2008 com a Srta. H⁷¹ para que os leitores se situem em sua fala.

APÊNDICE A - PRIMEIRA ENTREVISTA⁷².

Srta. H 23 anos, 1,72cm de altura, procurou o médico para fazer a cirurgia com 184 quilos. Na data da entrevista pesava 134 quilos. Submeteu-se a cirurgia bariátrica e a retirada da vesícula Biliar há quatro meses. Perdeu 50 quilos.

Transcrição da entrevista.⁷³

De - Me conta como tudo começou, desde quando tu achas que começastes a engordar, que idade tu tinhas?

H - Faz anos, assim, que eu luto contra o peso, só que acho que há uns seis anos atrás, quando a recém tava começando o negócio da cirurgia... a minha irmã veio com uma revista que tinha uma reportagem... ai, quem sabe... nem faziam aqui no [nome do hospital] ainda...

De - Tu tinhas que peso na época?

H - Devia ter uns 120... aí eu falei para ela... aquilo é uma agressão, ... capaz que eu ia fazer aquilo, eu sempre achava que eu fazendo regime eu ia conseguir emagrecer... eu sempre achava que eu ia conseguir e ia ficar tudo bem, né? E o tempo foi passando e eu fui engordando 10, 15 quilos por mês, aí começou a cirurgia a ficar mais conhecida eu fui conhecendo gente que fez... aí o tempo foi passando e eu fui engordando, e eu fazia regime emagrecia e engordava tava vendo que aquilo ali não ia dar certo...

De - O que tu achas que acontecia que tu engordavas dez quilos por mês mais ou menos?

H - Eu acho que... que... eu comia bem, eu... hã.. nunca fui de me olhar no espelho... assim..., de ter vaidade, sempre fui meia largada, eu costumo dizer que a impressão que eu tenho que

⁷¹ Entre muitos casos conhecidos pela autora, este foi buscado por suas peculiaridades específicas de acordo com a pesquisa idealizada. Foi encontrado em um hospital geral da rede privada de Porto Alegre em que a autora trabalhava entre os anos 2000 e 2005. Neste momento se estava iniciando a realização de cirurgias bariátricas no hospital. A srta H. é familiar de uma funcionária de um setor próximo ao que a autora trabalhava, o que possibilitou o encontro.

⁷² Esta entrevista foi realizada em 2003, quando, neste momento, a autora tinha como proposta de pesquisa o trabalho da pulsão na construção da imagem corporal depois da cirurgia bariátrica. Proposta esta que foi tema do ante-projeto de seleção para o Doutorado. Pela riqueza de detalhes das falas que constituem essa entrevista, esta vem sendo usada como material de pesquisa durante todo o percurso do curso de Doutorado.

⁷³ **De** significa a identificação da autora que foi a entrevistadora. E **H**. a identificação do sujeito de pesquisa.

um dia acordei e tava com 200 quilos... sabe, porque eu não me pesava mais e quando então eu vi eu tava maior e eu sempre usei roupa assim e essas roupas engordam contigo e tu não nota, né... A minha mãe olhava para mim: “nossa” e dizia: “tu engordou!”, “bem capaz que eu engordei” Então, quando eu notava que tinha engordado, eu tinha engordado 10 quilos, 20 quilos, eu ia me pesar e via... bah eu engordei mesmo... !

Mas o que fazia... ? Eu tenho um monte de problemas, assim, eu tenho problema de tireóide (mesmo controlando o problema da tireóide continuava engordando), eu tenho problema de ovário policístico, a família toda de gordo, aí eu saí do J. [escola] eu fiquei trabalhando com o pai em casa, aí eu não saía mais na rua...

De - A tua família também tem problemas de tireóide ou era só tu?

H - De tireóide não, mas todo mundo é gordo...

De - E esse problema de tireóide tu ficastes sabendo quando?

H - Em 94 [14 anos] eu fui no médico, porque eu pesava 94 quilos, aí ela fez o exame e disse que eu não tinha nada que o meu problema era de sem vergonha, que eu comia demais, aí quando eu tava com 98, 97 eu fui de novo... ela me mandou fazer exame e disse que eu tava com hipotireoidismo. Aí, pô... eu perguntei: isso se pega, como eu que peguei isso? Ela disse que isso não se pega, isso se tem... ela não me explicou direito... bah, eu vim aqui em 94, disseram que eu não tinha nada... de lá pra cá eu só engordei, né... mais... aí ficou por isso mesmo... aí eu comecei a tomar remédio pra tireóide, ela nunca se estabilizou na realidade, ela chegou num ponto que a mulher falou que ela nunca ia ficar normal, sabe, podia ficar controlada, mas normal nunca ficaria...

De - Continuou a engordar depois?

H - Depois do remédio continuei engordando igual...

De - E depois da cirurgia?

H - Agora 19 de dezembro faz quatro meses... não... depois da cirurgia eu não engordei... deus o livre!

Eu fiz a cirurgia dia 19 de agosto eu tava com 173, só que quando eu vim aqui no hospital eu tava com 184, aí a Dra. A. falou que eu não ia fazer se eu não emagrecesse um pouco, aí eu fiz regime, emagreci, né... uns 11 Kg... aí no dia da operação eu tava com 173... e hj eu tô com 134.

De - Quanto em média tu estás perdendo por mês?

H - Acho que uns dez né... não fiz as contas ainda...

De - Tu não vens te pesar, o médico não está acompanhando?

H - É porque... no início... eu me peso na lavanderia... [do hospital], porque no início eu não cabia na balança normal... aí eu me pesava na lavanderia e chagava lá e dizia eu tô com tanto... aí quando eu me pesei aqui a Dra A me disse que tem uma diferença de sete ou oito quilos ,eu me peso, porque na realidade eu tava com bem mais que isso, se eu vou contar por essa aqui das gurias do “SESMT”. Aí, como eu pesei naquela primeiro eu tenho que ir lá (na balança da lavanderia) pra ver quanto eu emagreci... eu vou lá... 15 em 15 dias... quando eu venho aqui no hospital eu vou lá... (na Dra., que é cardiologista, é a que acompanha). A Dra. A é cardiologista... mas ela é da equipe do Dr. L. e depois da cirurgia ela é que é responsável...

De - Teve acompanhamento com psicólogo?

H - Antes da cirurgia eu tive quatro avaliações pra ver se tu pode fazer ou não... aquela coisa... aí ela disse pra mim que achava que depois da cirurgia eu ia ter que continuar fazendo, não sei o que lá... mas antes da cirurgia eu não tinha noção do que que era... ah... é fácil... eu pensava, né, que fazendo cirurgia todos os meus problemas iam se resolver... e nunca mais ia precisar de psicólogo na minha vida! Aí, depois da cirurgia eu vi que não é bem assim, né... só que a B. [psicóloga], eu gosto um monte dela, eu trabalho com meu pai e meu pai não me paga, é um negócio meio problema, problemas financeiros.

Aí uma amiga minha que trabalha na Mário Martins ela me indicou, aí a psicóloga dela me ligou e disse que não tinha hora, mas me indicou um outro que fez um precinho camarada para mim, me cobra 30 pila por mês, duas sessões por semana, e o coitado fica até duas horas me ouvindo, tenho até pena dele, é a coisa mais amada, tem uma paciência coitado, tenho até pena dele, aí tô indo lá, faz 1 mês agora... é no consultório dele mesmo.

Então... fiz quatro avaliações com a psicóloga e fiz duas com a nutricionista.

De - E Como é que tu te vêes assim, quando tu fizestes a cirurgia como é que tu te enxergavas, tu te olhavas no espelho e enxergava o quê?

H - Na realidade, quando eu olho no espelho eu não me acho tão gorda como, como eu me acho quando eu vejo foto. Quando eu vejo foto, assim ó, eu entro em depressão... por isso que eu nem tiro foto. Eu procurei, procurei uma foto lá em casa... eu não acho foto que apareço de corpo... Então, quando eu me olho no espelho me vejo gorda, eu acho normal, só que quando eu vejo foto eu me apavoro!!! Tipo assim agora depois da cirurgia... dois meses foi aniversário do meu afilhado, aí eu tirei uma foto com ele, aí veio a minha comadre e disse: “gurria como tu tá magra, tu emagreceu muito... todo mundo se apavorou, aí eu: bah que legal... quando eu vi a foto... eu disse, eu disse: “eu não acredito nisso, o que tem de magra aqui? Aí eu fiquei dois dias... ai que ódio... porque eu me via no espelho mais magra, sabe? Quando eu ouvi aquilo eu pensei devo tá um palito na foto, quando olhei a foto, quase rasguei em 500 partes e joguei fora, né! Ai, que raiva! E ela: ai, tu não enxerga? Não eu não enxergo, eu tô enxergando uma gorda inchada, obesa, elas ficam indignadas, mas é o que eu tô vendo, é o que eu tô vendo ali...”

De - E quando tu olhas no espelho agora, como é que tu te enxergas?

H - Eu me enxergo gorda, mas na foto parece muito mais gorda... é muito estranho ...eu me acho muito mais bonita..., eu não me acho bonita, mas me acho muito melhor me olhando no espelho do que em foto...

De - E como os teus pais te enxergam, o quê que tu lembras de pequena, o que eles falavam de tí, tu tinhas um apelido?

H - O meu apelido é pulga... porque..., o pai põe apelido em todo mundo, né... aí quando a Jã nasceu, que é minha irmã, ele chamava a minha mãe de preta, aí ele falou: “ah, nasceu uma pretinha” e a Jã era branca que parecia a branca de neve, né... Aí quando a fofa nasceu, que é a minha irmã do meio, que pesava cinco quilos e lá vai pancada, aí ela era enorme de gorda e o meu pai: “ela é muito fofa”, quando eu nasci, eu nasci a metade [da irmã que tem apelido de fofa e que nasceu com mais de cinco quilos], eu nasci uma pulga, aí o pai olhou pra mim: “ah, é tão pequena que parece uma pulga”. Aí, na infância toda eu fui a pulga, a pulguinha, porque eu sempre fui pequenininha... depois que veio a desgraça...

É estranho que, nos 15 anos da J., eu tinha 10, a fofa, eu sou mais alta que ela agora, mas eu batia praticamente no ombro dela... depois dos 12 aos 14 eu cresci *muuuuito*, sabe, tanto pra cima quanto para os lados, eu vejo pela minha sobrinha, ela usa roupas minhas assim que... eu digo meu Deus...

De - Tu eras magrinha?

H - Quando eu era pequena eu era magrinha e baixinha... acho até os quatro, cinco anos eu sempre fui magrinha, aí depois eu comecei a virar aquelas crianças pançudas sabe? Até os dez anos eu era assim... barriguda

Aí depois eu comecei a engordar... eu crescia e engordava, não notava tanto... não era obesa, gordinha, né?

De - E a tua adolescência... o que tu lembras? Como era a tua relação com os teus amigos, família?

H - Eu me lembro, eu sempre fui muito abobada, sempre fui muito pirralha, eu saí do J. [escola] com 13, as pessoas já estavam ficando e eu brincava de esconde..., de pega, com as crianças mais novas... de joga bola... eu me lembro na sexta série um guri me pediu em namoro, naquela época eu era magra ainda... e eu me lembro que eu falei para ele, para quê, tu tá louco... eu era muito pirralha... sabe, lerda mesmo... era lerda mesmo...

De - E o que tu achas de namorar?

H - Agora eu acho que eu tô na idade, né [risos], com 23. Ai, eu não sei se fosse hoje, não sei se eu não tinha ficado com o guri eu tenho muito essa sensação de ter deixado as coisas passar e não ter feito sabe, só que na hora não era o que eu queria assim, eu era "boca aberta"... eu lembro quando eu entrei no Julinho, eu entrei com 14 (pesava 94 Kg), com mil recomendações da mãe: tu não olha pra ninguém, tu não fala com ninguém... e no primeiro grau eu era, eu tinha minhas colegas, só que não era aquela coisa assim, de dá conselhos, ir na casa, eu tinha na minha cabeça que amiga era coisa de faculdade, quando eu chegasse na faculdade eu ia ter minhas amigas pro resto da vida... eu era muito bicho do mato, bicho do mato não, porque eu tinha bastante amigos assim, amigos não, colegas, sabe... brincava na rua com todo mundo... a gente tinha uma casa em gramado, a gente passava todo fim de semana lá porque o pai é de lá... então, sexta-feira... tinha uma Caravan... que ia lotada de gente dentro do carro, então, não sei se porque as gurias conviviam, tinham as primas juntos, então eu não dava muita bola, sexta-feira virava as costas, ia embora...então não tinha esse vínculo...

De - Em relação aos meninos como eram as recomendações...?

H - Ah... ela nunca falou nada, eu me lembro quando as gurias começaram a ficar, namorar, coisa e tal, ela vinha explica como eram feitos os filhos... eu sempre ficava ouvindo, mas achava aquilo um nojo... ah, pra que ficá se agarrando, quando eu via elas ficando com os gurus: “ah, que coisa mais nojenta em vez de ficarem jogando bola, eu era muito guria assim, sabe, joga bola, de rola no chão, de... bom, eu passei meu primeiro grau todo, eu chegava em casa, brincava a tarde toda, aí eu tomava banho botava minha roupa de ir no outro dia pro colégio, aí outro dia eu acordava enfiava meu tênis... o codinome do meu tênis era banheira, porque eu comprava o tênis dez vezes maior que o meu pé, porque era prático sabe botava... durava anos e a Fofa ficava se arrumando toda, secava o cabelo e eu: “ai meu Deus”. Sabe eu era muito assim, nunca tive vaidade, não tive nada, aí quando eu fui pro J. [escola] minha mãe dizia que tinha medo: “só tem drogado, matador de aula, só tem isso, aí ela dizia: não faz isso, não faz aquilo, não senta do lado de ninguém...” um colégio enorme daqueles... o colégio que eu estudava era uma coisinha de nada, Mas eu falava com todo mundo assim, eu me dava bem com todo mundo só que... tu pediu das amizades assim... lembro de uma guria, me adorava, me adorava, era aniversário dela de 15 anos e ela me convidou, eu: “ ah vou pedir pra minha mãe...”, só que eu nem pedi pra minha mãe, minha mãe não sabe até hoje da existência dessa guria... E ela: “pediu pra tua mãe?” E eu : Bah, pedi e ela não deixou, e ela: “ah, eu vou lá falar com ela” e eu só o que me falta, e eu: ah não, ela é muito chata, não vai que ela não vai

deixar e a guria tri chata, queria ligar e eu: eu vou falar com ela de novo, se ela deixar de repente eu vou aí eu acabei dizendo pra guria que eu ia e no fim não fui e ficou por isso mesmo sabe e ela: “ai não foi ninguém...” não sei o que lá...

Então eu nem falava pra ela, tinha as viagens de turma, não vou... ela não ficou nem sabendo que tinha eu não posso dizer que ela proibia porque eu nem falava... e essa minha comadre agora a gente é amiga desde... eu lembro no primeiro ano quando a gente se conheceu ela me convidava para ir para casa dela, ela é bem ao contrário de mim, ela te conheceu hoje, amanhã já tá dormindo na tua casa... e ela pediu meu telefone e eu: ah, eu vou te dar, tu não me liga, bem assim, eu falei pra ela que eu não gosto de te dar meu telefone porque eu não gosto que me liguem, eu não dava o telefone pra ninguém, eu me lembro que tocava o telefone e eu dizia: ah, se for pra mim eu não tô, porque nunca era pra mim e era ela no telefone: “ai, desculpe por ter ligado, é que eu preciso saber uma matéria para uma prova...” e eu ah, ta, só um pouquinho, aí tratava a guria tri mal, mas eu era assim... no primeiro ano eu era assim... aí eu passei e a maioria dos alunos rodou...

De - E quanto tu pesava nessa época?

H - Quando eu entrei no J. [escola] eu pesava 94... eu entrei em 94 e pesava 94... eu não era gorda... eu era grandona porque eu já tava alta naquela época... eu era normal... gordinha assim... não era obesa...

De - E quando tu resolvestes fazer a cirurgia, o que tu esperavas da cirurgia?

H - Eu tinha a ilusão de que eu ia fazer a cirurgia e ia acordar magra... eu tinha a ilusão que eu ia emagrecer 50 quilos e ia ficar magra... sabe, não sei porque...

De - E tu emagreceu já isso...

H - Mas eu não noto... eu achei que em dois meses eu ia emagrecer... e foi muito difícil pra mim, tá sendo muito difícil pra mim... o problema de vê comida, eu tenho o problema assim de olha e ter vontade, entendeu?

De - Tu falaste que tu pensavas que irias acordar magra, o que é ser magra pra tí?

H - Ser magra para mim é pesar 60 quilos.

De - Como é uma pessoa que pesa 60 quilos, como tu imaginas uma pessoa, me dá um exemplo de alguém...

H - A Moni... ela pesa 58 eu acho, se eu peso que nem a Moni eu sou a pessoa mais feliz do mundo... é o tipo de corpo que eu adoro...

De - Quando tu disseste que te via no espelho “normal”... era como a Moni...?

H - Não... eu me vejo gorda, mas na foto eu sempre me vejo mais gorda, né? Muito mais... eu não consigo sonhar comigo magra, eu não consigo me imaginar magra... tu sabe o que é não conseguir se imaginar magra? Nunca consegui. E eu olho fotos minhas de quando eu não era tão gorda, mas eu não consigo mentalizar, não consigo, a coisa mais estranha do mundo...

De - Mas quando tu fizeste a cirurgia tu estavas com 173... quanto falta pra tí chegar nos 60?

H - A Dra. A disse que eu chego nos 70...

De - Mas porque ela acha que tu não chega 60?

H - Ah eu nem pedi, porque se eu falo isso ela me dá um soco na minha cara, né?

De - Por quê?

H - Ah... porque para a minha estrutura nem é para 60 quilos, eu acho, eu sou grande sabe...Eu nem pedi pra mulher, porque quando eu fui na M., nutricionista, antes da cirurgia, eu pedi pra ela quanto que ela achava que eu chegava, porque eu já tinha lido que eu emagrecia no máximo 50% dos teus quilos, né e 50% é 90 quilos, é como eu tava quando eu entrei no J. Só que antes da cirurgia eu tinha medo que qualquer coisa que eu falasse eles iam dizer: “não tu não serve para cirurgia” Então, eu cuidava muito o que eu falava, eu não questionava nada... 90 quilos pra mim tá ótimo, se eu ficar com 90 quilos eu vou ser a pessoa mais feliz do mundo, claro que era mentira, mas eu tinha medo de chegar e dizer: “ah não com 90 quilos eu não quero”, eles iam dizer: “então não faz!”. Então, eu andava nos cascos, mas eu tinha fé que eu ia emagrecer mais, aí na minha última consulta com a Dra.. A eu pedi se ela tinha idéia assim quantos quilos eu podia chegar, né... aí ela disse que acreditava que eu chegava nos 70...

De - Tá... e como é que está sendo pra tí a cirurgia, como é que foi a cirurgia, o ato cirúrgico, como é que tu viveu essa parte da cirurgia?

H - Eu nunca tinha me cortado, né, então, no dia da cirurgia eu tava tão calma, que eu pensei... na realidade eu tinha certeza que não ia acontecer nada, sabe quando tu tem certeza, nunca tive tanta certeza na minha vida de uma coisa como eu tinha certeza disso.

De - Tu querias muito fazer a cirurgia...?

H - Sabe, tanto assim uma..., eu nunca me senti daquele jeito na minha vida, assim... plena! Sabe, eu tava assim, parecia que eu tava anestesiada, sei lá... eu lembro quando eu me entrei no bloco a sala é redonda... eu não conseguia parar de rir, eu tava assim, eu não acredito que eu tô aqui... sabe, assim... Eu me lembro que o anestesista veio por cima de mim, a minha barriga tremia de tanto que eu ria, eu não sabia se eu ria ou se eu chorava, se ele chegasse “olha não tem anestesia vamos te abrir assim”, eu dizia “abre que não dá nada”, sabe? Então eu me lembro que eu tava... tinha certeza que não ia acontecer nada, tinha certeza que eu não ia morrer, eu tinha... nem pensei nisso na realidade... sabe, eu tava convicta daquilo, era aquilo e deu! Ou era aquilo ou era a morte pra mim! Eu sempre achei que cicatriz palpitava... palpitava que... porque às vezes quando te corta o dedo com uma faca começa a pulsa, né... eu tinha essa impressão, antes... eu nem senti a cirurgia assim, até hoje eu não sinto a cicatriz, mas aí, quando eu saí da sala cirurgia, na UTI eu não sentia nada, eu só sentia a boca muito seca, assim... quando eu fui pro quarto que eu comecei a sentir uma dor horrível, horrível, horrível assim de, bah, não sei te explicar a dor, não sei te dizer como é que era, acho que mais uma sensação do que dor, parecia que tava mexendo... bom, eu tava histérica, não sabia mais o que fazer! Aí o Dr ...quem sabe dando morfina, né... ... vamo dá morfina pra guria porque... chegou o anestesista...

De- A dor era no estômago?

H - Não era por dentro... tudo aqui, tudo! Te subia um negócio... era horrível, horrível, uma dor infernal desgraçada duvido que dor de parto seja pior...

Não sei te dizer a dor como é que era, aí ele veio e começou a me dar morfina, né, tava tomando dolantina, tava tomando morfina, tava tomando tudo... não tinha mais remédio...pra me dar... aí eu passei um dia assim, dos inferno, muito mal mesmo... aí depois, tá... foi passando, foi diminuindo,né... e eu pedi pra tirarem meus remédios, porque eu não queria ficar dopada, queria saber o que tava acontecendo, sabe... as gurias entravam: “ tu tá com dor? “ Eu tava com dor, mas dizia que não, “não, tô com dor, eu tô bem, tô ótima...”

De - Mas tu sabes o que eles fizeram? Eles grampearam o teu estômago..?

H - Eles grampearam... foi a bariátrica, foi a de grampear... eles grampearam, eles desviaram o intestino e tiraram a minha vesícula...

De - Tiraram a tua vesícula? Por quê?

H - Porque ela tava com a aderência... aí o Dr. Lúcio disse que ela ia complicar a minha vida com o tempo então tirou...

Aí... dizem que doeu mais por causa... dizem... sabe o povo, né... aí, tirar a vesícula é horrível! Então não sei o que doía, se era o intestino que doía... eu sei que era uma mistura lá por dentro que era horrível, mas durou um dia assim, só que os outros dias eu passei bem assim... só quando tomei a sopa depois, que no primeiro dia de sopa é (suspiro meio susto)... tomei 30 ml de sopa eu tinha impressão que eu tinha estourado tudo... doía as costas, doía... doía tudo, doía e doeu! Assim, aquela sensação de tu come, quando tu come demais e tu fica estufado e não consegue respirar, sabe tu fica assim, essa a sensação que eu tive... com 30 ml... uma palhaçada, acho que eu fiquei uns dez min. pra tomar aquilo, mas foi horrível... eu molhava a língua e parava...mas foi horrível, mas depois passou também...

De - Por quanto tempo tu ficaste tomando 30 ml de líquido?

H - No hospital, dez dias.

De - Aí tu foste para a casa?

H - Fui, aí eu já fui com 30 ml... até hoje eu tomo menos que mandam, toma, come 150 ml é um pote, eu como acho que a metade... tem que mastigá tudo bem direitinho senão dói, né... eu como menos, bebe, eu bebo qualquer coisa, parece que não pode se assim gut, gut, emborcar uma garrafa... aí não vai, mas tu bebe um gole, bebe outro... aí tu pode beber quanto tu quizer... eu pelo menos sou assim... água, líquido em geral, suco, essas coisa... eu já pedi pra Dra. A porque eu morro de medo de alarga o meu estômago, aí eu falei pra ela que eu tomava, tomava e não me enchia, se eu tinha estragado a minha cirurgia, aí ela dizia que não, que o líquido é mais rápido e o sólido não, eu como metade desse copo aí eu fico parece... tô embuchada.

De - E tu tinhas (antes de fazer a cirurgia) algum problema de pressão alta, colesterol alto?

H - Tinha, tinha... Tudo alto, pressão alta, colesterol alto, problema de pressão, não tô mais tomando o remédio da de pressão, eu tenho alta, mas quando eu tô muito estressada...

De - E normalizou o colesterol...?

H - Hum Rum, mais aí assim não, não dá cirurgia assim, aí eu voltei pra casa, os primeiros 15 dias foram bons, aí depois eu comecei a vomitar, vomitar, vomitar, não parava de vomitar, não parava de vomitar, aí vinha no hospital, na emergência me davam Plazil, passava, aí eu ia pra casa ficava dois, três dias bem e vomitava, vomitava. Até agora não sei a explicação sinceramente... Aí no primeiro dia de novembro, quando eu tava fazendo quase três meses, eu vim no hospital aí o médico da emergência falou pra mim que achava que eu tinha que comer mais seguido, porque eu tava comendo de três em três horas aí dava duas horas eu começava a ter ânsia, aí a Dra. A falou que o suco gástrico que ele... aí quando tu produz aquele monte de suco gástrico e não come nada aí tu começa a vomitar, eu vomitava o tal do suco este que era uma espuma babenta, eu não vomitava comida aí falou que achava tinha que começar a comer de duas em duas horas aí comecei a comer de duas em duas horas e passou... Ontem eu tava enjoada, enjoada, tanto que eu, depois que a gente na peregrinação..., como a gente já tava lá, lá na Cristovão a gente foi no shopping total pra conferir uma sandália pro amigo secreto dela, eu disse: olha, preciso ir na emergência, que eu tava muito enjoada, desde Domingo eu tava mal, mas eu acho que foi porque eu passei muito tempo sem comer... aí fica

um círculo vicioso... fico quatro horas sem comer eu começo a ficar enjoada, aí eu como me enjoô mais, aí eu não consigo comer, porque aí eu vomito, aí eu começo a vomitar, vomitar e eu não consigo comer, aí eu como e vomito, aí eu preciso ficar uns dois, três dias tomando Plazil pra não vomitar pra ficar comendo de duas em duas horas de novo pra regularizar tudo...

De - E os teus pais são gordos H, eles gostam de comer, dão valor a comida?

H - Na minha casa são tudo uns obeso, lá em casa a comida em primeiro lugar...

De - Mas quando você foi fazer a cirurgia? Tu imaginavas ficar como? Por que tu querias ficar magra?

H - No final... no final... (antes da cirurgia) , eu já tava quase convencida que se eu ficasse com 90 quilos eu ia ficar feliz, porque eu não tava conseguindo mais dormir, eu dormia sentada, eu não cabia mais no box lá de casa, eu não conseguia mais ir no banheiro, me limpar direito, não conseguia fazer praticamente nada... sabe, então... eu ia no banheiro me matava chorando que eu não conseguia me limpar, aí eu tomava banho sentada porque eu não cabia no box, aí eu dormia sentada porque eu não conseguia deitar, me dava falta de ar, então... se eu ficar... bom... bem para conseguir pelo menos... não tava mais pensando tanto na estética, tava pensando mais na... mais na... desgraça que eu tava passando mesmo sabe... aí... foi assim...

De - Por estética tu não farias a cirurgia?

H - Não, eu faria... com certeza eu faria... mais no final, assim, o que tava me pesando mais mesmo, foi o negócio de não tá... não tá aguentando mais mesmo, sabe... de tá estourando assim, de toma remédio de pressão... se eu não tomava... eu tomando a minha pressão era 15 por 12, eu não aguentava mais...

De - Como é que tu estás te sentindo agora?

H - Tem dias que eu passo tão bem, tão bem... que nem parece que eu me operei eu fico tão feliz sabe, aí quando eu tô enjoada... ah eu digo não acredito... sabe? Mas agora eu tô bem...

De - E esteticamente fez diferença? Tu gostas mais de sair, de ver gente de namorar?

H - Ah, agora o L., o psicólogo, fica me enchendo o saco: Ai, tu tem que sair, tu tem isso tu tem aquilo...”. Eu tô tomando remédio pra depressão, né, tô tomando Panfletin, às vezes saio, às vezes não... ele diz que eu tenho preconceito comigo mesma, que eu saio já braba que todo mundo vai me olhar porque eu sou gorda, que eu acho isso... não eu não acho, eu tenho certeza...! Aí ele qué enfia na minha cabeça que isso é coisa da minha cabeça, mas não é, eu sei que não é...

De - Mas como é isso da depressão... desde quando?

H - Desde sempre... às vezes eu tava tri feliz, eu tava rindo, de repente eu olhava para o lado e começava a chorar, a chorar, a chorar... de passar noites chorando... e eu jurei pra mim que depois que eu fizesse a cirurgia não ia cair um lágrima, uma gota de lágrima do meu olho... Aí quando eu fiz a cirurgia, que a B [psicóloga do hospital] falou que achava que depois eu ia precisar de acompanhamento, e eu pensava, eu só queria liberação, né, eu só queria liberação, eu pensava capaz, a cirurgia vai resolver a minha vida e eu vi que depois que eu fiz eu continuava chorando, passando as noites chorando... e eu não sei porque... E eu passava a noite chorando com o travesseiro na cara para ninguém ouvir, sabe... aí que eu falei pra minha amiga: olha eu preciso de um psicólogo eu não tô bem, eu não tô conseguindo assimilar sabe. Eu sonhava que eu não tinha feito cirurgia, eu sonhava que eu ligava para as pessoas: bah, nem sabe eu vou fazer cirurgia... Mas eu não conseguia assimilar que eu já tinha feito, sabe,

foi difícil assim, tá sendo ainda, até hoje. Sabe aquele Globo Repórter que teve há duas semanas atrás... os caras tavam dando depoimento e eu olhei: bah queria tanto fazer a cirurgia... mas é questão de segundos, né, opa eu já fiz... sabe uma coisa assim que não... a impressão que eu tenho é que não tá gravado na minha mente “já fez a cirurgia” entendeu... parece que quando alguém fala eu fico pensando em fazer, opa, eu já fiz...

De - O que que tu achas... porque não ficou gravado?

H - Eu não entendo sabe... de sonhar assim que... é muito estranho... eu sonho que eu encontro as pessoas assim no passado e: bah, tu nem sabe, eu vou fazer a minha cirurgia. Sabe, mas já tendo feito... “bah, que legal quando?” Eu não sei ainda, mas eu vou fazer... Sabe, umas coisas assim. Aí depois eu sonho que me pedem: “tu já fez a cirurgia?” Eu digo: não, ainda não, mas eu vou fazer. Sabe, umas coisas estranhas...eu não sei porque eu sonho isso?

De - Será que a cirurgia que tu tens pra fazer não é outra?

H - Como assim?

De - Essa que tu estás começando com o L... Uma cirurgia da forma como tu te enxergas, poder perceber o que tu emagreceste...

H - Pois é... ele fala: “tu me emagreceu 50 quilos é muito!” Eu digo:L, mas eu não noto, eu não consigo achar que é muito... Eu fico indignada porque, tanto que quando eu falo para as pessoas eu não falo quanto eu emagreci, porque eu falei um dia para uma cliente nossa... “quanto tu emagreceu?” Eu tinha emagrecido 40... e eu : ah, emagreci 40... “Ahaaa, não emagrece muito guria, senão tu vai ficar raquítica...!” Eu quase desliguei o telefone na cara dela, porque as pessoas não tem noção que, que... não sabem que tu pesa 200 quilos, entendeu? Quem vê pensa: “Ah, é gorda pesa 100 K”, sabe, eu fiquei muito braba, olha!!! Eu emagreci 40, e eu tô com 150 ainda!! A pessoa não tem culpa, mas eu fico braba, sabe, aí é uma coisa que eu noto que é errado, mas eu não consigo mudar... aí... eu já falei pra ele... [psicólogo]: “Ai, L. eu preciso vir aqui, porque eu sei que tenho problemas, isso não é normal... vai fazer um mês, não é muito tempo, né? Mas muita coisa eu já mudei, porque antes eu não me prestava nem a botar uma roupa, botar um brinco, né, eu andava que era um.... Aí ele falou pra mim: “mas nem brinco tu é capaz de botar!” Ah, eu não me dou o direito, eu acho que só magra pode usar brinco...

Aí, até hoje eu ia saindo eu ah não... eu não me prestei nem a trocar de chinelo, né... ah eu vou botar um brinco, ele me encheu tanto o saco pra mim botar um brinco que eu vou botar um brinco...

De - Tu já olhaste só o teu rosto no espelho?

H - Eu só olho para minha cara... tu acha que eu olho pro resto? Muito raramente... me dá uma depressão...

De - E o quê que tu vê?

H - Eu vejo uma gorda, vejo uma bolacha, fico muito indignada! Eu não me olho muito no espelho... eu não gosto...

De - Já te disseram que o teu rosto é muito bonito?

H - Já, mas eu não gosto muito de ouvir isso também... não sei, eu não gosto.

É estranho sabe... quando eu vou tirar minha sombrancelha... eu pego um espelho pequenininho e só olho para a sombrancelha e não olho pro resto... se eu vou tirar uma espinha, eu vou e olho só pra espinha, não olho assim o todo, eu olho só o que tem que olhar

... é bem estranho... eu tenho problemas com o espelho... mas eu não me acho feia, eu acho que se eu fosse magra eu ia ser bonita, mas eu não consigo me aceitar, eu não consigo ser uma gorda que se aceita, sabe...

De - Será que a questão não é tu se aceitar não gorda?

H - [Risadas] Mas eu não engordava porque eu queria!!

De - Mas alguma coisa te fez engordar, se fosse só da tireóide, tu continuarias engordando?

H - A boca né... [risadas].

De - Se fosse só da tireóide, tu continuarias engordando mesmo depois da cirurgia, não?

H - Teoricamente quando eu comecei a tomar o meu remédio, o médico me disse que eu não ia engordar mais e eu continuei engordando... Mas eu tenho amigas gordas, né. ...tem gente que é gorda e que se arruma um monte... até o L falou: “ai, tu não pode deixar pra se arrumar só quando tu for magra”, mas eu não consigo... sabe? Assim...

De - Tu já namoraste alguma vez?

H - Eu nunca dei beijo na boca...

De - Tu tem vontade?

H - Agora eu tenho, né, sim né, tô uma véia!

De - tu tá com 23...

H - Mas eu me acho muito velha... acontece que a minha sensação de tempo perdido que me mata, sabe? Quando eu me dei conta que eu era uma imbecil, as minhas amigas já tavam até com filho e eu nem tinha beijado, mas eu era muito gorda... entendeu?

De - Mas existem pessoas gordas com filhos...

H - Pois é, mas eu não consigo imaginar um gordo beijando [ato falho], quer dizer, olhando outra pessoa... Ai! Ai! Sei lá...

De - Tu podes engordar o que tu emagreceste depois da cirurgia...

H - Dizem que pode... se tu vai aos poucos... eu morro de medo de, de, de... tanto que é por isso que eu como menos do que mandam, porque eu tenho medo de, de ... de repente ah, hoje eu como 100 ml, amanhã eu como 110, depois eu como 120 ml... porque o estômago é um balão né, então eu cuido muito isso, ah eu morro de medo, morro de medo.

De - Tu fazes algum exercício?

H - Eu tô caminhando agora um pouco, mas é... mas não é muito assim porque eu quero começar a fazer hidro agora em janeiro, se eu conseguir... por causa do impacto, pra não cansar tanto, aquela coisa, eu caminho, agora eu tento sair mais na rua... depende... eu... semana passada, eu fui no centro, também fui uma louca, bah eu cheguei em casa, bléee... vomitando, esqueci de comer...

De - E o que dizem os teus pais agora te vendo emagrecer?

H - Eles não dizem muita coisa... o meu pai me chama agora de “porca macal”.

De - O quê? O que é isso?

H - É uma raça de porco que só tem banha, porque minhas pernas me doem demais, demais, assim ó, tem noites que eu não consigo dormir... aí eu falei pra Dra. e ela falou que é a banha amolecendo... que dói mesmo... mas é uma dor insuportável que parece... um dia eu fui suando de salto no centro é dez vezes pior, aí eu boto minhas pernas para cima e nada

adianta... aí falei pra ele [pai]: bah, pai a Dra... me disse que a gordura tá amolecendo... meu pai é um gozador, sabe, não leva nada a sério, aí ele falou: “também, tu é uma porca macal que mataram o porco e só tem banha.” Ele veio me chamar disso...

De - E o que que tu achas disso?

H - Me mato de ri... nem dou bola! Aquele idiota!

De - Mas e quando tu resolveste fazer a cirurgia... o que eles disseram?

H - Ah, todo mundo me apoiou, né... porque do jeito que tava não podia ficar mesmo... a mãe tinha medo... O pai não fala nada, não fala nada de nada, ele não fala muita coisa, apesar de ser um dos que mais me apóia, quando eu tô vomitando ele fica parado do lado mas não fala nada, sabe, é estranho assim...

De - Como é que tu achas que vai ser pra eles se tu ficares “magrinha tipo a Moni”?

H - Acho que vai ser muito estranho... é estranho, né... eu acho é mesma coisa que tu te acostumar com uma filha com filho, uma filha grávida, é a mesma coisa...

As gurias [irmãs] quando eram novas eram muito magras, a Jã engordou depois que ela casou, a retardada, foi casar e virou um balão...

De - Como assim? O que tem a ver casar com virar balão?

H - Ah, não sei, porque é muito burra, né? Arranja um marido e me engorda eu não entendo isso... é que eu não consigo imaginar alguém com alguém do lado gordo entendeu... eu sou muito preconceituosa, eu sou mesmo, eu admito, eu não consigo imaginar, entende, ela custou a encontrar o marido dela, aí ele [marido da irmã] ganhou um prêmio dos vigilantes do peso que emagreceu 60 quilos durante um ano, ele saiu na “Pense Leve”. Quando os dois começaram a namorar ela pesava 50 quilos era desse tamanho... aí tem foto dele... ele parecia um aidético, ela com uma mini saia e uma mini blusa, casaram e buf! Ai, não consigo... eu não acredito e a minha irmã... a fofa foi a vida toda magrinha... mas depois que engravidou que...

De - Mas o apelido dela era fofa mesmo magrinha...?

H - Era... É que na verdade os nossos apelidos são de berço... são de maternidade... mas ela nunca foi gorda, ela era daquelas históricas que na época que eu dormia de roupa, ela ficava deitada do lado fazendo abdominal, a barriga dela era um tanque.. e hoje ela é bem gorda... ela começou a engordar quando entrou no E. [hospital em que trabalha], ela só comprava roupa e comida, mas ela ficou traumatizada porque ela namorou sete anos um cara e quando ela engravidou ele deu um pé na bunda dela... ela tem problemas psicológicos... ah, ela largou de mão sabe, agora ela vive pra a filha, ela não precisa de ninguém... é bem assim, sabe, ela engorda, vamos dizer, que... não tem namorado é porque ela não qué... pra se esconder, eu acho pelo menos...

De - Mais alguma coisa H, que tu achas importante?

H - Eu não sei se tem a ver, eu só queria falar que eu achava que quando forem fazer... o problema dos gordo é o olho, quase todo mundo come por olho, ninguém come por...fome, sabe, e eu acho que quando eu ouço assim que vão fazer cirurgia, eu falo pra todo mundo: fome tu não tem, mas cuida o teu olho, trata o teu olho, o problema é a vontade sabe, quando eu cheguei no L., a primeira coisa que eu falei foi: olha eu não consigo ser feliz sem comer... porque a minha vida era comer, sabe, então o tempo não passa e tu não come.. então eu achava... que em palestras... eu fui em um monte... ninguém nunca disse isso, sabe... eu achava que era uma coisa que as pessoas tinham que dizer, entendeu?

De - E o que tu achas das modelos serem magrinhas, de ter um ideal de beleza magro, tu acha que isso influencia para as pessoas engordarem e emagrecerem?

H - Eu acho que sim, mas eu acho que porque por causa disso é que tu tá andando na rua e passa um imbecil e põe a cabeça pra fora do carro e te chama de baleia, entendeu...

APÊNDICE B - TERCEIRA ENTREVISTA

H chega para a terceira entrevista em 22 de agosto de 2008 com uma hora de atraso, sem avisar o atraso, do mesmo modo como ocorreu na segunda entrevista em 2006. Nesse momento, a entrevistadora já tinha previsto esta possibilidade deixando um tempo “a mais” para possibilitar uma nova escuta. Na segunda entrevista, três anos após a cirurgia, H chega levada pela irmã mais velha. Nesta última, dois anos depois, vem com a sobrinha de aproximadamente sete anos. Abre a mochila e retira com desenvoltura um *notebook*, organizando um espaço para a sobrinha ficar se distraindo na internet enquanto ela está na entrevista. Ao chegar chama a atenção pela sua apresentação: bem maquiada, vestida com uma calça social e uma blusa justa ao pescoço, porém com um decote protuberante. Estilo “mulher sensual e empresária de sucesso”.

Transcrição da entrevista.

De - Me conta como está tua vida hoje, o quê que tu estás fazendo?

H - Hoje, eu tô numa situação assim... não é angustiante, eu tô numa fase de... mudança, como eu te falei, eu trabalhava na “K” como promotora, ia fazer dois anos agora em Outubro e, agora, eu passei pra uma área de vendas que é outro tipo de... é outro mundo. É outro mundo, é outro salário, é outro chefe. Eu assumi uma área que é a região Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, coisa que eu nunca fiz, sabe, então, tá sendo bem... complicado, complicado no sentido que eu tô assim, ansiosa, com medo, porque eu tenho metas, eu tenho que mostrar serviço e a “Z” é uma empresa grande que confiou em mim, a seleção foi semana... faz um mês a seleção... e foi super difícil no sentido que... eu entrei num hotel, na sala de um hotel e tinham 16 pessoas, 15 homens e eu, todos eram vendedores, na média de 30, 40, todos formados, todos trabalhando em [grandes empresas].

De- Mas só voltando um pouquinho... na primeira vez que a gente conversou quando tu fez a cirurgia... tu trabalhavas com o teu pai... e tu foi pra onde depois... de trabalho?

H - Eu trabalhei com o meu pai até 2005, quando eu já tava magra que eu me operei, assim, eu fiz algumas plásticas, que eu já tava bem assim, quando eu já tinha coragem de sair de casa, fui trabalhar na “W” em telemarketing... foi o meu primeiro emprego porque eu queria brincar de trabalhar, né... porque eu queria ter carteira assinada, porque eu tinha 25 anos e

nunca tinha... né. Fiquei três meses na “W”, eu era muito piá, eu achava aquilo uma festa, sabe, era uma beleza... de crachá, então, “aii um crachá!” Rsss. Todo mundo... ai, meu Deus, essa guria não pode ser fora do... normal! Aí eu tive que fazer uma cirurgia, acho que foi a do seio, foi umas cirurgias que eu tive que fazer, e eles disseram que não ficariam com pessoas que tinham problemas de saúde... olha que ignorância, né... Aí, eu, ah, então tá, pra mim tudo era festa, tá, então me manda embora, aí me demitiram, não sei se era braço... mas era plástica, ainda... Aí eu fiz a cirurgia e fui trabalhar na concorrente [concorrente da gráfica do pai] que é perto de casa... aí, eu fiquei trabalhando lá, até 2006. Eu entrei pra cobrir as férias do arte-finalista, que era o que eu fazia com o pai, né. Depois, eu cobri as férias da menina que fazia orçamento, depois eu cobri as férias do outro cara da... porque eu sabia fazer tudo na gráfica, né. Aí, quando todo mundo voltou de férias, “ah, fica aqui fazendo alguma coisa”, e eu fiquei, fiquei na recepção. Eu era o quebra-galho, sabe, quando tinha alguma coisa...

De - E lá, tu ficaste quanto tempo?

H- Um ano. Aí surgiu uma vaga na... não sei se tu lembra da “Moni” que era [cargo], o marido dela é gestor da “K”, é brinquedo, Barbie, Fisher, Roth, Barbie... Aí, tinha o lançamento de uma boneca, uma boneca que fala 700 frases, e eles precisavam de uma demonstradora pra ficar uma semana só. Era uma semana que a pessoa ia ficar com a boneca no colo mostrando para as crianças. Aí, quem que vai ir? A “P” me conhecia e quem é que fala pelos cotovelos, né... já tava ajeitadinha, assim, já podia, no caso, me mostrar, uma coisa assim, demonstradora tem que ser magra, primeira coisa que me dizem que tem que ser magra. Aí eu fui, fui pra ficar uma semana. Aí, eu conheci o “J” como chefe, porque eu conhecia o “S”, marido da Moni. Aí, surgiu a vaga de temporária, e aí eu fiquei... até janeiro. Em março, eu fiquei de fixa na “K”, aí fiquei na “K”. Desde março de 2006. Aí surgiu essa proposta da “Z”, aí eu tô na “Z”. Eu pedi demissão. Lá eu era coordenadora das promotoras. Eu virei promotora fixa quando eu fui contratada e, em outubro passado, eu virei coordenadora.

De - Tu tava gostando?

H- Adoro, eu não tava, continuo. Adoro a “K”. Mas não tem pra onde crescer, não tem perspectiva nenhuma... Na “Z” sou só eu... quem responde pela região sou eu... Hoje na “Z” o meu salário fixo é 1900, na “K” era 3.500 de vendas; aí, na “Z” tu ganha premiação trimestral, que é outro salário, tu ganha telefone, tu ganha academia, tu ganha faculdade, carro, tu ganha tudo.

De- Tu tá estudando, o quê que tu ta fazendo?

H - Eu tô fazendo Marketing... depois eu vou ter que fazer Gestão em Vendas... eu comecei no Marketing por causa da “K”. Na “K” eu trabalhava no *trading*, né. E o “B”, o meu chefe agora, já disse: “quando tu terminar o Marketing, tu vai fazer Gestão em Vendas.”

De - E tu diriges?

H- Dirijo, desde outubro de 2007. Foi muito bom! Eu tirei a carteira pra passar pra coordenadora, aí eu comprei o meu carro, tirei a carteira e passei pra coordenação. Eu ganhava “K-m” da “K”, eles não davam o carro, tu usava o teu carro, daí eu comprei um fuca e [...]. Na “K”, eu ganhava 700 pila, então... e na “Z” o salário é de 1900, só que de três em

três meses, quando tu ganha premiação, se tu atingiu a meta, tu aumenta o teu salário, então, é super bom assim, o salário de vendas na “K” de início é 3.074... eu falei pro “J”: eu vou pra “Z”, mas quando tiver vaga na “K” é minha, eu já ameaço ele... isso que eu ia te falar... uma coisa que não podia ter acontecido aconteceu... É que eu tava noiva... Eu tava noiva do “P”. Só que a mãe dele continuou se metendo na vida dele e como ele era bunda mole, não tinha voz pra nada, a gente acabou terminando e hoje... ele trabalhava comigo rsss eu contratei ele como promotor da “K”. Tu acredita? Rsss Nós somos super amigos. Aliás, eu tenho dois ex e os dois são meus amigos. Aí entra o rolo, aí eu comecei a trabalhar na “K”, chamei o “P” pra trabalhar lá... e o “S” que era o meu chefe tinha um assistente de vendas que é era o “J”. Entendeu? E aí... ele dava muito em cima de mim, muito.. só que eu era de esquentar a cabeça... “Ah, eu sou tão feia, né”. No início eu achava que... ele tava de gozação, ou que eles tavam me testando...eu achava tudo que tu pode imaginar, sabe?

De - Tu estavas se achando feia?

H- Esse é um problema que eu tenho ainda, sabe, que eu não sei me valorizar, sabe, que eu não consigo dizer não, que eu não... às vezes, eu agüento muita coisa, principalmente em relacionamento que... a coisa de ser rejeitada assim, sabe, não sei te explicar bem, é uma coisa tão estranha... eu acho que isso é inconsciente... eu não vou conseguir nada melhor... é uma coisa tão estranha... é o medo do não, de ser desprezada. Quando eu vou em festa, ainda, é uma coisa muito forte em mim, ainda, de ter medo de... não vou olhar pra ninguém bonito... porque eu, eu... não tenho chance... porque eu sou gorda, porque vão me chamar de gorda, porque...

De - Tu ainda te achas gorda?

H - Eu me acho, eu tenho que emagrecer 20 quilos! E eu não me conformo em ter engordado, sabe, eu não me conformo!

De- Tu engordastes quanto?

H- Eu engordei de 72 pra 85, 13 quilos! E eu quero chegar aos 72, eu tenho que chegar aos 70 na realidade. Foi o que o “W” [médico] falou. Mas... ai, sei lá... Bom, aí eu, eu... o “J” começou a dar em cima de mim, no início eu não notei porque eu achava que era impossível, eu achava que era pegadinha... sei que a gente teve um relacionamento e eu me envolvi com ele de verdade, sabe... eu gostava muito dele, só que não podia ter um envolvimento lá dentro, então, era escondido, ninguém sabia, até o “S” descobrir. Então, assim, oh, eu sou apaixonada pelo “S” no sentido assim, oh... [inaudível] que nem tu que me entende, assim oh !Deus o livre. Ele é uma pessoa boa, ele é legal, ele... ai, eu não sei te dizer, ele é muito, muito legal... só que eu acho isso dele hoje, né, ele era o marido da Moni e era o meu chefe, mas eu não tinha proximidade com ele porque ele deixava nós com o “J”, porque ele tem muita coisa pra fazer, ele é responsável por muita coisa na “K”, porque ele é gestor, né. O “J” era assistente, então, quem era responsável pelos promotores era o “J”, então, eu tinha muita proximidade com ele. E a gente se envolveu... Aí tu pergunta o que eu tinha com o “J”... eu não sei... não sei se eu era amante... porque quando ele começou a dar em cima de mim, ele tinha namorada... amante, se eu era ficante, se ele queria me come...

De - Vocês transaram?

H - Transamos. Ele foi meu segundo cara, né, o segundo e último...

De - Com o “P”, tu transou?

H - Transei... É que é aquela coisa eu... o meu pai chegou pra mim, falou assim... ele achava que eu queria casar porque eu tava com curiosidade de saber como é que era... Assim, oh, o meu pai é muito repressor, ele tem cara de brabo e todo mundo sabia que eu queria casar virgem. Aí ele chegou pra mim e falou pra eu parar com essa besteira, que ele sabia, ele achava que eu queria porque queria me casar, porque eu queria saber como é que era... entendeu? Aí começou aquela pressão pra cima de mim, porque todo mundo sabia que eu não ia dar certo com o “P”, porque ele era [...] só que eu era [bicho do mato?], sabe... E...agora tão botando a culpa nele por causa dessa besteira que eu queria casar virgem e ele “agora tão dizendo que a culpa é dele”, que por ele ser muito com cara de brabo eu sempre fui muito amiga dele porque a gente trabalhava junto. E,ninguém entendia a minha relação com meu pai, porque ele sempre foi muito assim... comigo não... a gente conversava... normal..

De - Eu lembro de você ter falado que ele era muito quieto, que ele não falava...

H - O pai... ? Ele é muito assim, oh... ele não fala, ele faz cara, sabe, ele faz assim, oh... sabe, mas quando eu dei o meu primeiro beijo, eu fiquei uma semana: “como é que eu vou dizer pro pai que eu dei o meu primeiro beijo...” Foi uma semana antes dos meus 25 anos... E eu peguei e falei pra ele... e ele: “tava na hora mesmo, uma véia e nunca beijou!” Então... ah, eu ia casar com o “P”, não vou transar, acabei transando... só que quando a gente terminou eu fiquei assim, “putz, eu ia casar e agora como é que vai ser... sabe, quando tu fica assim... e agoraaa, como é que vai ser!? E o “J” me envolveu de uma maneira, aí que guri desgraçado, que eu sou apaixonada por ele até hoje... só que aquela coisa, quando ele começou a dar em cima de mim ele tinha namorada, só que ele me agarrou um dia, aí eu me ofendi horrores, o quê que tu tá pensando tu tem namorada... Aí quando eu comecei a gostar dele a gente ficou e ele foi viajar... “eu não vou ficar mais contigo”, tem a mulher, né. Aí ele terminou com a namorada dele... [inaudível] mas a gente não podia, então, era muito estranho porque em reunião assim, tudo que tinha, ele me sempre me cobrava mais coisa porque eu acho que ele tinha a consciência pesada, sabe, então em toda reunião que tinha eu sempre saía chorando e ninguém sabia de nada, as promotoras não sabiam, não sabiam nada. Aí falavam: “gente, porque ele te trata assim, né... é um louco, aí que horror”. E quando eu comecei a gostar mesmo dele eu não tinha coragem de dizer as coisas pra ele, de fazer tipo uma cobrança “ou tu assume ou vai te catar”, porque eu sei que ele iria me mandar eu me catar, entendeu... então, eu tenho muito medo de ser rejeitada, tenho medo mesmo...

De - [inaudível]

H - [...] quando ele me deu um beijo eu me ofendi horrores... aí ele me ligou e me pediu desculpas... “ai, que não agüentou”. E eu não contei pro “S”, “fala pro ‘S’”, a minha irmã disse, “que abusado”. E ele é amigo pessoal do “S” [...], o “S” ia me mandar embora, entre os homens eles se entendem, né. O “S” não vai, né... Aí continuei, né, agüentando, aí depois de um mês eu já tava... ele me botava muito pra cima: “ai como tu tá bonita, como tu é isso, como tu é aquilo”. E eu ficava, ai... ele me acha bonita, sabe...

De - E outros homens, não te olham?

H - Ai, não sei, acho que não, eu tenho um imã pra imbecil.

De - E quando tu sai?

H - não sei... porque o último... depois que eu terminei com o “P” eu me envolvi com o “J” e o “J” foi embora em janeiro, e eu tô velando ele desde janeiro, sabe. Eu já fiquei com uns guris na noite, mas não é o “J”, sabe.

De - Mas como é quando tu sai na rua e passa um homem, tu não repara se te olham? Tu olhas?

H- Acho que não. A minha amiga promotora... tipo se eu saio com essa blusa ela fala: “homem é tudo igual mesmo passam olhando pros teus peitos” E eu: “onde?” Eu vejo os caras, mas olhando pra outras pessoas, a gente nunca consegue ver ninguém te olhando, né. Não sei, tipo na noite só chega imbecil, quem eu acho bonito nunca chega em mim...

De- O quê que tu achas que aconteceu no momento da cirurgia, o quê que tu lembras, o que te marcou?

H- Qual delas?

De - A da redução do estômago.

H- Quando eu me lembro, eu me lembro da dor, eu me lembro da minha frustração por eu achar que eu ia entrar na cirurgia magra, gorda [ato falho] e ia sair magra, não sei por que eu tinha essa ilusão... e eu, a minha frustração maior foi tu não poder comer e eu não tinha felicidade nenhuma, né. Na época eu te falei, né, que eu fui procurar um psicólogo porque eu não tinha felicidade nenhuma, o que eu vou fazer agora pra ser feliz. Não é que eu tenha até hoje, porque hoje eu como muito né, a minha vida é normal, essa estória, eu não sei se quando falam em revistas as pessoas mentem, aí porque, depois de três anos: “eu como meio cacetinho e me sacia”. Gente, eu como um cacetinho inteiro e se der eu como dois. Eu como muito, eu como como uma pessoa normal come, pessoal normal mesmo, não como uma magrela. E eu tenho medo mesmo de engordar, eu fico apavorada, aí eu como mais mesmo. Eu continuo descontando tudo na comida, sabe. Quando eu terminei com o “J.”. Por que mesmo que eu falei no “J”? Ah, porque ele falava muito que eu era muito criança, porque eu era muito... porque eu tinha começado a minha vida muito tarde por causa da minha Obesidade...eu era muito isso, muito aquilo, aquilo outro... só que ele foi transferido pra [outro Estado], foi ser gestor lá e aí surgiu a vaga dele aqui e ele pediu pro “S” me deixar no lugar dele só que o “S” tinha descoberto o nosso rolo [...] parar com isso, ia demitir nós dois, “quem é que vai pra rua...porque não pode, não sei o quê...” O “S” é muito correto, sabe... Aí a gente prometeu pra ele que a gente não ia ficar mais juntos, mas a gente acabava ficando. Aí ele foi embora e surgiu a vaga dele, e antes dele ir embora, ele pediu pra mim ficar no lugar do “S” [ato falho]. E aí juntou tudo, todo mundo achava que eu era uma bobalhona, que eu era muito criança... e ele não deixou e contratou outro cara no lugar... isso em janeiro...

De- No lugar do “S”...

H- O quê?

De - Vamos abrir um parênteses: ele pediu pra mim ficar no lugar do “S”... O que te lembra isso, a primeira coisa que te vem à cabeça....

H - Nas vendas, eu queria muito, eu queria muito! Mas não o lugar do “S”, o lugar do “J”. Eu queria muito ter ficado. Na verdade, nem queria ter ficado, naquela época eu tava tão apavorada que o “J” ia embora que eu não queria saber de salário, de nada. “Escuta H... estuda, te prepara que eu quero que tu fique no meu lugar.” Eu devia ter falado com o “S”, não falei nada... Aí o “S” contratou um cara e veio se justificar pra mim que tinha contratado um cara que era especialista em Excel, que eu tinha que amadurecer muito... Só que eu disse pro “S” que tu ganha bem, o “J” ganha bem, o guri que entrou ganha bem e a trouxa continua ganhando 700 pila. Só que na época eu não fiquei tão braba, que eu achava que o “J” era tão maravilhoso que pra ficar no lugar dele não podia ser eu. “então, tá tudo bem...” aí contrataram o cara...

De - O quê que tu acha que mudou na tua vida H...?

H - Mudou tudo! Quando eu me dei conta que ele ia embora e não ia ficar comigo eu pensei: “olha tudo que eu já passei, tudo que tá acontecendo e eu perdi uma oportunidade por ter sido besta, criança...” Abobadinha...

De - Mas o que tu achas que mudou na tua vida com “a cirurgia”?

H - Mudou tudo! Não tem comparação, eu nunca teria sido contratada nem como demonstradora se eu não tivesse emagrecido, sabe... porque eu me lembro quando me contrataram como demonstradora... eu tinha umas crises de pânico... eu me lembro de tá indo pro Iguatemi com a boneca no colo e de tá em pânico, eu me lembro de ligar pra [irmã] e dizer: “eu não vou ir, eu vou voltar pra casa” [...] eu tinha muita insegurança, sabe...

De - E a boneca...

H - A Vanda... eu entrei como demonstradora, eu tinha que pegar uma boneca e brincar com ela pra criança ver e querer comprar a boneca... uma boneca de 800 pila... então eu era muito bobalhona. E eles dizem, tanto o “S” quanto o “J” por eu ter ficado em casa muito tempo, por eu [...] até em relacionamento que eu tinha quase 30 anos, mas eu agia como se eu tivesse 15, sabe, que eu comecei na vida mais tarde e eu acho que isso tem algum fundamento, sabe, e isso tudo fez com que eu parasse pra pensar e ver quanta coisa eu tava perdendo, que eu não tinha como recuperar o tempo perdido, sabe, dos meus 15 aos meus 25 eu fui gorda!! Não podia agir como se eu tivesse 15 anos, eu tinha que agir como se tivesse 25. Só que eu tive que perder o cara que eu gosto, tive que perder uma oportunidade, eu tive que perder um monte de coisa pra ver isso, entendeu?

De - [inaudível]

H - Eu nunca parei pra pensar nisso! Rsssss. Eu não sei... tipo tem coisas que eu passei durante esse tempo que... a [irmã] disse que eu tinha que ter passado antes, não agora, essa insegurança... “tu não tem namoradinho de colégio”, sabe, porque eu cobrava coisas que as gurias de 15 anos cobravam, entendeu? E, no fundo, eu queria ter um namoradinho de colégio, de andar de mão dadinha, de ir no cineminha, às vezes eu vejo no *shopping* que as crianças tão matando aula pra ir no cinema, eu digo:” bah, queria ter passado por esta fase...”

De - Mas na última vez que conversamos, tu disse que queria casar...

H - Eu caí na realidade que, tipo assim oh, ninguém quer namorar com uma pessoa de 28 anos, ninguém! Eles acham que tu tem que ficar com eles pra transar eu tô naquela fase, eu não quero mais casar, porque eu acho ridículo uma mulher de 30 anos querer casar com véu e grinalda... eu me acho muito velha...

De - [inaudível]

H - Pra ele ["J"], eu sou o lixo do lixo, eu sempre me joguei, eu sempre...

De - Tu sempre te jogou?

H- Porque eu gostava dele.

De - [inaudível]

H- Ah, nem um pouco... No fundo, eu quero casar...

De - Com quem tu estás morando?

H- Eu tô com o pai e com a mãe, né, mas como a [irmã] tá estudando, eu tô ficando com a "C", eu durmo na casa dela... quando eu tava com o "P", que a gente tava noivo, a gente chegou a morar no mesmo apartamento, uns quatro meses... era super bom, eu gostava, enquanto eu gostava dele era legal. Sabe, qual é o meu problema, também, eu queria que alguém gostasse muito de mim... sabe, assim oh, se vai acabar o mundo, qual a pessoa que tu quer que sobre... eu não tenho ninguém que diga "eu", ninguém [lágrimas] ... tipo assim, hã, eu queria alguém que gostasse de mim, eu queria se priorizada na vida de alguém, entendeu? Eu falei, até falei isso pro "J", ele falou pra mim, que nem eu me priorizo como é que alguém vai me priorizar, sabe...Eu terminei com o "P", porque ele simplesmente pegou e foi pra casa dos pais dele, que ele ia todo fim de semana, eu ia com ele e no noivado os pais dele me tiraram pra tudo quanto era coisa, não foram no noivado, né. E... eu vi que ele era um pau mandado e ia se a vida inteira... que se viesse um cara com uma arma e dissesse: "eu vou matar quem... a tua mãe ou ela", ele ia mandar matar eu... eu queria alguém que gostasse de mim em primeiro lugar, eu queria ser a primeira pessoa, a primeira lista, na lista de alguém e eu não era na dele. E com o "J" eu também queria ser... e eu também não era, com o "J" eu era a última, eu acho.

De- E na tua família?

H - A minha família? Quem é que gosta de mim na minha família? Não, todo mundo gosta de mim na minha família, e eu tenho certeza que eu sou uma pessoa legal, todo mundo gosta de mim. Mas eu não sou prioridade pra ninguém, entendeu? Quem é prioridade na vida do meu pai? A minha mãe. Quem é prioridade na vida da minha mãe? É o meu pai. Quem é prioridade na vida da [irmã], a "C". E eu, e eu, eu sou eu. [Lágrimas]

De - E a tua relação com a tua mãe...

H- Tá melhor agora, a gente se vê pouco... mas quando eu comecei a trabalhar na "K", porque ela trabalha na casa da Moni, né, ela ajuda lá, como ela queria que trabalhasse na "K" também, ela fica me dando conselho, fala as coisas que o "S" fala, não sei o quê... então... a

gente se aproximou muito por causa desse negócio profissional, assim, mas eu não sou prioridade... a mãe tem o pai e o pai tem a mãe, entendeu... eu não consigo ninguém que me priorize, preferiu a [...] da mãe dele e aquele pai dele ridículo.

H - Depois que eu terminei com o “P” e comecei a ficar com o “J”, eu não falava pro meu pai... porque o meu pai é racista, porque, pelo “J” ser meu chefe... era segredo... quando ficou escancarado a relação, assim, a gente já tava muito junto, a gente ficava muito tempo junto... e às vezes a gente saía, eu ele, a [irmã] e a “C”. A “C”: “ah, vamos sair com o ‘J’.” Meio que eu comuniquei, uma rebeldia assim, “tô ficando com o “J” mesmo e ninguém pode saber, sabe. Ele não disse nada, só quando conheceu o “J”, ele disse: “moreno, um baita nego”.

De- E se ele quiser namorar, tu assume ele?

H- Óbvio! Eu sempre falo pro pai... quando ele reclama das gurias que tão fazendo bagunça, daqui a pouco eu vou arranjar um neguinho pra ti e vai ser o teu único neto homem, que eu tenho certeza que eu vou ter um neguinho pra ti carregar no colo. Aí ele começa a rir, agora ele já ta acostumado, porque ele sabe que eu gosto do “J”. E ele via que a gente conversava muito no telefone. “Isso é uma coisa muito grave, vocês ainda vão se queimar”, eles não queriam por causa do trabalho, sabe. Ele é racista, no sentido, fala, fala mal, mas ele não ia falar... só pra incomodar...

De - E em relação ao café, cigarro, na última vez que conversamos você tinha ido para o hospital em função do excesso de café...

H - Ai, eu não consigo viver por causa do café...Ah, uma coisa que eu falei pro [médico] na última vez, até eu tinha que fazer um monte de exames e eu não fiz... eu não sei o que tá acontecendo que eu não posso comer mais farinha, eu não sei...

Eu passo mal... com carboidrato, arroz, massa, bolacha... passei mal... e aí eu tenho hipoglicemia, sabe... então... eu não sei, tem uma explicação técnica pra isso, mas parece que tu come o carboidrato e pro intestino digerir aquilo, absorve muita glicose do corpo e tu tem uma queda muito brusca do teu açúcar, uma coisa assim, aí tem hipoglicemia, então, às vezes eu tô empanturrada de massa, por exemplo, eu comi bastante, e eu tenho hipoglicemia. Eu tenho hipoglicemias fortes de treme, treme, treme [...] cair no chão, eu já, sabe... eu vou ficando branca, vou ficando branca, aí eu tenho que comer açúcar, só que eu tô empanturrada de comida e eu tenho que comer, isso faz eu engordar também... agora na minha bolsa tem duas barras de chocolate, eu tenho tanto medo de ter hipoglicemia, que eu fico o tempo todo comendo chocolate, isso é desculpa, também, mas sabe aquela coisa... tive um choque, uma vez eu tive um choque de hipoglicemia, eu tava com o “P” ele deu um tabefe na minha cara, foi horrível. Eu não conseguia me mexer, só que eu via ele, tão estranho, sabe, eu via ele, mas eu não conseguia me mexer, parece um sonho até. Eu sei que eu tenho medo, eu tenho medo de ter hipoglicemia.

De - E o cigarro?

H - Eu parei desde que eu entrei na “K”. Dia cinco de março de 2005 eu parei. Eu queria tanto entrar na “K” que eu fiz promessa, aí eu engordei também, um dos motivos também foi este... Mas fuma é que nem come, né, sabe que quando eu saí da “K” a primeira coisa que eu pensei foi: “bah, agora eu posso fumar, eu saí da “K”, sabe, sem vergonha...

De - E tu querias tanto a “K”, por quê?

H- No início... porque... eu adorei! Quando eu trabalhei de temporária, eu adorei, assim, eu achava o máximo, sabe, eu ia em loja, foi muito bom, porque era uma vida muito boa. Tu ia de loja em loja, tu arrumava o brinquedo, tu conhecia um monte de gente... eu me sentia uma boneca, no sentido de que eu parecia uma criança. Eu, ai que beleza, eu ia de “chiquinha”, eu , eu... tava no meu mundo, eu adorava, adorava! Eu queria, bah, entrar na “K”, pra mim, que nunca tinha tido um salário decente, ganhar, na época era 600 e poucos pila, era o máximo, né. Eu queria muito, queria muito mesmo. E eu não queria ter saído da “K”. Quando eu tava na entrevista da “Z” e por que eu queria sair da “K”, ela me disse assim: “tu parece tão apaixonada, por que que tu quer sair?” Eu olhei e disse pra ela: “quem te disse que eu quero sair?” Aí ela me olhou, aí ela olhou para os 15 homens, todo mundo me olhou e ela: “o quê que tu tá fazendo aqui, então?” Eu disse: “tô aqui porque o meu chefe me mandou, porque eu não quero sair da “K”, só que eu não tenho opção, ele falou que se eu não sair ele me manda embora.”Ela: “Ah, tá!” Risadas. Deve ter pensado: “é louca, coitada”. Eu queria muito ficar na “K”, mas eu quero voltar, aí depois que aconteceu isso tudo... eu me obriguei a mudar, eu mudei tudo, até meu jeito de se vestir eu tive que mudar. Eu não podia abraçar ninguém, porque o “J” dizia: “tu é muito dada, tem mania de abraçar todo mundo”. Tive que mudar tudo...

De - E o quê que tu achaste dessa mudança...?

H - Agora, porque as pessoas não estavam acostumadas, no início foi muito difícil, eu tinha que passar para coordenadora, só que eu já tava com intuito de passar pra vendas, entendeu, aí eu tinha mudado, mas não tinha sido tão brusco o negócio. Aí eu comecei... ah, subiu a cabeça, ela tá antipática, ela tá metida, aí eu falei pras pessoas que [...] olha o meu chefe ta exigindo isso, eu não posso ficar... né. Aí, agora, quando eu passei... [ato falho] quando eu perdi a minha vaga na “K” foi assim o que podia ter acontecido de... Porque quando ele contratou esse cara, aí a gente passou um mês juntos, aí eu tava de férias, aí eu passei seis dias no Rio...

De - Com quem tu foste?

H - Com a “V”, uma amiga minha, foi muito bom! A gente comprou aquelas passagens baratas e foi só nós duas, não tinha pacote, não tinha nada. Foi muito bom! [...]Eu adorei tudo! A cidade maravilhosa, a gente foi conhecer o cristo, o pão de açúcar, ai guria, a gente tava há duas quadras de Ipanema e eu não consegui tomar banho de mar porque eu não tive coragem de tirar a minha roupa... isso foi o meu maior trauma. Eu prometi que ia emagrecer, que eu ia fazer cirurgia, a minha plástica, que eu ia me ajeitar e que um dia eu ia tomar um banho naquele mar. Mas eu não consegui, aquelas mulheres são muito perfeitas. O primeiro idiota que disser que gaúcha é linda, eu do na cara, né. Porque as cariocas são perfeitas, com as bundas duras, aquelas coisas maravilhosas...

De - E aqui você vai na praia?

H- Aqui eu vou, só tem mulher feia!

De - E tu põe biquíni? Ou maiô?

H - Biquíni. Eu fui pra [praia de surfistas em Santa Catarina] no carnaval, de tomara que caia, muito cara de pau. Mas no Rio não tive coragem. Os homens são lindos, todo mundo muito lindo, fique assim: “meu Deus do céu!” não consegui!

De - E, hoje, quando tu te olhas numa fotografia o quê que tu enxergas?

Nas magras? Nas novas? Tem algumas bem escolhidinhas que eu gosto, mas eu prefiro as minhas de magra, tipo na minha agenda eu tenho 2, que era quando eu pesava 72 quilos, eu quero ficar assim, aí eu fico olhando “praquelas”. Mas tipo no orkut, quando eu tiro uma foto e boto no orkut eu fico escolhendo as que eu tô magra. Mas quando eu vou comparar com as quando eu era gorda, eu não gosto muito de olhar, sabe. Tipo, na minha carteira de trabalho, tem uma foto que eu pesava 160 quilos, foi na época que eu tava emagrecendo, tava me achando linda, aí eu tirei a foto e fiz a carteira de trabalho, aí agora na entrevista pra “Z”, aí tava falando pra psicó... na entrevista individual, eu passei pra segunda fase, e eu falei pra ela que tinha feito a cirurgia. E ela: “quanto tu pesava?” Eu falei pra ela e ela não acreditou, “eu tô com a minha carteira de trabalho, tu quer ver a foto? Aqui eu já tava magra”. Aí ela olhou, mas eu não gosto de olhar, não olho, eu olho pras minhas fotos como eu me olhava pro espelho antes, se eu tava olhando pro espelho, eu olhava só pro olho ou só pro nariz, eu não fazia idéia do conjunto e na foto eu não gosto de olhar, eu não gosto...

De- E, hoje, quando tu te olhas no espelho o quê que tu enxergas?

H- Sabe que eu não tenho a visão do todo ainda, eu não consigo me olhar, eu vou olhando por partes, eu não consigo me olhar toda assim, isso é uma dificuldade que eu tenho ainda. Eu me olho em foto, em foto até eu me olho, mas no espelho é uma coisa que... pra ti ter uma idéia, no meu quarto não tinha espelho... lá em casa não tinha espelho de corpo... Aí, esses dias eu me dei conta, eu precisava de um espelho de corpo, né... porque eu acho que eu tô engordando, porque eu não me olho no espelho, olha as nóia, né... Aí eu comprei um espelho de corpo e botei na parede! Mas eu não consigo ficar parada assim... ah [careta] me olhando...Eu não sei qual é o problema, eu não consigo... ainda não, pro rosto eu até olho, porque eu me pinto, né... mas aquela coisa de se olha mesmo... não...

De - E o teu rosto, o quê que tu achas do teu rosto?

H- Agora ele tá bolachudo, né, porque eu engordei mais... risadas de todas [porque ela tem um rosto muito bonito e no olhar da entrevistadora, nada bolachudo]. Eu me acho muito velha, assim, eu acho que a minha pele caiu demais, eu acho que a minha pele tá muito flácida, tá muito mole, sabe... risadas...

Eu gosto do meu cabelo... risadas... Aí eu falo essas coisas e eu quase morro chorando, aí, porque Deus vai me castigar e eu vou voltar a ser gorda. Aí eu peço perdão a Deus, desculpa, eu não to me queixando, sabe essas coisas... Eu me sinto culpada por não ser tão feliz quanto eu achava que eu ia ser... Que horror, né...

De - Tem algo que tu não operou...

H - O [médico] me disse isso, “eu operei a barriga, não operei essa cabeça”. Só que na minha cabeça eu tinha operado a cabeça também, né...

De - A barriga não tá sozinha nesse corpo... [risadas].

H - ...só que a minha cabeça continua sendo de gorda... não sei qual é o problema... ai que tristeza!

De - [inaudível]

H - Quando a gente era pequeno, todo mundo dizia que Deus ia nos castiga... eu tenho um medo disso. Quando eu começo a me queixar, eu digo: “pronto, agora Deus vai me castigar, eu vou engordar de novo...”

Tudo, de ficar reclamando que a comida é ruim... “olha que Deus castiga, um dia tu não vai ter nada pra comer”. “Ai, mãe, eu não quero essa roupa”, “olha que Deus castiga, um dia tu não vai ter nada pra vestir!” Sabe essas coisa assim, tudo que tu falava, ela dizia que Deus ia castigar, eu tenho um medo disso. Ontem, uma amiga minha ainda falou assim: “olha que Deus castiga”. Eu disse: “não fala isso! Não fala isso que depois deixa a pessoa traumatizada, sabe. Aí eu penso: “que merda de vida” Aí eu penso: “ai meu Deus, não me castiga!” Aí, “eu tenho duas pernas, eu tenho dois braços, eu tenho emprego, eu tenho... não, não, não! Eu fico mal com isso, eu fico muito mal, “ai, meu Deus me desculpe, perdão, perdão...”

De - A culpa... faz comer...

H- Ah é, geralmente eu como, ai que horror! É uma coisa que eu não consigo me livrar, também, tudo eu desconto na comida, tudo!

De - H, uma última pergunta, porque, infelizmente, estamos no final do nosso tempo hoje... O quê que tu achas que muda em relação ao trabalho e aos homens, que no trabalho tu te achas competente, mas na relação com a tua imagem ou com os homens tu não te acha bonita?

H - Porque no trabalho eu tenho como confirmar, eu acho... Ai, ai de quem diga alguma coisa ao contrário [altera a voz]. Bah, tô louca, então, não pode dizer, não tem o que dizer...

De - Mas será que outras pessoas te confirmam também um olhar em relação a tua aparência, só que tu não percebe?

H - O “J” me achava linda, ele era uma pessoa que me botava muito pra cima, sabe... ele dizia que eu era chata mesmo, que eu era grudenta que eu não dava espaço pra ele, que eu era criança, esse tipo de coisa... Eu cobrava muita coisa dele, sabe... tipo assim: “Eu quero te ver”. “Hoje não dá.” “Como assim, não dá? Não, eu quero ter ver porque não sei o quê...” Eu sou um grude, sabe, eu quero que uma pessoa goste de mim! Eu sou muito grudenta com tudo...

De - Com o quê que tu lembra..?

H - Hoje, a “V” essa minha amiga. Eu não consigo almoçar sozinha, eu não consigo fazer nada sozinha. Quando eu passei pra “Z” agora, eu passei, faz três sextas-feiras que eu passei pra noite sozinha, tu acredita? Como eu sei que eu vou ter que passar um tempão sozinha, eu tô treinando... Porque eu não conseguia nem almoçar sozinha, isso era uma coisa que deixava o “J” indignado! “Onde já se viu, uma mulher não conseguir almoçar sozinha...” Eu sempre tenho que tá com alguém... grudada, se for alguém que goste de mim, tipo o “J”, melhor ainda, mas... Eu gosto de tá com alguém, eu não gosto de ficar sozinha... Por isso que acham que eu sou muito infantil porque eu não consigo fazer muita coisa sozinha...

A entrevista é interrompida... e, logo, finalizada.

ANEXO - CONSENTIMENTO INFORMADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O Presente trabalho tem como referencial teórico a psicanálise freudiana e lacaniana e tem como objetivo pesquisar sobre a Morbidez como possível recusa do trágico mediante três entrevistas de um estudo de caso e as teorias da Psicanálise, bem como a arte trágica.

A pesquisadora compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados pessoais estão sob o sigilo ético, não sendo mencionado o nome do participante em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. Garante, ainda, que a participação nesta pesquisa não oferece risco o prejuízo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa compromete-se a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone 98-261-698.

Após ter sido devidamente informada sobre esta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas, eu, R.G. núm., concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora

_____, _____ de _____ de _____.